FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | QUINTA-FEIRA, 16 DE MAIO DE 1968 | ANO 48.º — NÚMERO 16310

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA — TELEX. 1363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

UMA GRANDE E AGRADÁVEL SURPRESA

FÉRIAS EM PORTUGAL

Você decerto já pensou nas suas férias, este ano. Toda a gente o deve ter feito, por esta altura. Se por acaso se esqueceu, este calor súbito e o sol brilhante encarregaram-se de lhas lembrar. E se só agora as férias entraram na sua memória, não há dúvida que não tem tempo a perder. Arranjar uma casa para um, dois ou três meses de Verão, já não é tarefa fácil. Marcações, reservas em estabelecimentos hoteleiros estão também quase todas esgotadas. Se assim for, não tem outro remédio senão escrever a palavra «FÉRIAS», em letras gordas, na sua agenda ou bloco. Ela entrou na ordem do seu dia. Quanto mais se trabalha, mais se pensa nuns dias de repouso, para retemperar o corpo e o espírito a fim de estes estarem capazes de reentrar em boa forma na grande roda consumidora das energias que se chama trabalho.

Por outro lado, os filhos vão terminar os exames e vão ne-

(Continua na página seguinte)

BASTA UM PALPITE!

427 LEITORES VATICINARAM O MINUTO 69.º PARA O GOLO DE EUSÉBIO

— E TRÊS DELES VÃO A LONDRES

Violentos tornados nos Estados Unidos

• 49 mortos e 600 feridos

NOVA YORK, 16 — (F. P.) — Tornados de rara violência varreram ontem o Middle West, nos Estados Unidos, causando, pelo menos 49 mortos e perto de 600 feridos, além de estragos materiais que atingem muitos milhões de dólares.

Pelas 17 horas locais, um primeiro tornado devastava Oelwein (8280 habitantes), no nordeste do Iowa. No centro comercial da vila, estabelecimentos e escritórios desabaram como castelos de cartas. Depois, o furacão cindiu-se em dois e devastou os bairros residenciais. Não resta uma só vidraça inteira nas janelas dos prédios de Oelwein, inumeráveis telhados foram pelos ares, paredes desmoronaram-se, todas as árvores e os postes telegráficos foram arrancados pela ventania, automóveis levantados no ar desfizeram-se de encontro ás paredes. Bairros houve que ficaram completamente arrazados. Nesta localidade, contou-se 1 morto e mais de 50 feridos, sendo muito grave o estado de alguns.

Uma hora mais tarde, era a vez de Charles City, de 10 400 habitantes, vizinha de Oelwein. Aqui, o balanço das vítimas é nitidamente mais elevado: 12 mortos e mais de 350 feridos, balanço este que talvez não seja definitivo, porque as equipas de socorro mal começaram ainda a remover os escombros. Em Charles

(Continua na 16.ª página)

BOB KENNEDY AGREDIDO EM LOS ANGELES

LOS ANGELES, 16 — (R.) — Anuncia-se que o senador Robert Kennedy teria sido atingido por qualquer coisa que lhe atiraram quando saía, ontem á noite, de uma reunião eleitoral nesta cidade.

Uma testemunha ocular disse que Kennedy caiu de joelhos dentro do carro, com o impacto.

O incidente deu-se quando o carro aberto do senador saía do «Valley College» por entre uma multidão de partidários.

Bob Kennedy tinha sido já molestado á chegada, quando veio fazer a campanha para as eleições primárias presidenciais democráticas, em 4 de Junho.

A Polícia foi forçada a fechar as portas de um colégio quando cerca de cinco mil pessoas pretendiam entrar para o ouvir, afastando os guardas.

Entretanto, a Polícia informou que Robert Kennedy não tinha ficado ferido.

O BENFICA A CAMINHO DE WEMBLEY

(LER NA 23.ª PÁG.)

VISADO PELA CENSURA
HOJE — 36 PÁGINAS

ENCONTRO DA PAZ EM PARIS

AS DELEGAÇÕES ESTUDAM PORMENORIZADAMENTE AS DECLARAÇÕES INAUGURAIS

PARIS, 16 — (R.) — Espera-se que continue, nesta capital, durante várias semanas, o duelo diplomático sobre formas de acabar com a guerra no Vietnam, antes dos Estados Unidos e o Vietnam do Norte iniciarem discussão realística nas suas conversações preliminares de paz.

Ambas as delegações iniciaram hoje um estudo pormenorizado das declarações dos dois países, a seguir á segunda sessão plenária de ontem, que não produziu

(Continua na 16.ª página)

Nove Marias e uma Rita. Livres? Não: presas ao sonho de uma viagem maravilhosa. **(Ler na 11.ª página)**

De ontem para hoje

A UNIVERSIDADE NO ENSINO

— Universidade renovada ou escola superior profissional? — eis uma das questões fundamentais que se impõem a ponderadas meditações quando se encaram os problemas básicos no panorama da ampla e eficiente inovação, imprescindível na urgente reforma, adaptável aos tempos actuais, do ensino nos seus variados escalões. O assunto foi posto, mais uma vez, pelo sr. prof. Leite Pinto, na sua conferência subordinada ao tema de flagrante actualidade «Papel da Universidade na formação de dirigentes», incluída no Colóquio para Dirigentes Superiores de Administração Publica, no Laboratório de Engenharia Civil. O antigo ministro da Educação, começando por se ocupar do conceito de intelectual e sua evolução, falou dessa função no período da Renascença e salientou o papel das Universidades e dos humanistas; e, ao relacionar a função intelectual com a função publica, concluiu ser a primeira uma aptidão necessária para o exercício da segunda. No desenrolar do tema do seu importante trabalho e, articulados os pontos anteriormente desenvolvidos com a mutabilidade acelerada da cultura do século XX, o sr. prof. Leite Pinto considerou diversos aspectos da convivência do homem com as máquinas que criou.

PROBLEMAS ACTUAIS ECONÓMICO-FINANCEIROS

Na Faculdade de Filosofia de Braga o sr. prof. Daniel Barbosa, que foi apresentado pelo rev. dr. Paulo Durão, em nome do reitor, iniciou uma série de lições sobre actuais problemas económico-financeiros. Nessa primeira desenvolveu o tema: «Significado e implicações da desvalorização da libra; suas repercussões na conjuntura económica portuguesa actual». O catedrático do Instituto Superior Técnico, governador do Banco de Fomento Nacional e antigo ministro da Economia, falou largamente do significado e das implicações da desvalorização da libra. A certa altura, e relativamente ao problema económico-social português, o sr. prof. Daniel Barbosa apresentou as soluções admissíveis, olhando á natureza das despesas e á potencialidade e viabilidade das receitas, e fê-lo com um apontamento de referência ao próprio campo do Orçamento Geral do Estado, para distinguir o que julgou ser um critério estático e um critério dinâmico do equilíbrio orçamental. Considerando, depois, e para uma extrapolação á macroeconomia, as relações existentes no mundo de hoje entre Portugal e diversos países estrangeiros — relações a traduzirem-se pela entrada e pela saída de divisas do País —, o orador explicou pormenorizadamente o que se entende por uma Balança de Pagamentos, bem como por Balança Comercial, de Serviços, de Rendimentos e de Capitais que a integram. E, a terminar, referiu-se aos movimentos visíveis e invisíveis de divisas, bem como á chamada Balança das transacções correntes.

PEQUENO E ABNEGADO HERÓI

Andavam cerca do monte da Corte Pequena, em Mértola, guardando porcos, António Palma Raposo, de 12 anos, aluno da 4.ª classe, filho da sr.ª Ana Maria Palma e do sr. José Manuel Raposo, e António Lampreia Bonito, de seis anos, filho do sr. Miguel Bonito e da sr.ª Isolinda Maria Felicidade. A certa altura foram brincar para junto de um poço, do qual o mais velho, com uma pequena lata, presa a um fio de ceifeira, tirava água. Debruçando-se de mais, o António Lampreia caiu no abismo e teria lá ficado, se o outro rapazito, corajosamente não o salvasse atirando-lhe o fio de ceifeira agarrado ao qual o companheiro em risco conseguiu subir até á boca do poço e tremendo ao sopro gelado da morte, vencida pelo corajoso António Palma.

FUTEBOL SUBJUGADOR

Sob a emoção de um lance mais espectacular no encontro de futebol — que fascina e subjuga as multidões — morreu um entusiasta emocionável diante do *écran* da televisão a transmitir de Turim o desafio Juventus-Benfica. O famosíssimo Eusébio marcara o tento e esse telespectador foi acometido de doença súbita que o vitimou no hospital. Era o sr. Manuel do Lago Maria Torres Magalhães, de 49 anos, casado, proprietário, residente em Casa de Valinha (Ponte de Lima), cunhado do presidente da Câmara Municipal daquela vila, sr. dr. Álvaro Vieira de Araújo.

FÉRIAS EM PORTUGAL

(Continuação da página anterior)

cessitar de repouso fora do ambiente normal de todo o ano. Se eles ainda são pequenos, o pediatra dirá: «A criança necessita de iodo», ou «Tem que passar uma temporada no campo».

Os ruídos ásperos dos travões, a poluição do ar que diáriamente respira, todo o «bruah» da grande cidade, está também exasperando os seus nervos cansados.

Mas se viver numa pequena vila ou aldeia, haverá um meio cosmopolita a atraí-lo. Férias, para qualquer um, devem ser contrastes. Também sabemos isso. Não é assim, amigo leitor da província?

Você pode tomar tranquilissantes. Até pode fazer «yoga». Mas isso não lhe vai solucionar o problema. Por mais que lhe queira escapar, uma palavra só começa a tomar forma na sua mente. Dentro em pouco, ela vai ser obsessão. Essa palavra é «Férias».

E, depois, este sol e luminosidade que lhe entram pela janela do escritório ou da oficina... as articulações que gemem quando você muda de posição... Sim. É só isso. O unico caminho. Vá de férias!

Todos têm direito a elas. Todos têm necessidade. Claro, todos deviam, mas! Nós compreendemos. As dificuldades. Ir de férias não é só dizer: «Vou de férias». Evidentemente, que poderia ficar na cidade, ir ao parque, dar um salto á praia. Mas isso não aproveitaria, e você sabe-o.

Mas como ir? A renda da casa na cidade, outra casa a alugar, as deslocações, a alimentação... Como? Sim, nós compreendemos o seu problema. Nós sabemos isso.

Esse é o motivo, aliás, porque também o «Diário de Lisboa» pensou em férias, este ano. Mas para si. Como? Ainda é surpresa. Mas vai ser das grandes. Uma grande e agradável surpresa. Falta pouco para você estar dentro do segredo. Não queira já saber tudo. Fique-se com esta garantia: o «Diário de Lisboa» vai resolver-lhe quase todos os problemas. E você poderá ir de férias e estas serão inesqueciveis, acredite.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Maria Antónia Martins Machado

BRAGANÇA, 16 — Na sua casa, sita na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, desta cidade, faleceu, após breve doença, a sr.ª D. Maria Antónia Martins Machado, de 88 anos, natural de vila e concelho de imioso, viuva do sr. Luciano Augusto Machado.

A extinta era mãe dos srs. coronel Augusto José Machado, presidente da Junta Distrital de Bragança; Alberto da Cruz Machado, oficial dos C. T. T., aposentado; D. Laura Margarida Machado Pereira, professora, aposentada, do ensino primário; dr.ª D. Margarida Aurora Machado Rodrigues, farmacêutica; e D. Amélia Machado, funcionária da secretaria da Direcção Escolar deste distrito.

O funeral efectuou-se da igreja da Misericórdia para jazigo de família no cemitério da cidade.

Adriano Guedes

Faleceu o sr. Adriano Guedes, de 64 anos, natural de Bustelo da Laje (Cinfães), construtor civil, sócio gerente da firma Martins e Guedes, Lda.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se hoje, às 16 e 30, da Basílica da Estrela para o cemitério do Lumiar.

1º CONCURSO "MACIEIRA"

Resultado do sorteio efectuado no dia 13 de Maio perante os representantes da autoridade e referente à 2.ª fase realizada no dia 3 de Maio na T. V.

1.º Prémio: 12 copos-balão de cristal

★ Armando Martins — Postal n.º 535
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa

2.º a 51.º Prémios: 1 Caixa de 6 garrafas de MACIEIRA OLD BRANDY, cada:

★ Carlos Manuel Santos Gaspar — Postal n.º 664
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Jorge Angelino Barbosa — Postal n.º 1120
Rua do Crucifixo, 68-4.º — Lisboa
★ D. Maria Emília Duarte Maia — Postal n.º 858
Av Barbosa du Bocage, 128-r/c., Esq.º — Lisboa
★ Joaquim das Chagas Cirne — Postal n.º 198
Rua do Cura, 39-1.º, Esq.º — Lisboa
★ João Luis Gonçalves de Oliveira — Postal n.º 1588
Rua Praia de Pedrouços, 130-3.º, Esq.º — Lisboa
★ D Maria Odete Santos Alves — Postal n.º 1486
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Maria Isabel da Silva Duarte — Postal n.º 617
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D Matilde da Silva — Postal n.º 890
Travessa da Conceição, 51 — Lisboa
★ Manuel Soares Inês — Postal n.º 936
Rua Frei Amador Arrais, 13-4.º, Esq.º — Lisboa
★ Felismina Pereira Magalhães Silva — Postal n.º 267
Largo Senhora-a-Branca, 58 — Braga
★ Jorge da Cunha Branco — Postal n.º 805
Travessa da Senhora da Glória, 1-1.º-Dt.º — Lisboa
★ Luiz Alberto Pais de Figueiredo — Postal n.º 903
Rua do Armistício, 20-2.º, Esq.º — Moscavide
★ Fernando S. R. Andrade — Postal n.º 985
Rua António Luís Moreira, 28-1.º — Moscavide — Lisboa-6
★ António Luís Chaves Damaso de Morais — Postal n.º 621
Rua da Praia de Pedrouços, 130-3.º, Esq.º — Lisboa
★ D. Ana Rosa Duarte Soares Marques — Postal n.º 1271
Rua Gonçalves Crespo, 6-3.º, Esq.º — Lisboa
★ Alfredo Augusto Esteves — Postal n.º 1129
Rua Academia das Ciências, 15-1.º, Dt.º — Lisboa
★ D. Maria João Gonçalves Torres — Postal n.º 98
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Zélia Rita Ventura — Postal n.º 680
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Joaquim António da Piedade — Postal n.º 937
Travessa da Conceição, 51 — Lisboa
★ José Manuel Caldas dos Santos — Postal n.º 679
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Gregório Manuel Vicente Inês — Postal n.º 939
Rua Frei Amador Arrais, 13-4.º, Esq. — Lisboa
★ José Martins — Postal n.º 714
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Joaquim da Silva Rodrigues de Andrade — Postal n.º 953
Calçada Marquês de Abrantes, 7-2.º — Lisboa
★ José Manuel Barreiros — Postal n.º 1226
Rua da Madalena, 193 — Lisboa
★ António Cunha — Postal n.º 283
Rua Justino Teixeira, 201 — Porto
★ Celso Campinho Ferreira — Postal n.º 1597
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Fernando Barradas — Postal n.º 901
Estrada de Benfica, 459-2.º, Esq.º — Lisboa
★ D. Vera Maria Leal Lima — Postal n.º 347
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ José Alberto Rocha Pinto — Postal n.º 1331
Largo Dr. António Viana, 2-7.º, Dt.º — Lisboa
★ António José Martins Gabriel — Postal n.º 424
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Lídia Ribeiro — Postal n.º 1196
Rua Francisco M. Beato, 27-A — Moscavide — Lisboa-6
★ José Luís Assunção Magalhães — Postal n.º 843
Rua C Lote 484 — porteira — Olivais Sul
★ Daniel António Augusto Vieira
Av. Senhor Jesus dos Navegantes, Lote, 9-2.º, Dt.º—Paço d'Arcos
★ Nuno José Leal de Lima — Postal n.º 475
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Maria Olímpia Caldas dos Santos — Postal n.º 662
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Maria Graciete M. A. Januário — Postal n.º 775
Rua Pinto Ferreira, 42-r/c., Esq.º — Lisboa
★ D. Cacilda Martins de Almeida — Postal n.º 968
Rua Luís de Queirós, 12, 3.º, Dt.º — Almada
★ Carlos Jorge Mariano Martins — Postal n.º 393
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Joaquim Dinis Soares — Postal n.º 48
Fábrica de Rebuçados — AFIFE
★ D. Maria Manuela Vasques dos Santos — Postal n.º 1567
Av. Combatentes G. G., 58-r/c. — Amadora
★ Arlindo Nunes Lucas — Postal n.º 1573
Bairro da Liberdade — Rua B. Letras J. N. L.-r/c. — Lisboa
★ D. Cecília Oliveira Almeida — Postal n.º 928
Rua Luís Queirós, 12-3.º, Dt.º — Almada
★ Fernando Eurico Thelmudo de Barros — Postal n.º 1457
Rua Praia de Pedrouços, 130-3.º, Esq.º — Lisboa
★ Álvaro Alves Dinis — Postal n.º 50
Fábrica de Rebuçados Nazaré — Afife — Minho
★ D. Maria Virgínia Gomes Augusto — Postal n.º 1520
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ Alexandre José Faria — Postal n.º 687
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Maria de Lourdes Lopes — Postal n.º 1267
Rua Castilho, 59-cave, Dt.º — Lisboa
★ Pedro Manuel Tavares Correia — Postal n.º 1531
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ José Eugénio dos Santos — Postal n.º 706
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
★ D. Maria Martins Narciso — Postal n.º 1339
Rua Castilho, 59-c/v. — Lisboa

Os prémios deverão ser levantados na sede de MACIEIRA & C.ª, LDA., Rua Ivens, 45-47 — Lisboa, até ao dia 13 de Novembro de 1968.

DIA 17 DE MAIO, À NOITE, NA T. V. 3.ª FASE DO 1.º CONCURSO MACIEIRA

HOJE, ÀS 22 HORAS M/ 6 ANOS

TOIROS e JUVENTUDE CAMPO PEQUENO

GARRAIADA DOS ESTUDANTES DE AGRONOMIA E VETERINÁRIA

CAVALEIROS
JOSÉ NÚNCIO FRAGOSO
FREDERICO CUNHA
JOSÉ SOMMER D'ANDRADE

«ESPADACHINS»
ANTÓNIO SIMÕES MONTEIRO
MANUEL GUERRA
ANTÓNIO MALTEZ

7 FEROZES GARRAIOS

FORCADOS AMADORES DE AGRONOMIA E DE VETERINÁRIA chefiados por Francisco Barradas e António Lucas

CAMPINOS: **Sardinha de Oliveira e Fernando Cardoso**

E AINDA OS SENSACIONAIS NÚMEROS:

SALTO MORTAL a cargo de Deocleciano Silva e INTERVALO CÓMICO

Telefones: 77 18 19, 76 15 39, 32 17 12 e 3 07 69

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis

Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 27 72 - 28 00 22

Ora diga-nos...

— Costuma comprar na Feira do Livro?

Às vezes é preciso que os livros venham ter-nos às mãos, que eles se aproximem de nós, para termos conhecimento da sua existência. Por umas razões ou por outras, nem todos dispomos de tempo para irmos às livrarias. Mas a Feira do Livro é a solução. À noite, pode ir-se até lá dar um passeio. E sempre se compra, nem que seja o famoso «Cem maneiras de cozinhar bacalhau»...

● *A sr.ª D. Rosália Rodriguez Viegas, de nacionalidade espanhola mas há muitos anos residente em Portugal, disse-nos:*

— Quando posso, vou até lá. Claro que nem sempre compro, mas muitas vezes aproveito. Já vê, o nosso trabalho é facilitado e, além disso, ainda há os descontos.

— ?

— Prefiro as obras de carácter histórico. De romances gosto pouco.

● — Sim, aproveito sempre. Todos os anos faço uma boa colheita na Feira do Livro, *diz-nos a sr.ª D. Maria Joaquina Azinheira, funcionária da Previdência.*

— A maior parte do meu tempo de leitura é dedicado a John Steinbeck, autor que muito aprecio. No entanto, também gosto de literatura de outro género. Mas as descrições de cenas de

guerra sempre despertaram em mim uma curiosidade muito especial.

● *Colega da entrevistada anterior, a sr.ª D. Maria Teresa Braga, embora goste de ir à Feira*

do Livro nem sempre vem de lá com qualquer obra para casa:

— Mas gosto de ler, lá isso gosto. Aprecio livros «com pés e cabeça», histórias que acabem bem. Tenho especial interesse pela poesia e nunca perco a mínima oportunidade de ler, por exemplo, Florbela Espanca ou António Nobre.

— ?

— Bem, comprar na Feira do Livro tem certas vantagens. É o caso dos descontos, por exemplo, que é muito importante.

Os subsídios às Juntas de Freguesia discutidos na reunião do Município

A reunião pública mensal da Câmara Municipal de Lisboa presidiu o general França Borges, ladeado pelos vice-presidentes srs. Aníbal David e D. Segismundo da Câmara Saldanha. Assistiram nove vereadores, directores de serviços e chefes de repartição.

O presidente propôs que ficasse registado na acta o profundo pesar da Câmara, pela morte, em campanha, do tenente piloto-aviador José Cazal-Ribeiro de Carvalho, filho do antigo vereador e actual deputado sr. Francisco Cazal-Ribeiro.

O sr. Manuel Casimiro de Oliveira proferiu, a propósito, palavras de pesar pelo infausto acontecimento, afirmando, a certa altura: «Que em toda a sua extensão saibamos colher os frutos dessa sementeira de exemplos: o de um pai que fala aos filhos dos outros a mesma linguagem com que se refere ao seu próprio filho, na hora incerta da separação dolorosa».

Depois, o presidente comunicou que, de 20 a 28 de Maio, estará ausente, por motivo da sua viagem a Nova York, e que foi resolvido dar o nome do maestro Pedro de Freitas Branco a uma artéria da cidade.

O sr. Manuel Casimiro de Almeida agradeceu a verba que, no Plano de ctividades para 1968, é concedida ás Juntas de Freguesia de Lisboa, dizendo:

«*Mercê de tal resolução poderão, de certo modo, ser compensadas aquelas Juntas que, desde 1964, não tiveram qualquer aumento, não obstante o crescente volume de encargos que as vêm sucessivamente assoberbando, tanto nas despesas obrigatórias como nas facultativas, nomeadamente nas de carácter social e assistencial.*

«*E se já era errado, quanto a mim, o critério adoptado até 1964 pela União das Freguesias do Concelho de Lisboa — que esta Câmara continuou a adoptar — baseando* exclusivamente *no censo populacional a avaliação das necessidades paroquais para efeitos distributivos das verbas globais destinadas a subsídios para fins de assistência, eu continuo a raciocinar á volta dos aspectos quantitativo e qualitativo das populações respectivas*».

Vai ser dado o nome de Pedro de Freitas Branco a uma artéria de Lisboa

Declarou, por fim, ficar a aguardar, da boa vontade e da competência dos mais aptos e esclarecidos, os cálculos actuais que se impõem para o estabelecimento e fixação de uma fórmula que permita servir de base a um critério distributivo mais seguro.

A próxima reunião pública efectua-se no dia 20 de Junho.

COMBATENTES PORTUGUESES NO 50. ANIVERSÁRIO DE LA LYS

Em avião militar seguiu para Paris a delegação de combatentes da Grande Guerra, sócios da Liga dos Combatentes, que vai representar o nosso País e aquela patriótica instituição nas cerimónias do 50.º aniversário da batalha de La Lys.

A delegação é constituída por dez elementos e presidida pelo sr. contra-almirante Marques Esparteiro, vice-presidente da Comissão Central Administrativa da Liga dos Combatentes, o qual seguiu já para França por via férrea. Os restantes nove antigos combatentes são os srs.s general Valente de Carvalho, drs. José de Sousa Carrusca e Alfredo Augusto Filipe, capitães Gomes Rocha, Baltasar de Castro e Delfim Neves e Carlos Caetano Rei e Fernando Araújo Alegria.

ACIDENTE INVULGAR

Um nomem que se encontrava parado á porta de um estabelecimento comercial em Vila Verde dos Francos, Alenquer, foi apanhado por uma corda que pendia de uma camioneta em transito. Laçado pelas pernas, foi derrubado e arrastado, ficando muito ferido na cabeça. Transportado para Lisboa, foi internado no Hospital de São José.

O CASO DO PESQUEIRO AFUNDADO

Enquanto a localidade de Ribamar, subjugada ao peso da tragédia, chora os seu mortos, prosseguem as investigações para encontrar o navio que ontem, ás primeiras horas da madrugada, ao largo de Peniche, abalroou o pesqueiro «Certa», causando a morte de quatro pescadores.

A Polícia Marítima vistoriou todos os navios entrados no Tejo

No porto de Lisboa, a Polícia Marítima efectuou uma vistoria a todos os navios que entraram a barra, quer aos que demandaram a área das Berlengas, quer aos que passaram mais ao largo, procurando indícios de abalroamento, nomeadamente vestígios de tinta amarela, proveniente do pesqueiro abalroado.

Apesar de nada ter descoberto, a Polícia Marítima convocou, para esta tarde, os capitães de todos os barcos portugueses e estrangeiros surtos no Tejo.

Tvoluma-se a ideia de que a fuga do navio abalroador constitua acto criminoso. Mesmo que o navio fosse dirigido por piloto automático, ter-se-iam sentido a bordo os efeitos da colisão. Um oficial da Marinha portuguesa recordou que, por vezes, no alto mar, mesmo a bordo dos mais poderosos navios de guerra sente-se o choque com os toros de pinho á deriva.

De qualquer modo, admite-se que a lagosteira afundada estivesse sem luzes no momento do acidente, porquanto és costume dos pescadores trabalharem ás escondidas uns dos outros, na ânsia de descobrir os melhores bancos.

Quanto ao navio abalroador, pensa-se que se destina aos portos do Mediterrâneo, pelo que a Polícia Marítima pediu o auxílio da Interpol.

Dirige as investigações o comandante da Polícia Marítima, capitão-de-fragata Olegário Borges, auxiliado pelo adjunto do comando, sr. Manuel Cabaço, pelo chefe Gonzaga Pratas e pelo subchefe Martins Baptista.

Recepção no «Mercado de Abril»

As festas do «Abril em Portugal» continuam a beneficiar dos favores que este mês de Maio nos trouxe e os turistas encontraram, finalmente, o sol que esperavam e os cartazes lhe tinham prometido.

Por isso, a exposição «Turismo de Hoje» tem sido muito visitada ùltimamente, mas as maiores atenções estão voltadas para o «Mercado de Abril» onde, hoje, o Comissariado do Turismo oferece uma recepção em honra dos 350 delegados de vinte e seis países que participam no 17.º Congresso Internacional dos Transportadores. Algumas das maiores empresas transportadoras mundiais ligadas ao turismo estão também representadas na recepção.

Pia Degermark gosta do Algarve

A actriz-estudante sueca Pia Degermark aceitou o convite do Comissariado de Turismo, no sentido de prolongar, por mais um dia, a estadia no Algarve. Assim, «a melhor actriz do ano» que devia regressar hoje a Lisboa, só amanhã deixará o Algarve, continuando instalada no Hotel Alvor, na praia dos Três Irmãos.

Na noite do seu regresso á Suécia, Pia Degermark assistirá á ante-estreia do filme «Elvira Madigan», do qual é protagonista e que será estreado em Outubro nos cinemas de Lisboa.

AGÊNCIA BANCÁRIA EM ALJUSTREL

ALJUSTREL, 16 — Em instalações provisórias, no centro desta vila, abriu, ontem, uma agência do Banco da Agricultura. Há muito tempo que se fazia sentir a necessidade da existência em Aljustrel de uma instituição bancária, dado o volume das transacções comerciais. A agência será dirigida pelo sr. João Moreira Martins.

1918·1968

CICLO DE CONFERÊNCIAS

"50 ANOS DA VIDA PORTUGUESA"

MAIO - 16

«50 ANOS DO AUTOMÓVEL»

pelo Dr. Mário Madeira

NO STAND VOLKSWAGEN, AV. DA LIBERDADE, 12 - LISBOA

PELAS 21, 45 HORAS

DESANIMADO DESMEMORIADO CANSADO?

os nervos são a causa mais frequente da pouca saúde e da neurastenia

SÓ O SANATOGEN PODE DAR AOS SEUS NERVOS TODO O ALIMENTO DE QUE ELES NECESSITAM:

Proteína concentrada (com 20 % de ácido glutâmico) — nutre mais, num pequeno volume, as células nervosas esgotadas. Indispensável para a revitalização do seu organismo.

Fósforo — nutre as células e ajuda as funções cerebrais, activando as faculdades da memória e percepção.

Vitaminas — ajudam todo o organismo a conseguir o equilíbrio, restaurando a energia vital.

DUAS COLHERINHAS EM MEIO COPO DE AGUA, TRES VEZES AO DIA ... UMA DOSE TRIPLA DE SAÚDE E ENERGIA

diese PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.

Av. da República, 46 r/c-LISBOA1

Sanatogen

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

MARIA VITÓRIA

«Pão, pão... queijo, queijo» em últimas representações

Esta é a última semana de presença, nos cartazes de Lisboa, da famosa revista popular «Pão, pão... queijo, queijo»: o êxito mais marcante da actual temporada teatral e, incontestàvelmente, um dos maiores triunfos até hoje registados em tablados portugueses. Produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, a revista «Pão, pão... queijo queijo» está a caminho de um ano de presença nos cartazes: prova irrefutável do mérito deste espectáculo que obteve a mais alta classificação até ao momento conferida pela Casa da Imprensa. Exactamente, dois «Prémios de Imprensa»: respectivamente ao texto de Aníbal Nazaré, Eugénio Salvador e José Viana, e ao talento de Mariema, a actriz do ano.

Com música de João Nobre e Carlos Dias, a revista «Pão, pão... queijo, queijo» ostenta montagem de Hernâni e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa de António Paiva (dirigido por Josefina Soares), coreografia de Mariano Franco, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Salvador. O elenco é verdadeiramente sensacional: Eugénio Salvador, José Viana, a vedeta internacional

(Continua na 6.ª página)

COM O CALOR QUE TEM FEITO NOS ÚLTIMOS DIAS, JUNTE-SE A MATT HELM E DIVIRTA-SE EM ACAPULCO!

COLUMBIA FILMS apresenta uma produção de IRVING ALLEN

DEAN MARTIN em MATT HELM

ESQUEÇA-SE UM POUCO DAS SUAS PREOCUPAÇÕES QUOTIDIANAS... E PARTILHE AS AVENTURAS DE MATT HELM!

Adultos

QUEM BRINCA COM O FOGO... QUEIMA-SE

"The Ambushers"

Com SENTA BERGER · JANICE RULE · JAMES GREGORY · BEVERLY ADAMS em LOVEY KHAVEZIT · e as "Slaygirls"

Realiz. de HENRY LEVIN · Música composta e dirig. por HUGO MONTENEGRO · Baseado na novela de DONALD HAMILTON · Produção de IRVING ALLEN

Argumento de HERBERT BAKER · A Meadway-Claude Picture/ TECHNICOLOR

Deslumbrantes toilettes do famoso costureiro CASSINI

SÃO LUIZ As AMANHÃ EMOCIONANTE ESTREIA As 21.45 ALVALADE

Nunca um filme de amor teve tanto imprevisto!
A história de uma mulher que fugia do seu passado!

MARIE-FRANCE BOYER e PIERRE VANECK

(ADULTOS)

Um filme de SERGIO GOBBI

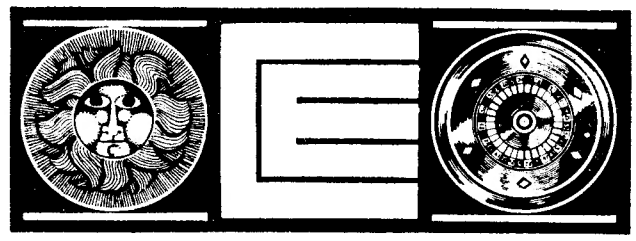
Um filme PARAMOUNT

A MULHER DESCONHECIDA (L'ÉTRANGÈRE)

EASTMANCOLOR

Diálogos de JEANNE CRESSANGES - Cenários de SERGIO GOBBI

AMANHÃ EMPOLGANTE ESTREIA no MUNDIAL



NOVO CASINO ESTORIL

HOJE

EM ESPECTÁCULO EXTRAORDINÁRIO

JULIETTE GRECO

THE OTHER BROTHERS

VEDETAS DO CINEMA, DA TV E DO DISCO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

PALERMO AND PHILLIPS

HELENA TAVARES

THE RICHARD KENT STYLE

EDUARDO NASCIMENTO

e "OS ROCK'S"

JORGE COSTA PINTO

e sua orquestra

PREÇOS — SALÃO RESTAURANTE (às 23.00 H.
para maiores de 7 anos)
Entrada 150$00, com direito a 50$00 de consumo
Jantar 200$00
«WONDER BAR» (à 1.00 H. para maiores de 21 anos)
Entrada 150$00, com direito a 50$00 de consumo
TAXAS E IMPÓSTOS NÃO INCLUÍDOS
A reserva de mesas só é respeitada até 24 horas antes do espectáculo

TRAJE DE NOITE

TODAS AS NOITES
O HABITUAL «SHOW»

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR A 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA, ÀS 17 E 21.30 H.

«O COMANDANTE ROBIN CRUSOÉ»

(MAIORES DE 12 ANOS)

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

FUTEBOL — **Os apreciadores têm tirado a barriga de misérias. É aproveitar, que a estação acaba não tarda muito — se é que na roda do ano acabe alguma vez, não?**

Escuso de vincar a importância destes jogos na popularidade da televisão e na popularidade do próprio futebol. Entretanto, o publico telespectador entretém-se inocentemente, o publico do estádio agita bandeirinhas, brinca aos balões (publico-menino...), grita, desabafa, chama coisas feias não sabe a quem, não sabe porquê... Entretanto, o campo está rodeado de anuncios, uma festa comercial a apertar, num abraço de jibóia, a festa desportiva: é o salami, é o aperitivo, são os «vini Calissano», são os relógios, são o qualquer coisa super, é a nova marca de automóveis, é um apregoa que se faz tarde.

Neste aspecto, o desafio de Turim não se distinguiu de nenhum dos seus congéneres. Mas, no aspecto pròpriamente televisivo, o espectáculo foi agradável de seguir, com a preferência pela perspectiva larga, que, se por um lado nos dá menos a presença individual do jogador, por outro nos possibilita o jogo do conjunto, a verdade do «association», que é a verdade do futebol. Muitos telespectadores distraídos esperavam a repetição do golo do Eusébio, habituados como estavam á papinha, ao «porridge» britânico. Aí falhou a R. A. I.

Não quero, porém, esquecer a actuação verborreica do comentador Alves dos Santos. Foi qualquer coisa dolorosa de sustentar, aquela voz monocórdica, apagada, que não se calou um instante ao longo dos 90 minutos, que não deixou um instante de repouso dos nervos e á paciência dos telespectadores. Não me parece útil para ninguém que as palavras repitam aquilo que os olhos estão a seguir; não me parecem úteis os comentários fúteis, desnecessários e, até, despropositados; não me parece útil distrair o telespectador, por-se a todo o momento entre o telespectador e o espectáculo, entre ele e a sua emoção. Interrompe o circuito. É um corpo estranho. E os corpos estranhos só produzem pérolas no corpo das ostras.

IRONSIDE, O CHEFE PARALÍTICO — Desculpa, Ironside, não és apenas paralítico: és, também, filósofo. Na filosofia chegas a ser shakespeariano como burro. Deste jogo o sinal da tua condição quando, de olhos postos no cadáver deitado ao comprido, em repouso absoluto, habitual depois de um balázio daqueles, murmurou de cenho carregado: «Ninguém devia morrer num corredor de hotel!». Também acho, Ironside. Morrer na sala de jantar deve ser mais agradável, em especial se for logo depois do almoço. De qualquer modo, Ironside, acho que fizeste bem ao abandonar (por quanto tempo?) as agruras da guerra fria. Não queiras meter-te nessas intrigas de alto calibre. Trata do teu crimezinho, tás a perceber? Isto não quer dizer que o crimezito de ontem tivesse um interesse por aí além. Tu manobras em relação aos telespectadores como o noivo da cega reage em relação á cega: «Olha, minha filha, não penses: eu penso por ti». Tu também pensas e nós nunca sabemos o que tu pensas, porque tu pensas por ti, por nós, por todo o mundo. Fazes caixinha. E tudo acontece sem o telespectador segurar nas mãos as rédeas de coisa nenhuma. Ontem, até, não havia problema, nem sequer ao nível das palavras cruzadas. Todo o interesse, Ironside, consistia em aguardar o momento em que o feroz assassino da cicatriz na face cairia na armadilha. Houve o suspensezinho da pobre cega a ser abocada pelo tal suspense barato, isto de ceguinhos é tão fácil. Já ninguém lhe dá o mínimo crédito. Ah, é verdade, também foi muito entretedor o movimento dos elevadores. Uma vertigem. Elevador a baixo, elevador a cima, carrega no botão, alivia o botão, sobe tu por esse, que eu subo por este, ah, elevadores, bestial, pá, na América!

Ò Ironsidezinho da minha alma! Tu és capaz de me explicar o sentido do título do episódio? Que é que quer dizer «Luz ao fim da jornada?» Eu sei que tu és paralítico e, porque és paralítico, filósofo. O título deve, talvez, ser obra das tuas filosofices. Respeitáveis, chefe. Filosofa, filosofa. Tens tempo de sobra para isso. OK?

MÁRIO CASTRIM

HOJE PODE VER...

● **Às 23: Variedades**

O programa de variedades que a R. T. P. apresenta, esta noite, é transmitido directamente do Casino do Estoril e nele participam Juliete Greco, The Other Brothers, Palermo and Phillips, Helena Tavares, Jorge Costa Pinto e a sua orquestra. É uma realização de Fernando Frazão.

A Filarmónica de Berlim (e Herbert von Karajan) esta noite na abertura do festival Gulbenkian

Começa esta noite no Coliseu dos Recreios, com um concerto sinfónico pela Orquestra Filarmónica de Berlim, sobre a direcção de Herbert von Karajan, o XII Festival Gulbenkian de Musica. O mesmo cartaz repete-se amanhã, também no Coliseu e a hora idêntica (21 e 30), mas com programa diferente.

Sobre a figura do maestro Herbert von Karajan, que hoje dirigirá a Filarmónica de Berlim em obras de Mozart, Strauss e Beethoven, muito se tem discutido nos meios melómanos. Conterrâneo de Mozart — nasceram ambos na cidade austríaca de Salzburg —, Karajan está, aos 60 anos, na plenitude da sua formação artística. É um dos grandes (que são poucos) da direcção orquestral. Chamado á Filarmónica de Berlim por morte do famoso Wilhelm Furtwaengler, ali se tem mantido com êxito indiscutível.

O concerto desta noite, a realizar na presença do almirante Américo Thomaz, especialmente convidado pela Fundação Calouste Gulbenkian para solenizar a abertura de mais um festival, inclui a «Sinfonia K. 201», de Mozart, o poema sinfónico «D. João», de Strauss, e a «Sinfonia n.º 5», de Beethoven.

Von Karajan á frente da Orquestra Filarmónica de Berlim

HERBERT VON KARAJAN

— PERSONALIDADE INDISCUTÍVEL... E DISCUTIDA

O célebre maestro Herbert von Karajan, agora no apogeu da carreira, chegou ontem á tarde a Lisboa. Os três concertos que dirigirá no nosso País, á frente de uma das três ou quatro melhores orquestras do mundo, a Filarmónica de Berlim, de que é regente titular — dois em Lisboa e um no Porto, para inauguração do XII Festival Gulbenkian — ficarão, sem duvida, entre os acontecimentos mais sensacionais da temporada musical em curso.

Tanto á chegada ao aeroporto, como, poucas horas depois, no Hotel Ritz, onde deu uma conferência de Imprensa, organizada pela Philips Portuguesa, na qualidade de representante da Deutsche Grammophon Gesellschaft, o notabilíssimo musico fez algumas declarações acerca de questões bastante diversas que lhe foram postas e ás quais amàvelmente se prestou a responder.

Na presença da esposa e num francês correctíssimo, disse, por exemplo, que nos programas elaborados para os concertos em Portugal, houve a preocupação de abranger aspectos muito diferentes da musica orquestral. A «Sinfonia em lá maior (Köchel 201)», de Mozart, destina-se a uma orquestra reduzida e estabelecerá grande contraste com o tão característico sinfonismo romantico de «Dom João», de Ricardo Strauss. Mais esclareceu ainda que não quis deixar de incluir uma obra que reflectisse a ambiência e o folclore da Península Ibérica, uma vez que aqui se encontrava. Assim, no segundo concerto do Coliseu, figura a «Rapsódia Espanhola», de Ravel.

Um outro pormenor que referiu é que será ele próprio que executará a parte de cravo no «3.º Concerto Brandeburguês», de Bach.

Numa voz algo velada, quase rouca, Karajan não se eximiu a falar sobre qualquer problema, chamado á baila por alguns dos presentes: musicólogos, críticos, jornalistas, cineastas, gente da Rádio e da Televisão. Mas nas suas respostas nunca evidenciou uma atitude extremista ou teorias peremptórias a respeito de interpretação.

Isto verificou-se nomeadamente no tocante a andamentos. A propósito, notou que é costume dizer que Toscanini adoptou quase sempre andamentos muito mais rápidos, em relação á maioria dos regentes seus contemporancos ou mesmo de agora. Ora — insistiu Karajan — tal afirmação não é bem exacta. Só para o fim da carreira assim aconteceu com mais frequência. Torna-se, aliás, interessantíssimo confrontar algumas das diversas gravações que ele fez de uma ou outra obra, nas quais é variável o critério adoptado. E depois em Wagner, sobretudo, Toscanini estava longe de preferir andamentos rápidos. O seu «Parsifal», por exemplo, era o mais «lento» dos apresentados em Bayreuth.

Mas Karajan observou, muito judiciosamente, que a vivacidade ou o frémito nas interpretações não pode reduzir-se á adopção de andamentos rápidos...

As declarações de Karajan tomaram, por vezes, a feição de monólogos, largas explanações, a que a pergunta feita servia apenas de aguilhão. E então era um desbobinar de recordações e impressões colhidas numa larga carreira e no contacto com personalidades marcantes da vida artística do nosso tempo. Ricardo Strauss, Nikish, Furtwängler, o cineasta Clouzot, com o qual colaborou...

☆

Alguém referiu a opinião lisonjeira que Strawinsky — sempre tão severo nas suas apreciações e especialmente quanto a maestros — manifestara, aqui em Lisboa, a respeito da gravação de *Le Sacre du Printemps*, dirigida por Karajan. E Karajan mostrou-se agradàvelmente surpreendido. «É que eu mandei-lhe o disco — revelou o célebre regente — mas Strawinsky, até agora, nada me disse...»

Outras perguntas se formularam ainda ás quais Karajan ia respondendo, medindo bem as palavras, mas sempre deferente. Tem dirigido as *Seis Peças opus 6*, de Anton Webern, que considera uma obra admirável e de uma intensidade ambiencial originalíssima, atingida com um mínimo de meios. Acha que Boulez é um regente notável e cheio de fantasia. Não ignora as realizações de Iannis Xenakis, e da sua «música stokástica», que lhe parecem extremamente interessantes. E exprimiu a sua muita admiração pela obra do compositor polaco Kristoff Pendereki.

E fiquemo-nos por aqui. O público, que logo á noite se apinhará no Coliseu, terá a sua vez de se pronunciar, com a eloquência das reacções das grandes manifestações colectivas, sobre essa personalidade indiscutível e tão... discutida do mundo musical de hoje. Aguardemos, pois. E amanhã cá estaremos para dar conta do que se passar... — N. B.

TV FOGUETE — Telefone 835299
Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

FERNANDA DÂMASO
CANTA
LA, LA, LA, e ainda:
● LIVRE E FELIZ
● CANÇÃO PARA TI
● A NOITE LEVARÁ A MELODIA
Alvorada
No seu primeiro disco
A etiqueta do sucesso
Ouça este disco nas boas casas da especialidade

ESTÁ A CHEGAR A FAMÍLIA DONALD

GRANDE CONCURSO DE SEGURANÇA RODOVIÁRIA Mobil Disney

SENSACIONAL RESPOSTA DO PÚBLICO COM SUBSCRITO...

Maiores 12 anos

ANTÓNIO CALVÁRIO

O AMOR DESCEU EM

PAULA RIBAS

SÓ ELE É O SUPREMO JUIZ... A PROVA ESTÁ À VISTA!

A PRESENÇA DE MILHARES DE ESPECTADORES DURANTE 3 SEMANAS CONFIRMA O AGRADO DO PÚBLICO

4.ª SEMANA

UMA COMÉDIA DESPRETENSIOSA, MAS ALEGRE E MUSICAL, COM MISTÉRIO... SARILHOS... «BIKINIS»...

DE GRANDE ÊXITO, no ODEON

Admirável elenco com ALVES DA COSTA

Realização de CONSTANTINO ESTEVES

Canções de JOÃO NOBRE

Dist. Exclusivos Triunfo

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

Africa Prats, a actriz Mariema, Max, Anita Guerreiro, Dora Leal, Vitor Mendes, as esbeltas discípulas Júlia Alves, Sara Rafael e Maria Antónia, lindíssimas bailarinas e, ainda, o assombroso automóvel-voador, que devora quilómetros consumindo gargalhadas.

À noite, às 20 e 45 e às 23 horas, apenas durante durante o corrente semana, a revista «Pão, pão... queijo, queijo» exibe-se no Maria Vitória. Na próxima semana, estará em Setúbal (Teatro Luísa Todi), na segunda-feira e, no dia imediato, no Teatro Pax-Júlia de Beja.

A B C

«Arroz de Miúdas» — um êxito total

É sempre renovado o êxito da revista «Arroz de Miúdas», o espectáculo do ano, o mais alegre, o mais popular «Arroz de Miúdas», uma produção do empresário José Miguel, inscreve-se no historial do Teatro A B C como sendo a revista de maior sucesso, a que mais lotações esgotou, resumindo, no êxito máximo do popular teatro lisboeta.

São autores do texto Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e escreveram a música João Nobre e João de Vasconcelos. A coreografia foi concebida por Charles e Mário Alberto desenhou os figurinos e dirigiu a montagem. A cenografia tem a assinatura de José Manuel e o guarda-roupa foi executado nos «ateliers» Paiva, sob a orientação de Josefina Soares.

Do maior nível é o elenco que interpreta «Arroz de Miúdas», um elenco composto pelas vedetas do momento: Aida Baptista, Carlos Coelho, Natalina José, Óscar Acúrsio, Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Carlos Gonçalves, Guida de Carlo, Fernanda Franco, Elizabete, Nela Duarte, as bailarinas internacionais Jacqueline. Khaty e Clarysse, os bailarinos Ribas e Orlando, um sensacional conjunto de bailarinas portuguesas e a grande atracção do espectáculo, o actor-cantor Tony de Matos, que interpreta lindas canções.

Toda a cidade fala de «Arroz de Miúdas» e compreende-se o motivo. Esta revista, plena de alegria, de graça e cor e lindas mulheres, é um êxito em toda a linha.

«Arroz de Miúdas» representa-se, diàriamente, em duas sessões, às 21 e às 23 horas. A bilheteira do A B C abre às 13 horas.

EDEN

«Will Penny»

«Will Penny» é o nome de um homem vulgar, solitário, marcado pela vida, pelo cansaço e pelo desespero da quot diana luta pela sobrevivência.

«Will Penny» é uma figura que pelo seu recorte dramático só pode ser comparável ao inesquecível Shane.

Charlton Heston é o anti-herói, o inconformado o oposto do que estamos habituados a encontrar nos filmes do Oeste Americano.

Os locais de acção variam. As pessoas também, mas os problemas mantêm-se. Isto é o que o realizador de «Will Penny» nos quer dar nesta obra, conseguindo até ao fim os seus intentos.

«Will Penny» — um filme por todos as razões, a ver.

«Will Penny» um homem do seu tempo é também um homem de hoje.

«Will Penny» o grande cartaz de êxito em Lisboa, está em exibição no cinema Eden, todos os dias com 3 sessões, às 15 e 15, 18 e 30 e 21 e 45.

mercado de Abril

ZONA DE BELÉM

Abril em Portugal

COMISSARIADO DO TURISMO

CENTRO DE VENDA DE ARTESANATO

Com a colaboração do Fundo de Fomento de Exportação

FRAGATA DO TEJO

Fundeada junto á muralha com acesso pelo Centro de Artesanato

Com a colaboração da JUNTA NACIONAL DO VINHO

— das 13 ás 15 horas —

CALDEIRADA A FRAGATEIRA

— das 18 às 24 horas —

PROVA DE VINHOS DE MARCA

— A partir das 23 horas —

CEIA COM SERVIÇO DE VINHOS DE MARCA

e café do Ultramar Português com a colaboração do FUNDO DE FOMENTO E PROPAGANDA DO CAFÉ

FADOS por Ada de Castro acompanhada pelos guitarristas António Cheinho e José Maria Nóbrega

TELEFONE 61 37 12

RESTAURANTE DO MERCADO

(COM SERVIÇO DE BAR)

Para divulgação da Cozinha e dos Vinhos Portugueses

Colaboração da Junta Nacional do Vinho e outros Organismos Vinícolas, bem como do comércio da especialidade

HOJE

JANTAR

SOPA DE NABIÇAS
PESCADA NA FRIGIDEIRA À INÁCIO
LOMBO DE PORCO À MINHOTA
PUDIM ABADE DE PRISCOS

VINHOS

VINHO VERDE «CRUZEIRO MINHOTO» (branco) — Joaquim Miranda Campelo
VINHO VERDE «RUBIAZ» (tinto) — Soc. Lisb. Prod. Alimentares)

AMANHÃ

ALMOÇO

PURÉ DE GRÃO
BACALHAU COZIDO COM TODOS
ISCAS À PORTUGUESA
PASTÉIS DE LARANJA

VINHOS

QUINTA DO CONVENTO (branco) — Soc. Com. Abel Pereira da Fonseca
TEMPLAR (rosé) — Soc. Vinícola Lusitana
DOM BASÍLIO (tinto) — Comp. Com. C. Vinhas

Jantar servido pelo RESTAURANTE INÁCIO de Braga

À noite: FADOS por Mercês da Cunha Rego, Manuela Novais, José Júlio de Moraes e João Braga com os guitarristas Fontes Rocha e Julio Gomes

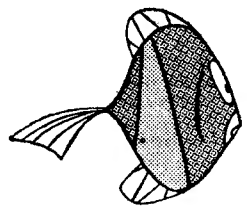
(para maiores de 12 anos)

Preço por refeição (tudo incluído) ..... Almoço 90$00 Jantar 100$00

Reserva de mesas pelo telefone 61 37 13 das 10 às 19 horas

Abertura: 12 horas — Encerramento: 24 horas

VISITE



a casa da menina pescadinha

NO ESPELHO DE ÁGUA

(JUNTO AO MERCADO DE ABRIL)

TODOS OS DIAS DAS 16 ÀS 24 H.

UM PRÉMIO PARA CADA VISITANTE

Várias atracções: Veja-se na TV; prove o peixe frito; habilite-se às conservas, às loiças e copos da Menina Pescadinha

NO RESTAURANTE:

Os já famosos jantares de peixe e marisco

EMENTA DE HOJE

SOPA À «GEL-MAR»
CARIL DE LAGOSTA
CORVINA À CARDEAL
CHARLOTE DE CHOCOLATE
LARANJAS DE SETÚBAL
COM SURPRESA
PÃO E VINHO

Preço 50$00

Reserva de mesas pelo telefone 61 04 94 das 10 às 19 horas

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO apresentam

AR CONDICIONADO

TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortável de lisboa

HOJE, 2 SESSÕES, às 21 e às 23 h. — ADULTOS

SÓ ATÉ DOMINGO

2.ª-FEIRA em ALMADA

Anabela e Henrique Santana

«AGARRA QUE É MILIONÁRIO»

com HENRIQUE SANTANA, IRENE ISIDRO, ARTUR SEMEDO, TOMÁS DE MACEDO e ANABELA

III CICLO DO TEATRO AMADOR NA EMPRESA

Organizado pelo G. de Teatro da S. C. de Cervejas

DIA 17, ÀS 18.30 H.

AUTO DA BARCA DO INFERNO — Gil Vicente

A CANTORA CARECA

Ionesco

Pelo Grupo da C. C. Navegação — (Adultos)

CAPITÓLIO

Telef. 320379

HOJE às 21.45 h.

M/ 17 anos

Só até Domingo

AS TRÊS PERFEITAS CASADAS

de A. Casona

Trad. de Norberto Lopes

com MARIANA REY MONTEIRO, Adriano Reys e um grande elenco

SÁBADO — Ultima e definitiva tarde a preços reduzidos

3.ª-feira, 21 — Reposição de «O CAMARADA MIÚSSOV»

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA EM 3.ª SEMANA

COM INCONDICIONAL AGRADO DO PÚBLICO E DA CRÍTICA.

A MAGISTRAL REALIZAÇÃO DE JOSEPH MANKIEWICZ

COM:

REX HARRISON
SUSAN HAYWARD
CLIFF ROBERTSON
CAPUCINE
EDIE ADAMS
MAGGIE SMITH

O PERFUME DO DINHEIRO

(The Honey Pot)

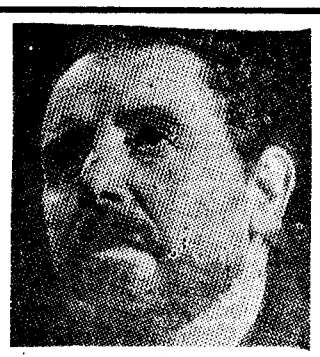
não *fique indiferente!*

Venha ver um filme diferente, Sarcástico... para variar!

«...«O PERFUME DO DINHEIRO» FICARÁ COMO UM DOS GRANDES MOMENTOS CINEMATOGRÁFICOS DESTE ANO DE 1968... PODENDO CONSIDERAR-SE, TAMBÉM, — COM INTEIRA PROPRIEDADE E MERECIMENTO — COMO UMA DAS MAIS NOTÁVEIS COMÉDIAS QUE NOS VISITARAM NOS ÚLTIMOS ANOS...»

LAURO ANTONIO IN D.º DE LISBOA

ADULTOS



TIVOLI

HOJE E AMANHÃ
ÀS 18.45 HORAS
JACINTO RAMOS
— EM —
O DIÁRIO DE UM LOUCO
50 % de desconto a estudantes
Bilhetes à venda
Maiores de 17 anos

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O

«INSÓLITO»

É O SEU BAR E O SEU RESTAURANTE.

BEBA e Coma no ambiente insólito do

«INSÓLITO»

Av. 5 de Outubro, 170-B
Telf. 775214
(encerrado ás segundas-feiras)

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

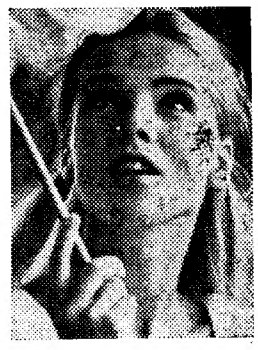
ROMA

SESSÃO ESPECIAL

ANTE-ESTREIA

AMANHÃ, ÀS 21.45

COM A PRESENÇA DE



PIA DEGERMARK

1.º PRÉMIO DE INTERPRETAÇÃO FEMININA

NO ÚLTIMO

FESTIVAL DE CANNES

A GENIAL INTÉRPRETE DO FILME DE BO WIDERBERG

Elvira Madigan

«TALVEZ O MAIS MARAVILHOSO FILME DA HISTÓRIA DO CINEMA»
(NEW YORKER)

DOPERFILME ADULTOS

BILHETES A VENDA

A apresentação e divulgação das verdadeiras obras de arte da cinematografia mundial tem sido sempre a razão de ser da Sala ESTUDIO

O FILME JAPONÊS

KWAIDAN

Obra-prima do realizador
MASAKI KOBAYASHI

destinado a um público altamente cultivado inteligentemente evoluído e que acredita no cinema como verdadeira forma de expressão artística, não pode ser ignorado por esse mesmo público.

...«Os realizadores nipónicos estão plenamente seguros da técnica, como os melhores norte-americanos ou europeus. Tratam com elevação e poder as lendas e motivos de arte.»...

ROBERTO NOBRE
(«Diário Popular» do dia 14 de Março de 1968)

Tal como foi anunciado quando da sua saída do Império continua a sua carreira

HOJE ÀS 21.45
NO

estúdio

PARA SATISFAÇÃO DOS QUE SE INTERESSAM PELO CINEMA

M/ 12 ANOS

CLÉRIGOS, FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS E POLÍCIAS

assinaram uma petição (no Canadá)

A FAVOR DA FAMÍLIA WILSON

É costume dizer-se que quando se está mal é que se descobrem os verdadeiros amigos. Isso aplica-se bem ao meu caso, depois de Charlie ter sido preso a trazido para Inglaterra para cumprir o resto dos 30 anos a que fora condenado pela sua participação no Grande Assalto ao Comboio Correio.

Charlie e eu não saímos da nossa rotina para arranjarmos amizades em Rigaud, perto de Montreal, que foi o nosso esconderijo no Canadá durante 16 meses, depois da já famosa fuga do meu marido.

Ambos sabíamos que, se um dia o nosso segredo fosse revelado, conduziria a um grande azedume e ressentimento. A gente local estaria totalmente justificada se sentisse que nós a havíamos enganado, assumindo as identidades de Mr. e Mrs. Ronald Alloway.

Mesmo assim, os nossos vizinhos foram-nos admitindo gradualmente no seu círculo.

Eu sou uma pessoa reservada, mas Charlie está no pólo oposto. O seu alegre sentido do humor «cockney» facilitou-lhe sempre a tarefa de transformar os estranhos em bons amigos.

Eramos frequentemente convidados para casa dos vizinhos, ou para pequenas festas dentro de casa no Inverno gélido, ou para pique-niques e para nadar nos quentes fins-de-semana do Verão.

Ninguém nutria a mais pequena suspeita em relação a Charlie — frequentemente o convidado mais alegre e popular. Ninguém podia sequer imaginar que Charlie pudesse ser um dos criminosos mais procurados do Mundo.

Uma noite, no Verão passado, as crianças brincavam alegremente com outros miudos, filhos de amigos nossos.

CALAFRIO

Charlie e eu sentavamo-nos com os outros pais, á volta de uma fogueira na margem do lago, preparando a ceia.

Olhei e reparei que Charlie fitava, pensativo, as chamas. Inclinou-se para mim e segredou:

— São tão nossos amigos querida. Tenho a certeza, aconteça o que acontecer, que eles te ampararão.

Senti um calafrio, apesar da noite estar quente e da proximidade da fogueira... sempre tive o receio que tudo aquilo era bom demais para poder durar.

Não há duvida que, a partir do momento em que o sempre bem humorado Ron Alloway surgiu como o mestre do crime Charlie Wilson, as amizades que havia criado foram intensamente postas á prova.

Exclusivo
DIÁRIO DE LISBOA
Copyright
«News of the world»
«Agência
Dias da Silva»

A HISTORIA DE CHARLES WILSON — 11

um dos assaltantes do comboio correio

por PAT WILSON

Que sentiria o leitor se descobrisse que o seu vizinho e amigo o havia andado a enganar durante um longo período? Seria um golpe terrível.

Mas posso dizer, com honestidade e gratidão que a gente de Rigaud e da próxima comunidade de Hudson provaram que a sua amizade era verdadeira e firme.

Nem uma unica vez, desde que Charlie foi levado de «volta a casa» para a prisão de Parkhurst, tive de pedir ajuda e amparo.

Estou a pensar em mr. e mrs. John Ashfield, marido e mulher — com quatro filhos — que imediatamente nos abriram a porta do seu lar. Eles forneceram-nos um paraíso seguro, durante aqueles primeiros tempos tão terríveis.

Quando a pena (30 anos) terminar, Charlie não terá mais este aspecto jovem. Será um velho com cerca de 70 anos

Penso também nas pessoas gentis que levaram Cheryl e Tracy todos os dias á escola, através da neve espessa e fria.

Embora eu tivesse dois carros e todos os documentos necessários para os conduzir foram inevitávelmente apreendidos, quando da prisão de Charlie.

PETIÇÃO

Penso nos pais compreensivos, incluindo o chefe da Polícia de Rigaud, mr. Charles Pooley, que convidavam as minhas filhas para as pequenas festas, de forma que eu pudesse pensar com uma certa calma nos planos para o futuro.

Agradou-me, ainda, especialmente, a reacção das crianças da escola de Cheryl e Tracy, a Hudson Heights High Scholl.

As crianças são, por vezes, de uma crueldade irreflectida mas dura. Se Cheryl e Tracy tivessem voltado a casa, chorando e dizendo: «— Fulana de tal diz que o pai é um bandido» — eu não me teria surpreendido.

Mas isso nunca aconteceu. As colegas apenas lhes deram amizade.

As pessoas da terra lançaram uma petição, imediatamente a seguir á prisão de Charlie, no sentido de eu e as crianças podermos ficar no Canadá.

Clérigos, funcionários publicos e oficiais da Polícia surgiam entre os 500 signatários.

A petição que foi enviada ao ministro da Cidadania e Imigração, dizia: «Nós os abaixo assinados, apesar da publicidade ao nível mundial e acreditando na inocência de três crianças e da sua mãe, e em atenção ao seu passado como bons cidadão canadianos, por razões humanitárias e pensando na Caridade Cristã, vimos aqui pedir humildemente ao excelentíssimo ministro da Cidadania e Imigração que tenha em consideração o pedido de Patricia Alloway e as suas filhas Leander, Cheryl e Tracy e que as autorize a permanecer no Canadá como imigrantes.

SUOR

Saber tudo isto foi uma grande ajuda para Charlie, enterrado na sua cela na ilha de Wight. Ajudou-o a manter a sua atitude bem humorada em face da vida.

Escrevendo de Parkhurst a um dos nossos vizinhos do Canadá, ele dizia: «Imagino que foi um grande choque para vocês serem chamados pela Polícia. Apenas espero que eles vos não tenham incomodado demasiado. Espero também que não voltem a ser incomodados».

Depois entre parêntesis, juntava: «Espero que eu também não!».

A carta, em papel timbrado da cadeia, continuava: «Quando soube como todos haviam sido tão amáveis e bons, fiquei comovido. Não consegui dizer nada.

«Não sou o homem mais duro do Mundo, sou

(Continua na 10.ª pág.)

Esta é a casa onde a Sr.ª Wilson e as três filhas aguardarão a libertação do chefe da família. Apesar de os bens terem sido apreendidos por altura da prisão de Charlie, a verdade é que o aspecto da casa denota uma vida sem preocupações

O QUE É O SELFBANCO?

EQUIPAMENTO CHUBB

É mais uma inovação nossa: a última palavra em serviço permanente e ultra-rápido.
A qualquer hora do dia ou da noite, basta meter o cartão na máquina,
compor pelas teclas o seu numero de identificação, para receber instantaneamente
o dinheiro, dentro dum envelope!...
Desde, claro, que tenha conta no nosso banco. Mas quem a não tem?

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
PORUM PORTUGAL MAIOR

INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA MÁQUINA, EM MAIO, NA DEPENDÊNCIA DOS RESTAURADORES.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

A HISTÓRIA DE CHARLES WILSON

(Continuação da 5.ª pág.)

o mais mole. Mas as lágrimas vieram-me aos olhos. Não me foi fácil evitar um choro aberto e convulsivo».

A carta de Charlie referia-se, depois a um medalhão de abrir e fechar que eu uso permanentemente. Mesmo quando ele andava fugido, nunca o abandonei.

Era um grande risco, pois continha uma fotografia de Charlie *sem a barba* que ele usava como disfarce. Era quase igual a uma outra que fora publicada, nos pedidos de captura, pela Polícia, após a fuga de Winson Green.

Uma noite, antes de Charlie ser preso, um amigo veio visitar-nos com a mulher e a filha. A miuda tentou abrir o medalhão quando estava sentada nos meus joelhos.

Charlie escreveu:

«...Suámos nessa noite»

FIM

Puxando o trenó, ou uma das formas de iludir o tempo e divertir as crianças na neve canadiana

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na província de Angola, o primeiro-cabo 04034466, Joaquim da Silva Marques Santos, natural do concelho da Baía e filho do sr. Joaquim Marques Santos e da sr.ª D. Adelaide da Silva Santos; e na província da Guiné o soldado 04177965, Ramiro Adelino Dias Neto, natural do concelho de Paços de Ferreira e filho do sr. António Neto e da sr.ª D. Rosa Dias Neto.

Militares falecidos no Ultramar

BISSAU, 16 — (A. N. I. e L.) — Por desastre faleceu na Guiné o soldado do recrutamento da província 82028058, Paga Cá, natural de Bissau, filho de Ganha ... de Nhami.

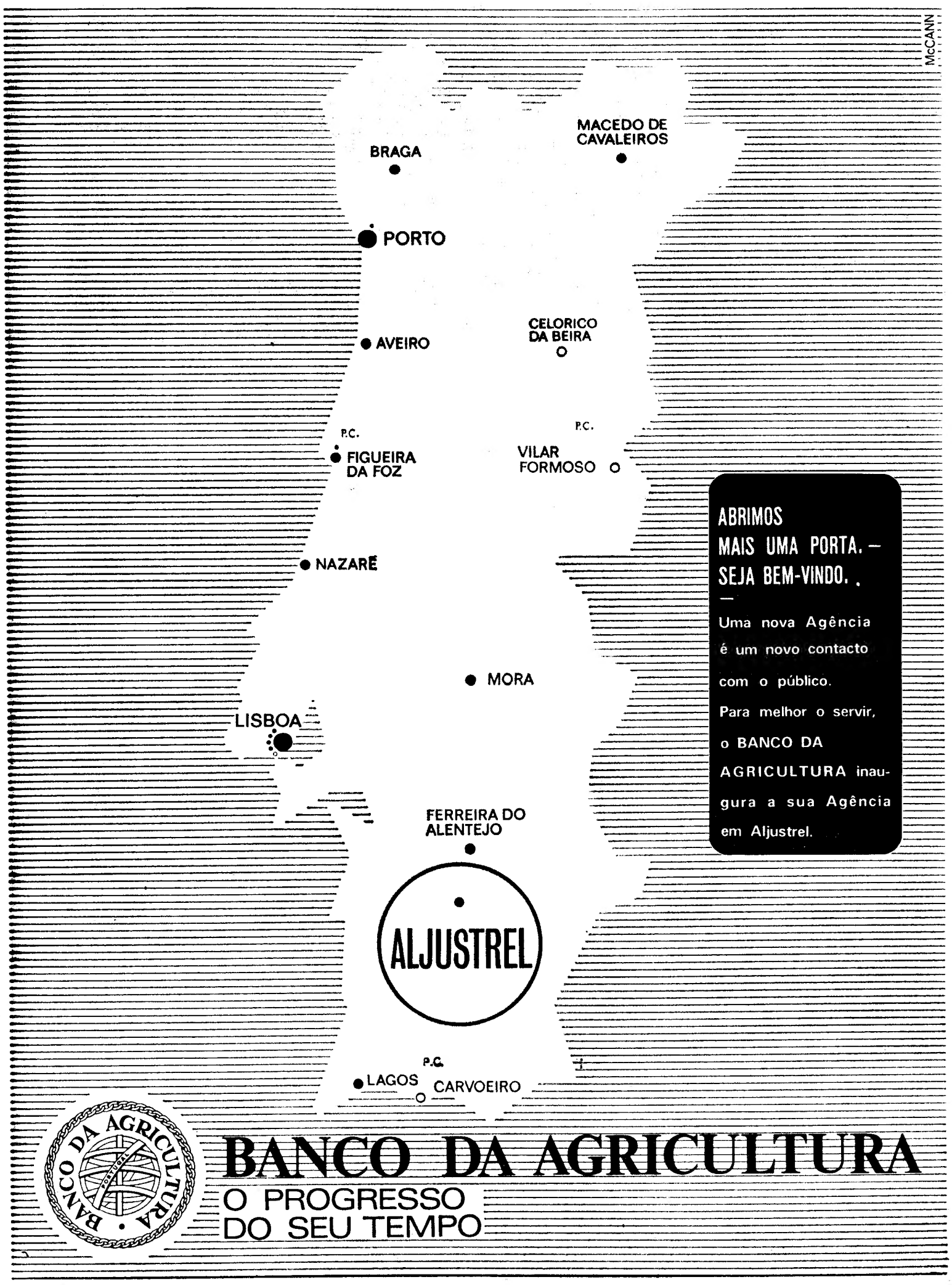
LUANDA, 16 — (A. N. I. e L.) — Morreu em Angola, por desastre, o soldado 00865867 António Oliveira Teixeira, natural da Parede, filho de Adólfo Teixeira e de Ana da Glória P. Oliveira.

LOURENÇO MARQUES, 16 — (A. N. I. e L.) — Por desastre, morreu em Moçambique o primeiro-cabo 033320065, António Guerreiro Correia, natural da metrópole.

A homenagem da Casa do Ribatejo a Fausto Nunes Dias

A direcção da Casa do Ribatejo esteve no atelier da escultora D. Stela de Albuquerque a examinar um medalhão de Fausto Nunes Dias, director do jornal «Vida Ribatejana», de Vila Franca de Xira, que será descerrado no domingo, ás 13 horas, durante um almoço em sua homenagem, que se efectua naquela agremiação, que o mesmo fundou há um quarto de século.

Durante a cerimónia ser-lhe-á entregue a medalha de ouro de serviços distintos da Casa do Ribatejo. As inscrições para o banquete estão abertas na secretaria daquela instituição, Rua do Salitre, 136, 1.º, ou pelo telef. 68 13 84.



DEZ «TEEN-AGERS» PARA UM SÓ TÍTULO

Ao fim da tarde, no Hotel Rex, vai efectuar-se uma inusitada reunião: dez raparigas desfilam em busca de um título que vale uma viagem maravilhosa. Exacto: é a finalíssima do concurso para eleição da princesa portuguesa das «teen-agers», uma iniciaitiva do semanário «Magazine» que recebeu o apoio do «Diário de Lisboa» e a colaboração dos Transportes Aéreos Portugueses. Os prémios? Muitos e espectaculares. Basta dizer, por exemplo, que o título de princesa vale a presença nos Estados Unidos da América do Norte, na passarela de Chicago onde, entre vinte países, Portugal estará representado por uma destas «teen-agers».

Dez raparigas com sonhos. E pequenas histórias.

● Um horizonte tranquilo

Professora de lavores e pintura, em Vila Nova de Famalicão, Maria Aquilina da Silva Gonçalves nasceu em Quintães (Tamel): a doze de Agosto de 1948. A mãe é de Moledo do Minho; o pai, de Vila Nova da Cerveira. Tem três irmãos. E um sorriso extraordinàriamente fotogénico:

— Gosto de patinagem, de andebol... Gosto de cantar, de dançar... gosto de teatro, de música...

Calça 36. Pesa 51 quilos. Mede 158 centímetros de altura. Ri por tudo e por nada. Está muito nervosa.

— Comidas? Ora, deixe-me ver... Isso: lagosta, frango de churrasco, bifes...

A despedir-se:

— Se quiser, escreva que vejo muitos filmes. Com o Sidney Poitier, o Charlton Heston, a Loren, a Christie, a Geraldine. E aquele muito feio... Pois: o Anthony Quinn.

— Tem esperança no título?

Diz que não. E que todos os seus ideais podem resumir-se assim:

— Ter um bom marido. Ser boa esposa e boa mãe...

● Bom paladar: a cozinha italiana

— Se ganhar? Será a coisa mais inesperada e fantástica da minha vida...

Mora na Quinta de São José, em Sacavém, e chama-se Maria do Carmo Bliebernicht Leitão. praticar equitação e nadar, são os «hobbies» desta rapariga, que pesa 50 quilos, calça 37, mede um e setenta. É «fan» das Hepburn: Audrey e Katerine. Acha que o Quinn é «formidável». E, quanto a gastronomia, opta pela cozinha italiana.

— Sabe que mais? Viver segura e feliz é o que eu quero...

● Ser como o Picasso: sonho da «teen-ager» da Cova da Piedade

Foi a ultima concorrente a ser escolhida. Nasceu no Baixo Alentejo (a 4 de Janeiro de 1952) e reside na Cova da Piedade. Seu nome: Maria Borges Caeiro.

Fala pelos cotovelos:

— Eu estava na Escola, na António Arroio (é que ando a estudar pintura, queria ter um nome célebre, ser como o Picasso, por exemplo), pois eu estava na Escola quando uma colega me veio dizer que eu fora escolhida...

Treme. Roi as unhas. Fica bamboleante.

— Pratico basquete e hipismo. Vou muito ao cinema. Danço. Gosto de teatro.

Prossegue o ataque:

— Então a colega disse á professora...

Maria Borges Caeiro: 1,61 de altura para 50 quilos de peso. O prato favorito é leitão assado. E o sonho: ser como Picasso.

● Caviar, «vol-au-vent» e Virgílio Teixeira

A mãe é de Meda (na Beira Alta), o pai é da Costa da Caparica e a menina nasceu no Socorro: a 23 de Fevereiro de 1950. Maria Fernanda Andrade Severino perde horas a ler, a pintar, a escutar música clássica.

— Comida? Deixe-me pensar um bocadinho. Pode ser caviar e macarronete em «vol-au-vent».

Maria Fernanda mora no Bairro da Encarnação e já concorreu, há dez anos, a um certame infantil desenrolado nos estudios da TV.

— Pratico natação. E ginástica. Frequento o curso secundário: já sei francês e inglês. Pois, já sei...

Pesa 59,200. Calça 36. Tem 1,60 de altura. E (não esqueçamos) vem do Bairro da Encarnação com gostos aferidos: caviar e macarronete em «vol-au-vent».

● Muitos filhos...

Maria de Lurdes da Silva Cruz é lisboeta: aqui nasceu a 27 de Março de 1951. Gosta de nadar. Dançar. Passear. «Apanhar ar» — diz ela.

— Tenho o curso primário e sou dactilógrafa. Falo inglês: um poucochinho, claro. Quer as minhas medidas?

Queríamos.

— Sou manequim 38. Peso 49,750, tenho um e cinquenta e oito de altura, calço 36 e meio.

Sobre preferências:

— Richard Chamberlain, Roger Moore...

(Há! Esta televisão, esta televisão...)

— Quer saber mais? Gosto de cozido á portuguesa e quero encontrar um bom pai para muitos filhos.

● Gosta de «sky» e toca acordeão

Da Covilhã, veio Maria Manuela Ribeiro Lopes. Gostos especiais: «sky», equitação, modelagem. Nasceu a nove de Abril de 1951, frequenta o terceiro ano liceal, aprende (bem) francês e inglês.

— Toco acordeão já actuei em festas ..

Para as estatísticas. 34 de pé, 13 de peso um metro e cinquenta e quatro de altura. Maria Manuela: poucas falas em sorriso tímido.

● Rita: modelo fotográfico

Rita Rumina de Mattos Chaves passa modas e é modelo fotográfi-

(Continua na página seguinte)

RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA

EUROVISÃO

Transmissão directa de Londres Estádio de Wembley

Sábado, 18 de Maio de 1968 / 14.45 horas

RTP

FINAL DA TAÇA DE INGLATERRA

Os 90 minutos mais espectaculares do futebol inglês

Espectáculo de grande gala na catedral do futebol

Teatro amador no Villaret

No Teatro Villaret será apresentado amanhã, ás 18 e 30, o sexto espectáculo da série de oito que constituem o III Ciclo de Teatro Amador na Empresa, este ano organizado pela Sociedade Central de Cervejas.

O espectáculo de amanhã é formado pelo «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente, e «A Cantora Careca», de Ionesco, interpretados pelo Grupo da Companhia Nacional de Navegação e encenados pelo jovem actor Ruy de Matos.

A Sociedade Central de Cervejas, no intuito de estimular a assistência a estas sessões, continua a oferecer aos estudantes lugares a dez escudos.

ARTES PLÁSTICAS

Manuela Pinho e Mariana Quito nas Arcadas do Parque no Estoril

Hoje, ás 22 horas, na sala de exposições da Junta de Turismo da Costa do Sol, nas Arcadas do Parque, no Estoril, será inaugurada uma exposição de pintura e gravura de Manuela Pinheiro e Mariana Quito.

Nove MARIAS e uma RITA: o sonho chama-se AMÉRICA

(Continuação da pág. anterior)

co. Frequentou a Escola Lusitana Feminina, fala inglês e francês, pratica hipismo e «sky» aquático. Julga-se identificada com os problemas do seu tempo. E tem um sonho: conhecer o Mundo.

— Vou muito ao cinema: Lee Marvin, Steve Mequeen, Tarence Stamp, Shirley Mac Lane, o Burton, aquela que fez «Bonnie e Clyde»...

Rita é lisboeta: nasceu a quatro de Janeiro de 1950, tem uma irmã e dança ritmos modernos. Medida de manequim: 38. Pesa 50 quilos, tem um e setenta de altura, calça numero 38.

— Confia no título?

— Até certo ponto...

● Ciclismo e fado para Maria Eduarda

Pintura, musica e equitação. Ciclismo, cantar fado e dançar muito. Primeira apresentação de Maria Eduarda Domingos de Carvalho (de Lisboa), nascida a catorze de Outubro de 1948.

Mora numa vivenda: na Rua José da Bateira. Frequenta o sexto ano de liceu, pratica ginástica: aplicada e educativa.

— Arranho o francês... gosto muito de «coelho á caçadora» e de «frango em churrasco».

Explica que prefere em cinema os filmes de amor:

— A Liz e o Burton, por exemplo. Não perco um filme com eles. Nem com o António Vilar.

Maria Eduarda: 36 (calçado), 50 (peso), 160 centímetros de altura. Medida de luvas: 6,5. Manequim: 44.

Tem três irmãos. A mãe é de Torres Novas, o pai é de Ferreira do Zêzere. Ela, gosta muito de ouvir Pat Boone.

— Impressiona-me, sabe...

● Mariscos e Peter O'Otoole

Graziela Maria Ramos Santos Lã é madeirense: viu a luz do dia no Funchal, a 3 de Setembro de 1949. Lê imenso (garante), ouve música (muita), vai bastante ao cinema (duas-três vezes por semana).

— Sou doida por «sky». E por automobilismo. Aliás...

— Aliás...

— Aliás, gostava de dar a volta ao Mundo. A dançar, a nadar...

Frequenta aulas sobre turismo, no Instituto de Novas Profissões. Fala espanhol, francês e inglês. «Acrescente: e português, também...»

Sobre predilecções cinematográficas, fala de artistas:

— Peter O'Toole, Omar Shariff, Audrey, Julie Christie...

É loquaz:

— Pergunte-me sobre comidas, pergunte...

Acrescenta:

— Mariscos e bifes com batatas fritas.

Graziela é manequim 38. Calça trinta e seis, pesa 49 kg, tem um metro e sessenta e cinco de alto.

— Ser manequim...

— Constituir família...

— Ir por aí fora...

(O futuro está em duvida).

● Cinema: ver para chorar

A natação, a literatura e as boas corridas ciclistas são os prazeres de Zaida Maria Coutinho da Cruz, lisboeta, nascida a 7 de Julho de 1949.

— Dou uns «toques» no Francês e no Espanhol.

Vive os grandes dramas cinematográficos: Liz e Rock Hudson a desencadearem torrentes de lágrimas. Gosta de bifes e de frango. Anda no quinto ano de liceu. Calça 34, pesa quarenta e cinco quilos, tem um metro e cinquenta e oito.

☆

Nove Marias e uma Rita. Todas garantem:

— Não namoramos.

Dez raparigas que este fim de tarde vão viver um momento de «suspense». Quando o júri (um pouco circunspecto) começar a tomar suas notas. A excluir esta. A eliminar aquela. A fixar os olhares numa delas.

A feliz que irá aos Estados Unidos, como princesa das «teen-ager» de Portugal.

N. de S.

Deve ser solucionado o problema dos prédios devolutos da Rua Castilho

Prolongou-se até depois da meia-noite, o rescaldo do incêndio que ontem, pouco depois das 22 horas, se declarou num prédio da Rua Castilho, devoluto há mais de quatro anos.

Foi o quarto incêndio ali declarado em dois anos e recorda-se que o prédio em questão, com o n.º 48, serve frequentemente de refugio a quadrilhas de ladrões que dele fazem quartel-general para os seus assaltos. Recorda-se também que o prédio contíguo, n.º 46, pertencente ao sr. dr. João Ribeiro da Silva, foi assaltado no Natal de 1966, tendo os gatunos penetrado na residência através do edifício abandonado.

Parece, pois, chegada a altura de se encarar a solução do problema que o prédio abandonado constitui, tal com outro situado no n.º 54 daquela artéria e pertencente ao mesmo proprietário, o sr.º José Costa Rodrigues, residente na Avenida António Augusto de Aguiar.

Colhido por um comboio

O servente José Fontana Gonçalves Varela, de 30 anos, foi colhido por um comboio na estação da Malveira, esta manhã, tendo sido transportado á sala de observações do Hospital de S. José. Tinha um pé esmagado e contusões múltiplas.

II ENCONTRO DE EXPORTADORES PORTUGUESES

ORGANIZAÇÃO E TÉCNICAS

EXPOSIÇÃO DE LIVROS SOBRE ORGANIZAÇÃO GESTÃO DE EMPRESAS E MARKETING

EXPOSIÇÃO DE EQUIPAMENTO MECANOGRÁFICO

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES, 9 a 16 DE MAIO DE 1968

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

PAREDE - MADORNA

(COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO)

LOTES PARA MORADIAS ISOLADAS, GEMINADAS E BANDA-CONTÍNUA

ÓPTIMA SITUAÇÃO E A CERCA DE 1 KM DA ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO

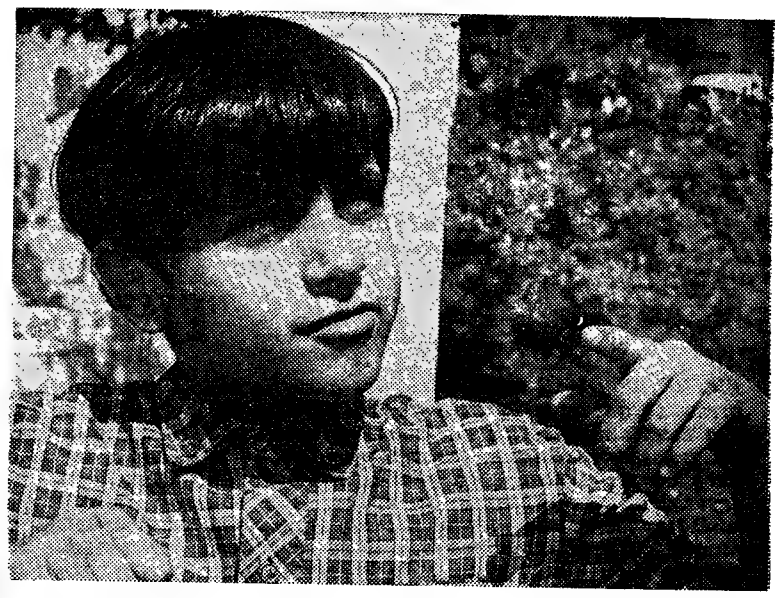
Preços desde: 140 contos

PROP. JOAQUIM BARAONA

Est. Marginal, Lote JME-2.º, C. — C A S C A I S

Telefs. 282345-282388

Um estudante de 9 anos foi o vencedor do Concurso de Pintura Mural Infantil sobre os Jogos Olímpicos do México



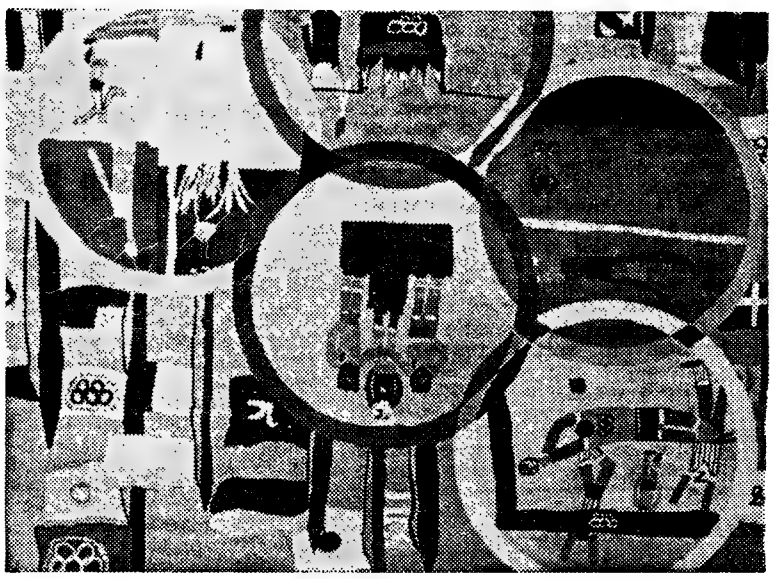
Eis Miguel Parreira de Salles Parente, o feliz vencedor. Moço vivo, simpático e com talento. Esta manhã os pais não sabiam ainda do triunfo do filho, pois estão ausentes devido ao falecimento de uma pessoa de família

Este concurso de pintura mural infantil, que reuniu cerca de oitocentos trabalhos, destinou-se a escolher aqueles que deverão apresentar-se na exposição «No Mundo da Amizade», a realizar na Cidade do México. Os dez trabalhos seleccionados pertencem a Elisabete Maria Ramalho, António José, Arnaldo Ferreira David (dois trabalhos), José Manuel Santos Duarte, Maria Pereira Dias dos Santos Pires, José Lopo de Carvalho, Armando Augusto Ribeiro Silva Santos, Maria Helena de Matos Pinto e Miguel Parreira de Sales Parente.

(O Miguel é o Miguel Parreira de Salles Pereira, tem 9 anos e frequenta a 4.ª classe, na Escola Primária n.º 110, na Rua António Nobre, a Benfica. E venceu, com todo o mérito, o concurso de Pintura Mural Infantil da XIX.ª Olimpíada na cidade do México, promovido pela Mocidade Portuguesa em colaboração com o «Comité Olímpico Português» e cuja exposição está patente, após a inauguração, desde o fim desta tarde, no pavilhão da Associação Industrial Portuguesa na Junqueira.

O seu trabalho, grande e rico de imaginação e cor, representa cavaleiros em prova, cavalgando á desfilada. Alguns caem).

Foi assim com estes cavaleiros galopando com a ansia da vitória que o pequeno Miguel ganhou o primeiro prémio do concurso e, com ele, o direito a uma viagem até ao Novo Mundo, aos Jogos Olímpicos



De estilo e concepção bem diferente do primeiro classificado, este trabalho obteve o 2.º prémio. É seu autor José Lopo Sá Coutinho de Carvalho, de 13 anos e aluno da Escola Técnica Elementar Francisco Arruda.

— Pois claro, gosto muito de pintar, de fazer desenhos. E também gosto muito de estudar.

— Pois é, já sei que és um bom aluno, uma disciplina de que gostes menos, um bocadito?!

— Não, gosto de todas. Tanto faz ser História, como Ciências ou Aritmética ou Ditado, Leitura e Redacção. Seja o que for. E também gosto muito deb rincar, de jogar Andebol e futebol. E de nadar.

— Bravo, Miguel. E' assim mesmo. E's um rapaz como se quer.

— Lembrei-me de pintar cavaleiros de várias nações, porque nos Jogos Olímpicos há provas dessas. Mas também concorri com outros trabalhos.

— Eu sei. Até já os vi. E também são bons. Quanto tempo te demorou o trabalho vencedor?

— Meio dia. Fi-lo em meio dia.

— Mas já o tinhas pensado, imaginado antes, ou não?!

— Não. Foi tudo ao mesmo tempo. Lembrei-me de pintar cavalos e cavaleiros e pronto, pintei.

(O prof. sr. Vítor Chaves — jovem entusiasta da sua nobre missão — está ufano. Naturalmente. E elogia o Miguel: «E' inteligente e gosta de estudar. E é extremamente dedicado aos seus companheiros. Por isso aqui continua, tendo, como tem, possibilidade de frequentar outros estabelecimentos. Entretanto, pelo seu lado, a Escola também procura cativar, interessar os alunos, com iniciativas culturais, desportivas e recreativas». Alto, bem constituído, de olhar vivo e cabelo sobre a testa o Miguel é filho do subdirector da Ziemens sr. Parente e da sr.ª D. Maria Amélia Parreira que tem «atelier» e dá aulas de pintura. Tem, assim, bom ambiente de estímulo á sua vocação).

— Todos os anos tenho apresentado trabalhos no concurso «O Natal visto pelas crianças» do «Diário de Lisboa».

— E sempre tens sido premiado, não é?

— Sim, todos os anos. E com muitos trabalhos. Uns ficam nos dez primeiros, outros a seguir. E' conforme. A minha irmã que se chama Maria Madalena (o Miguel tem duas irmãs mais novas, ambas igualmente com muito jeito) também foi premiada no ultimo Natal.

— Afinal, somos conhecidos, não é?! Vocês são da casa, no fim de contas.

O Miguel quer ser arquitecto, quando for grande. E soubemos ainda que o seu entusiasmo maior vai para a conceução e desenho de modelos de automóveis:

— Anda sempre a inventar modelos. A desenhá-los e a dizer que há de construir automóveis, assim. E muitos deles são deveras interessantes. E' uma criança extremamente bem dotada e de uma simplicidade, de uma humildade até, que quase causa espanto.

E viemos embora, deixando o Miguel, feliz e sorridente. O Miguel, que, á despedida, ainda nos confidenciou:

— Gosto muito de nadar.

— E nadas bem?

— Na Praia Grande, «faço» a piscina em 32 segundos.

O TEMPO QUE FAZ

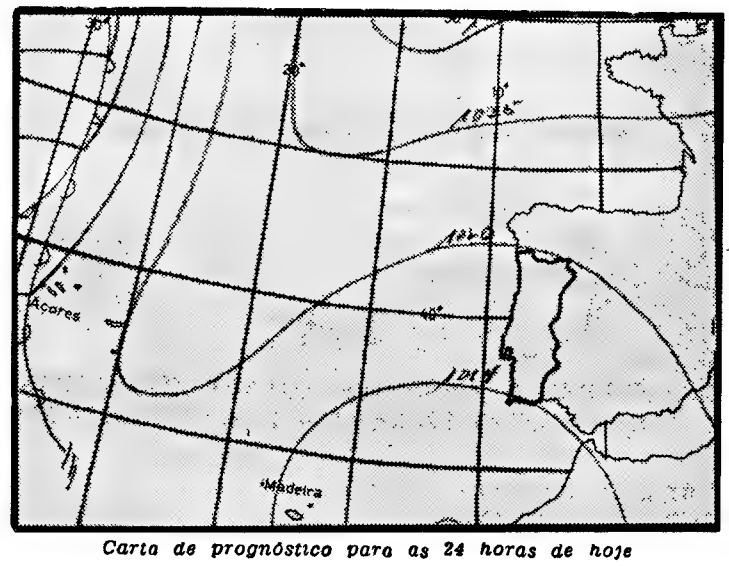
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco de leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: 32°, Elvas mínima 8°.8, Penhas da Saude.

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 22°; Faro, 24°; Lisboa, 22°; Penhas Douradas, 18°; Portalegre, 16°; Porto, 23°; Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 5°.6 na água do mar: 2°.3



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

TUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 17 — O anticiclone assinalado a noroeste da Irlanda e a depressão centrada a nordeste das Canárias transportam na sua circulação conjunta uma massa de ar seco que manterá o bom tempo em todo o continente português

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

BOM TEMPO, COM CÉU GERALMENTE POUCO NUBLADO E VENTO FRACO PREDOMINANDO DE LESTE.

SOL — Amanhã: Nascer às 6 e 24, Ocaso às 20 e 43

PREIA-MAR: Dia 16 — As 7 h (3,7 m); 19 e 20 (3,8 m). Dia 17 — As 7 e 57 (3,4 m); 20 e 14 (3,6 m). Dia 18 — As 9 h (3,3 m); 21 e 20 (3,5 m). BAIXA-MAR: Dia 16 — As 0 e 20 (1 m); 12 e 32 (1,2 m). Dia 17 — A 1 e 09 (1,2 m); 13 e 20 (1,5 m). Dia 18 — As 2 e 10 (1,4 m); 14 e 23 (1,7 m).

FASES DA LUA

Dia 19 — Dia 27 — Dia 4 — Dia 10

FRIGAZ, L.DA

ELECTRODOMÉSTICOS

15.° ANIVERSÁRIO

Iniciamos hoje o 16.° ano de actividade profissional, sob o lema: «SERVIR BEM PARA CONTINUAR A SERVIR». Talvez também, tenhamos falhado nalguma coisa, mas procuraremos tirar lição... Lutaremos para que se mantenha o apoio espontâneo dos nossos amigos de até agora, amigos esses que sempre nos têm proporcionado novas amizades.

Faremos por merecer a atenção dos primeiros, conquistando os segundos, na esperança de conhecermos terceiros.

Gostosamente, o nosso obrigado

A GERÊNCIA
João Caeiro
Maria de Lurdes Caeiro

RUA MARIA, 43-C LISBOA TELEF. 84 91 07

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA
Cursos: BASICO, NORMAL, ACELERADO
Cursos de VERÃO com início em Maio e Junho

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES
Rua Marques da Silva, 99-2.° — Telef 532702

EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS
R. Conde Redondo, 56, 1.°-Esq. — Tel. 536380

CURSOS INTENSIVOS — AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — PROFESSORES ESPECIALIZADOS — LIVROS PRÓPRIOS

Torre de Babel

João Medina

BONS TEMPOS

ENTRE AS DUAS GUERRAS, nos anos de sobressalto que separaram o pacto de Versalhes e a cobardia colectiva de Munique, um grupo de artistas e literatos amotinou-se sob o lábaro do supra-real, para grande irritação da sociedade bem-pensante da época. Não vou historiar esse movimento nascido em plena guerra, na neutral e bucólica terra helvética, paraíso da finança e do gado leiteiro, transferido depois para a margem esquerda do Sena e anunciado «urbi et orbi» no famoso manifesto de Aragon em 1924: Anuncio ao mundo esse acontecimento de primeira grandeza: um vício novo acaba de nascer, uma vertigem mais foi dada ao homem: o surrealismo, filho do frenesim e da sombra. Entrai, entrai, é aqui que começam os reinos do instantâneo. *Não, não é meu intento recordar essa pitoresca amotinação literária e artística que foi o movimento surrealista, hoje encadernado, catalogado e embalsamado nos museus e nas bibliotecas. Interessa-me apenas recordar, entre os mil ritos novos suscitados pela tribo surreal, um curioso passatempo, hoje esquecido.*

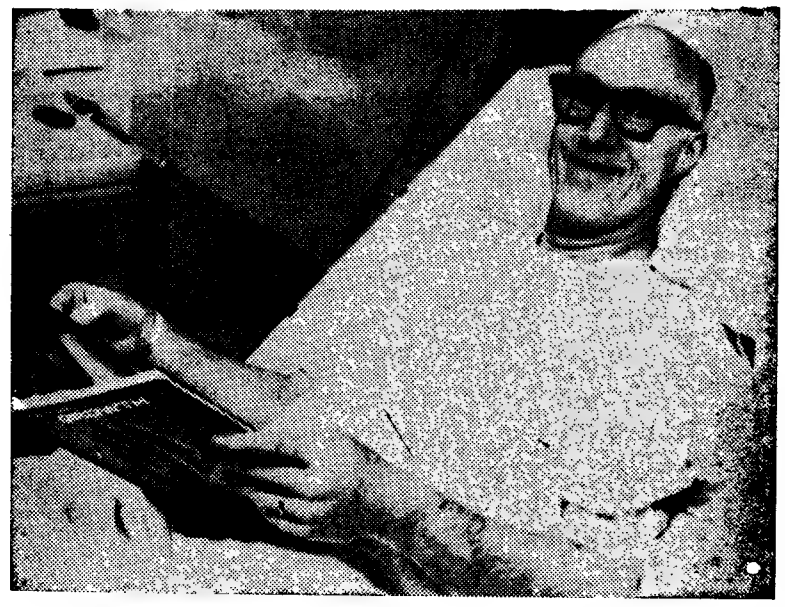
Reunidos no café Cyrano, os amigos e fiéis de Breton escreviam cartas de injúrias colectivas aos escritores, artistas e críticos em voga. Beberricando o péssimo café que neste país se consumia e ainda se consome, esses satânicos funâmbulos escolhiam a vítima do dia e começavam a redacção de um texto invariável: Monsieur, j'ai l'honneur de vous informer que je vous tiens pour un porc et un con... Bons tempos, aqueles. Bons tempos, com efeito. Imagine-se um Claudel, poeta e diplomata, ou um Giraudoux, igualmente artista e homem de carreira, a abrirem essas missivas anarquistas. Imagine-se o autor de Tête d'Or, *o ventre já volumoso, o papo cheio, a bochecha flácida e prosaica, sentado numa velha poltrona de coiro velho, a abrir a carta do café Cyrano, as pupilas focadas para a leitura daquelas linhas: Monsieur Claudel, j'ai l'honneur de vous informer que je vous tiens pour un redoutable emmerdeur.* Etc. Imagine-se agora a expressão de Claudel, o trémulo cardíaco, a percussão destas amáveis palavras na Alma do Poeta francês.

Evidentemente que o texto acabado de transcrever nunca deve ter sido escrito, pelo menos nunca o foi nestes exactos termos que agora fantasio, embora haja uma grande probabilidade estatística de vir a ser encontrado um dia no espólio claudeliano. Seja como for, cartas deste teor choveram sobre os académicos e pré-académicos autores da época. Bons tempos, vos dizia eu. Bons tempos, aqueles.

Hoje, nesta Europa cada vez mais ciosa de gravidade, semelhantes missivas parecem improváveis, por duas grandes e evidentes razões: por um lado, já nenhum neo-anarquista se lembraria de ir ao Cyrano escrevinhar injúrias a quem quer que fosse e, por outro, nenhum membro da Academia Francesa teria o mau gosto de ficar indignado com aquela fórmula, Monsieur X, j'ai l'honneur de vous informer que je vous tiens pour un porc et un con... E é precisamente isto que me entristece: *já ninguém zomba de ninguém ou, quando tal acontece, já ninguém se zanga com ninguém. Digamos mesmo que se tornou perigosamente conformista utilizar o sarcasmo, a surriada e a chacota. Pensemos em Brassens, premiado pela Academia Francesa, mau grado o clamoroso antiacademismo de todas as baladas e trovas canalhas daquele goliardo.*

A Europa lembra-me às vezes uma senhora de chinelos que vivesse da sua reforma numa velha mansão dos arredores, o quarto cheio de fotografais murchas, as gavetas dos armários atulhadas de flores secas, cartas de amor que fariam rir os netos da boa anciã, recortes de antigos jornais cujos títulos já ninguém reorda. No meio dessas cartas ridículas, duas ou três folhas de papel com a mesma frase: Monsieur j'ai l'honneur de vous informer... *Etc. Vamos, leitor, anda daí comigo, vamos visitar esse velha senhora, ouvir as suas canções de embalar. Que diz ela? Diz que há muitos anos, quando era nova e louçã, frequentava um bando de jovens anarquistas que se reuniam no café Cyrano... Ei-la que suspira, que olha o horizonte vago e baixa a voz. Que diz ela. Diz que os netos dela perderam de vez o gosto e a prática do motim literário, que um espírito burocrático e severamente positivo parece reinar de vez na República das Letras, republica que, por sua íntima e indomável natureza, devia viver sempre no caos da criação, na irreverência salutar, no tumulto, na iconoclastia. Lá está ela a suspirar de novo. Que diz? Diz que nunca mais soube dos amáveis bombistas de outrora, que a vida os dispersou. Pobre, pobre senhora.*

Estrasburgo, Maio de 1968.



Everret C. Thomas deitado na cama do Hospital de St. Luke de Houston (Texas), folheia um livro, onze dias depois de ter recebido o coração de uma rapariga de 15 anos. O seu estado foi descrito como sendo excelente

Três novas lanchas
vão ser entregues à Armada em cerimónia que se efectua amanhã

O ministro da Marinha, acompanhado do chefe do Estado-Maior da Armada e do superintendente dos serviços da Armada, visita amanhã pelas 17 horas, as carreiras do Arsenal do Alfeite, em inspecção ás lanchas da classe «Bellatrix» e «Cacine», que ali se encontram em construção, presidindo á cerimónia da entrega á Armada de 3 lanchas da primeira daquelas classes: «Arcturus» «Aldebaran» e «Procion».

As lanchas desta classe são idênticas ás 3 lanchas da classe «Alvor» contruídas em 1967. Mais duas restantes em construção apresentam-se já com os cascos concluídos; deslocam 28 ton., têm o comprimento de 20 m. e alcançam a velocidade de 15 nós.

As 4 lanchas da classe «Cacine» que ali se encontram em construção, duas das quais já bastante adiantadas, têm o comprimento de 48 metros, deslocam 313 ton. e atingem a velocidade de 20 nós.

O ministro da Marinha visitará também o antigo navio-tanque «Sam Brás» que está a ser transformado em navio de apoio logístico, equipado com oficinas diversas e instalações hospitalares, incluindo sala de operações, instalações de ar condicionado e dispositivo para reabastecimento de combustível; a navegar, poderá transportar viaturas no convés e no castelo, bem como duas barcaças de desembarque e ficará dotado de plataforma para aterragem de helicópteros.

O ministro da Marinha observará ainda os trabalhos de transformação do N. R. P. «S. Rafael» em navio de transporte e oficina, e apreciará outras construções em curso.

Contrastes Geográficos e Históricos em Portugal

— tema da conferência proferida em Paris pelo prof. Orlando Ribeiro

PARIS, 16 — (A.N.I.) — «Contrastes geográficos e históricos em Portugal» foi o título de uma conferência que o professor da Faculdade de Letras de Lisboa, actualmente professor do Instituto de Geografia da Faculdade de Letras de Paris, prof. Orlando Ribeiro, proferiu no salão do Centro Cultural Português, da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris.

Assistiram altas individualidades da vida cultural francesa, elementos representativos da colónia portuguesa e muitos jornalistas.

A seguir á conferência a convite do director do Centro Português de Cultura, prof. Veríssimo Serrão, todos os presentes se reuniram num Porto de honra.

Concerto sinfónico na Estufa Fria

A Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do maestro Fernando Cabral, exibe-se, hoje, ás 21 e 45, na Estufa Fria, interpretando a abertura da ópera «A Clemência de Tito», de Mozart, a «Sinfonia n.º 8», de Beethoven; a abertura da ópera «Hansel e Gretel», de Humferdinck; «Vito», de Viana da Mota; «Pavana», de «Fauré; e a abertura da ópera «Rienzi», de Wagner.

Morreu quando tomava banho na praia do Clube Naval um estudante da Escola Técnica do Barreiro

BARREIRO, 16 — O Joaquim já não volta á escola. Ainda ontem era a alegria em pessoa porque era a vida que desfrutava em toda a sua plenitude. Hoje não é mais do que uma saudade que principia a marcha para o esquecimento, para o tempo que não regressa...

O calor fortíssimo que tem feito levou-o até á praia do Clube Naval. Era meio da tarde. E o que prometia ser uma festa, transformou-se num drama. Quando tomava banho, o Joaquim Valente Faquinha sentiu-se indisposto. Socorrido imediatamente, foi transportado ao hospital onde chegou já morto.

Ninguém na praia sabia aplicar a respiração boca-a-boca. Talvez por esse processo, o Joaquim tivesse regressado á vida, a Alhos Vedros, sua terra natal, talvez ainda hoje pudesse voltar á escola técnica onde todos os seus colegas o estimavam — e agora o choram.

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
COMO O FAZ, HA QUASE 100 ANOS. UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.º) — Sr. VIRGINIO A. DIAS DE SOUSA — PORTO
2.º) — Sr. ANDRÉ DE JESUS GARCIA — GAIA
3.º) — D. MARIA DA CONCEIÇÃO COUTO — PORTO
4.º) — D. MARIA MARGARIDA MACEDO — GAIA
5.º) — Sr. MANUEL ROCHA FRANCISCO — PORTO
6.º) — Sr. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES.

JOALHARIA MERGULHÃO
Fornecedora do Corpo Diplomático — Fundada em 1895
A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

JÓIAS
ANTIGAS E MODERNAS
Compro cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
RUA AUGUSTA, 253
Telef. 324564

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

Em ALVERCA o «DIARIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS. Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

PISCINA DO TAMARIZ
REABRIU AO PÚBLICO
Tratamento de água sob a direcção técnica do eng.º químico B. de Mesquita
Informações no CASINO ESTORIL — Tel. 260730

30 toneladas de níquel para fazer moedas

A administração da Casa da Moeda aceita propostas, até ás 14 horas do dia 28 do corrente, para o fornecimento de 30 toneladas de níquel puro.

Da proposta deverá constar o grau de pureza do níquel, se é em esferas, cátodos ou pedaços, cujas dimensões serão indicadas. Deve, também, ser indicado o prazo de entrega. Tudo isto se transformará, depois, em moeda sonante.

NOVO ESTATUTO E NOVO REGULAMENTO DO SINDICATO DOS CONSTRUTORES CIVIS

A assembleia geral do Sindicato Nacional dos Construtores Civis aprovou por unanimidade e aclamação o novo estatuto e um novo regulamento daquele organismo. O estatuto, agora remodelado, datava de 1933 e o regulamento constituia uma aspiração da classe desde há 18 anos.

A assembleia foi presidida pelo sr. Arménio Pires Serro, tendo comparecido numerosos sócios que participaram na discussão dos dois documentos elaborados pela direcção.

BANCOMAT BFB

A MAIS MODERNA TÉCNICA BANCÁRIA DESDE JÁ PERMANENTEMENTE AO SEU SERVIÇO NAS 24 HORAS DO DIA

O BANCOMAT É UM DISTRIBUIDOR AUTOMÁTICO, QUE LHE ENTREGARÁ A TODO O TEMPO, AS NOTAS QUE DE MOMENTO POSSA TER NECESSIDADE, QUER NUM FIM DE SEMANA, QUER NUM FERIADO... MESMO DURANTE A NOITE

LARGO DO CHIADO 24

1.º BANCOMAT EM FUNCIONAMENTO

AINDA ESTE MÊS, INAUGURAÇÃO DE UMA NOVA MÁQUINA NO PORTO — AVENIDA DOS ALIADOS, 28/32 E NO PRÓXIMO MÊS DE JUNHO EM LISBOA — AVENIDA DE ROMA, 5D-5E

BANCO FONSECAS & BURNAY

CAPITAL E FUNDOS DE RESERVA 852 000 000$00

SEDE: LISBOA — RUA DO COMÉRCIO, 132

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

O SISMO NO JAPÃO MATOU 14 PESSOAS

TOQUIO 16 — (R.) — Um violento terramoto — o maior dos ultimos 16 anos — assolou hoje a Norte do Japão, destruindo centenas de edificios, provocando incêndios e dando origem a marés sísmicas que flagelaram as cidades do litoral.

Ao princípio da tarde o numero de mortos contado era de 14, havendo três pessoas desaparecidas e mais de 50 feridas.

O terramoto atingiu a ilha de Hokkaido e a parte norte de Honshu pouco depois das 9 e 30 da manhã locais (0 e 30 T.M.G.).

O numero de casas destruidas ou danificadas aproxima-se de 200. As comunicações telefónicas ficaram interrompidas em várias cidades assim como o tráfego rodoviário aéreo e marítimo.

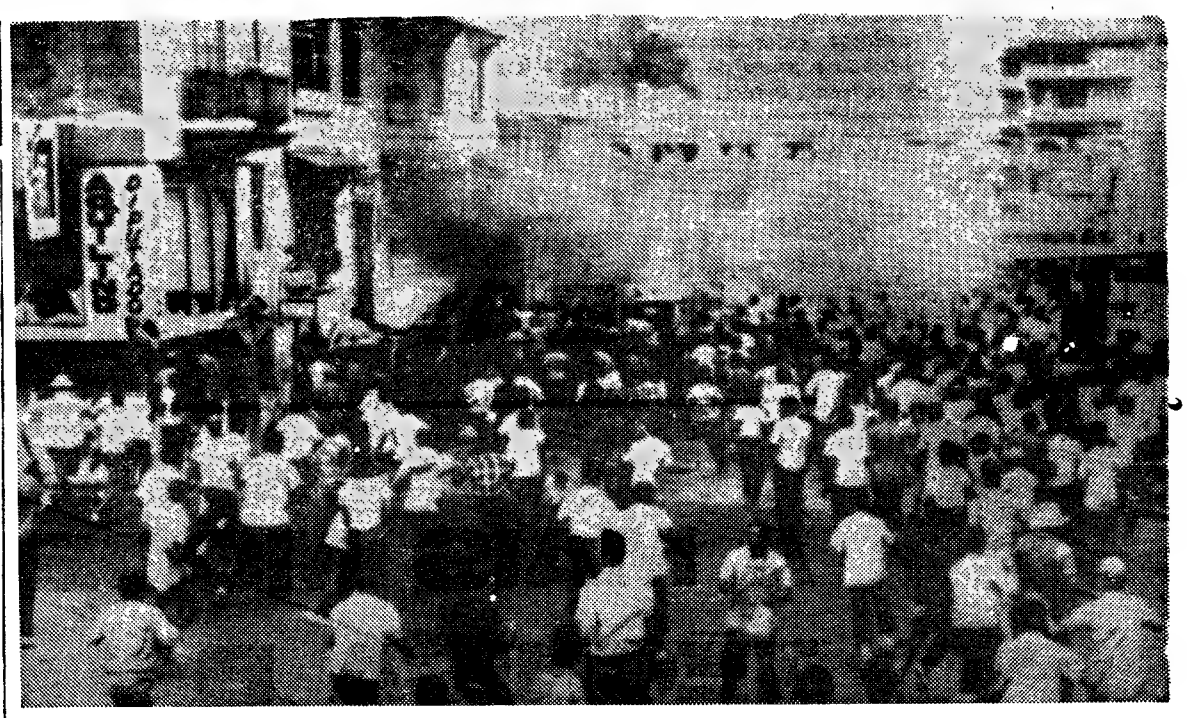
Os serviços meteorológicos japoneses informaram que a intensidade do sismo foi de 7-8 na escala Richter, ou seja ligeiramente inferior ao catastrófico terramoto de Kanto, que em 1923 causou a morte a cerca de 80 000 pessoas e avultados prejuízos na região de Tóquio.

Vagas sísmicas de cerca de 6 metros de altura começaram a flagelar a costa nordeste do Japão, cerca de 20 minutos depois do sismo e a população foi avisada que viriam ainda ondas maiores.

A população dos Estados Unidos

WASHINGTON 16 — (F. P.) — A população dos Estados Unidos atingiu em 1 de Abril de 1968 o total de 199 387 000 pessoas (200 658 000) contando com os americanos de serviço ou residentes no estrangeiro, anuncia o departamento nacional de recenseamento. Trata-se de um aumento de 11,2 por cento em relação a 1960.

O total de 200 milhões fora registado em Novembro último.



Eleições presidenciais no Panamá, há dias realizadas, deram origem a motins na capital durante os quais se registaram dois mortos e vários feridos

Violentos tornados nos E. U. A.

(Continuação da 1.ª página)

City como em Oelwein, depara-se com um espectáculo de desolação: Nada resta do centro comercial, quase todas as casas foram mais ou menos gravemente abaladas. Aqui, como ali, todas as comunicações ficaram cortadas com o exterior, o que demorou a chegada dos socorros. Ambulâncias, médicos, socorristas, equipas de guardas nacionais e da Polícia estadual afluem, agora, ás localidades sinistradas. As autoridades solicitam o apoio das populações vizinhas, porque não dispõem de meios imediatos para alojar e alimentar os milhares de sem-tecto.

Também o Arkansas, Estado ao sul do de Iowa, foi varrido, esta noite, por tornados que provocaram 10 mortes pelo menos. Quase simultâneamente, quatro furacões desabaram sobre Jonesboro (24 000 habitantes), matando 3 pessoas, Oil Trogh, matando igualmente três habitantes, Tuckerman (1 morto) e um acampamento de caravanas, em Mountain Home (3 mortos). Pouco depois, o quinto tornado varria Manila, destruindo grande parte do centro da localidade e causando vários feridos. No Arkansas, como no Iowa, as comunicações estão a ser restabelecidas com dificuldade, razão porque não é possível ainda fazer uma estimativa exacta da extensão dos danos e do numero das vítimas.

INUNDAÇÕES NA MACEDÓNIA

BELGRADO, 16 — (F. P.) — Sete pessoas, entre as quais duas crianças, pereceram nas inundações que assolam as regiões sul e este da Macedónia. As inundações são causadas pelas chuvas torrenciais que sucederam a seis semanas de seca.

Os estudantes franceses mantêm-se na Sorbonne há já três dias

PARIS, 16 — (F. P.) — A Sorbonne viveu, da noite de ontem para hoje, a sua terceira jornada «revolucionária». A animação e a alegria mantiveram-se, acrescentando-se-lhes uma actividade febril. Os anfiteatros estiveram á cunha, prosseguindo neles as apaixonadas discussões dos problemas estudantis, desde os exames até ao cinema.

No pátio interior tocava uma banda. No interior como no exterior os cartazes nas paredes multiplicaram-se. Vêem-se retratos de Mao, de «Che» Guevara, de Trotsky. Como em Nanterre, apareceram as frases pintadas também nas paredes.

A «Assembleia Geral», que funciona no grande anfiteatro, pôs em leilão os frescos de Puvis de Chavannes que ornamentam o pátio interior deste anfiteatro.

Na província o movimento estudantil repercute-se. Em Nantes, uma centena de estudantes foi passar a noite com os operários que ocupam a Sul-Aviação. Em Bordéus, os estudantes de Medicina decidiram o adeamento dos exames por quinze dias. Em Reims, os liceais suspendem as aulas e substituem-nas por sessões de discussão. Mas Toulouse é pelos exames, e a Federação dos Estudantes declara que a supressão dos exames seria catastrófica. Em Lyon a greve é total na Faculdade de Ciências.

BALANÇO DA SEGUNDA OFENSIVA DO VIETCONG

SAIGÃO, 16 — (A. N. I. e F. P.) — A ultima ofensiva inimiga no Vietnam do Sul custou aos Estados Unidos o numero mais elevado de mortos num período semanal — anunciam as autoridades.

Esta ofensiva do Vietcong e norte-vietnamiana, uma versão em menor escala da ofensiva do «Tet», representou para as forças norte-americanas durante a semana passada 562 mortos e 2225 feridos.

Com referência a um período semanal, nem a ofensiva do ano novo lunar, a batalha de Hué ou o cerco de Khe Sanh, produziram tão elevado numero de baixas entre os norte-americanos.

A ofensiva da Primavera atingiu 122 locais no Vietnam do Sul, mas o alvo principal foi Saigão onde nas ruas do bairro chinês, se lutou de porta a porta durante mais de oito dias.

O Ataque custou ao inimigo mais de 8000 mortos em todo o Vietnam do Sul, a maior parte na capital e seus arredores. Só a semana passada foram mortos 5552 comunistas.

As baixas sul-vietnamianas, a semana passada, foram de 675 mortos e 1999 feridos.

A segunda ofensiva envolveu também pesadas destruições: 13 650 casas no conjunto formado por Saigão-Cholon-Gia Dinh, anunciou o ministério dos Refugiados. No sexto bairro de Cholon, com quarteirões inteiros arrasados pela aviação e pela artilharia, são retirados todos os dias cadáveres das ruínas do casario.

DE GAULLE EM CRAIOVA

BUCARESTE, 16. (A. N. I.) — O presidente de Gaulle, que ontem foi homenageado com um banquete de gala pelo Governo romeno, continua hoje a sua viagem oficial de cinco dias ao país, deslocando-se á cidade industrial de Craiova, a 300 quilómetros da capital.

O presidente francês, que percorrerá alguns complexos industriais, discursa na praça principal da cidade, que tem 120 000 habitantes.

Popularidade de Humphrey e Bob Kennedy junto dos jovens

WASHINGTON, 16 — (F. P.) — A popularidade do vice-presidente Humphrey junto dos jovens eleitores aumentou nitidamente no mês passado, enquanto que a do senador Robert Kennedy declinava — revelou ontem uma sondagem a opinião efectuada pelo instituto George Gallup.

Entre os eleitores de 21 a 30 anos, 22 por cento declaravam-se a favor do vice-presidente Humphrey contra 16 por cento no mês anterior, enquanto que 34 por cento se declaram a favor de Robert Kennedy contra 41 por cento no mês anterior. A popularidade do senador MacCarthy mantem-se estável: 33 por cento contra 32 por cento. A mesma tendência encontra-se, mais atenuada, nos eleitores entre 30 e 50 anos.

Conversações de Paris

Continuação da 1.ª página

qualquer mudança básica nas suas conhecidas atitudes.

Funcionários americanos acalentavam certa esperança de que o intervalo antes da próxima sessão, no sábado, poderia dar ao delegado principal de Hanói, Xuan Thuy, tempo para consultar a sua capital sobre vários problemas importantes apresentados ontem pelo delegado americano, Averell Harriman.

Thuy insistiu ontem que uma suspensão total dos bombardeamentos americanos continuava a ser o ponto fundamental. Os Estados Unidos devem cessar incondicionalmente todos os bombardeamentos e outros actos bélicos, antes de poderem começar conversações sobre assuntos substanciais de interesse comum.

Observadores notaram que os norte-vietnamianos exigiram, ontem, que os Estados Unidos retirassem as suas forças da zona, mas não afirmaram especificamente se fariam o mesmo.

Entretanto, o informador oficial americano declarou que o seu país não tinha qualquer desejo de impor um Governo de coligação que incluiria comunistas no Vietnam do Sul.

Contudo, os Estados Unidos concordariam com participação comunista em futuras eleições gerais se a Constituição sul-vietnamiana, que proíbe organizações comunistas, fosse modificada, a fim de o permitir.

Funcionários sul-vietnamianos afirmaram mais tarde que essa era uma suposição impossível visto a legislatura de Saigão se opor a participação comunista.

Um informador americano disse que o Vietnam do Norte não apresentara qualquer nova sugestão e que Harriman não encarara sériamente as alegações norte-vietnamianas.

O delegado americano propôs que o Vietnam do Sul fique livre de coersão, que os acordos sobre a neutralidade do Laos sejam cumpridos meticulosamente e que tanto os Estados Unidos como o Vietnam do Norte apoiem a independência e a neutralidade do Cambodja.

Disse ainda que ambos os lados poderiam encontrar posições semelhantes quanto ao seguinte:

Paz com base no acordo de Genebra de 1954 sobre a Indochina; solução pelo Vietnam do Sul dos seus próprios problemas; reunificação do Vietnam por meios pacíficos e respeito estrito das cláusulas militares do acordo, especialmente na restauração da zona desmilitarizada do Vietnam como uma genuina área-chave.

INTRODUÇÃO À APLICAÇÃO DE CONJUNTOS
pelo Dr. Duarte Gama — Prof. Metodólogo do 11.º Grupo (1.º Grau) do Ensino Técnico
Um trabalho aferido por alunos, de feição prática e linguagem acessível
Preço 40$00
Ed. da Livraria Almedina — COIMBRA

WAGONS-LITS COOK
FINAL DA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS
EM LONDRES
VIAGENS DE AUTOCARRO E AVIÃO
VÁRIAS MODALIDADES
PARTIDAS JÁ ASSEGURADAS
PROGRAMAS, INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
WAGON-LITS // COOK
LISBOA — AV. DA LIBERDADE, 103 — TELEFS. 361521 - 361541
PORTO — COIMBRA — ESTORIL — FUNCHAL — LUANDA — LOURENÇO MARQUES

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

Prevê-se a aprovação das Leis de excepção na República Federal

BONN, 16 — (F. P.) Apesar da oposição liberal, os deputados da coligação (CDU-CSU-SPD) adoptaram ontem, em segunda leitura, os principais artigos das novas Leis de excepção. Os debates recomeçarão hoje, mas parece certo que esta legislação de urgência será adoptada com a maioria de dois terços requerida.

Os seis principais textos adoptados ontem pela Bundestag concernem:

— Limitação do segredo postal; — Limitação da liberdade de circulação; — Protecção do direito de greve e das medidas da «lock-out»; — Mobilização das mulheres para os serviços hospitalares militares; — O direito de resistência contra os adversários da constituição; — A composição e as missões do «Parlamento de perigo» destinado a substituir a Bundestag e o Bundesrat se eles não estiverem em condições de funcionar.

Atentado à bomba em S. Paulo

S. PAULO, 16 — (F. P.) — A explosão de um engenho terrorista causou, ontem á noite, importantes prejuízos na sede da Bolsa de Valores de S. Paulo. Não houve vítimas. Este atentado é o sétimo perpetrado em dois meses em S. Paulo por um grupo terrorista que a Polícia se esforça por identificar.

A bomba, de fabrico caseiro, estava munida de um dispositivo retardador e tinha sido colocada nos locais da Bolsa de Valores pouco depois do fecho das operações.

EMPRESAS PARTICULARES NA CHECOSLOVÁQUIA

PRAGA, 16 — (F. P.) — As condições de exploração de pequenas empresas vão ser fixadas por lei, talvez antes do fim do ano declarou hope o informador do Ministério das Finanças checoslovaco, Domalif, segundo anunciou a agência Ceteka.

A entrevista de Domalif, publicada pelo jornal «Rude Prava», diz nomeadamente: «Concluí-se dos projectos de lei em preparação, que as empresas privadas vão ser geridas por particulares, por vezes assistidos por membros da família. Noutros casos, poderá tratar-se de grupos de indivíduos.

A existência das lojas poderá ser comprada ou alugada.

O projecto de lei prevê, por fim, que o proprietário da pequena empresa possa ter um aprendiz.

Daqui até ao fim do ano, vão ser concedidas cerca de 20 000 licenças de exportação a particulares» — indicou o representante do ministério das Finanças.

Abateu um edifício de 23 andares

LONDRES, 16 — (F. P.) — Um edifício de 23 andares abateu, esta manhã, no bairro de Canning Town em Londres. Numerosas pessoas ficaram soterradas nos escombros e quinze delas foram hospitalizadas.

O edifício fora construído a partir de unidades pré-fabricadas. Tendo ficado concluído há algumas semanas, encontrava-se já habitado.

Uma testemunha disse que o fragor do desmoronamento dera a ideia de um exército de cilindros compressores a descer a rua. «Uma das empenas do edifício abateu como um castelo de cartas», declarou outra testemunha da catástrofe.

A Polícia, os bombeiros e os serviços sanitários continuam a remover os escombros á procura de sobreviventes

O estado de saúde do padre Boulogne

PARIS, 16 — (F. P.) — A direcção do hospital Broussais distribuiu, esta manhã, uma nota, dizendo a propósito do estado do padre Boulogne: «Durante a noite, surgiu um elemento de preocupação: a temperatura subiu a 40 graus, enquanto tudo continua normal nos planos cardiovascular, respiratório e renal. Esta manhã, a temperatura do doente é de 39 graus Fazem-se exames para determinar a origem».

O próximo boletim deve ser publicado pelas 17 horas.

CONVITE A PAULO VI PARA VISITAR O MÉXICO

CIDADE DO MÉXICO, 16 — (A. N. I. e R.) — A Acção Católica mexicana e os cavaleiros de Colombo convidaram oficialmente o Papa Paulo VI a visitar o México em Agosto, antes ou depois da sua anunciada visita a Bogotá, onde se desloca para presidir ao Congresso Eucarístico — anunciou ontem José Alvarez Icaza, presidente do Centro Nacional para Comunicação Social.

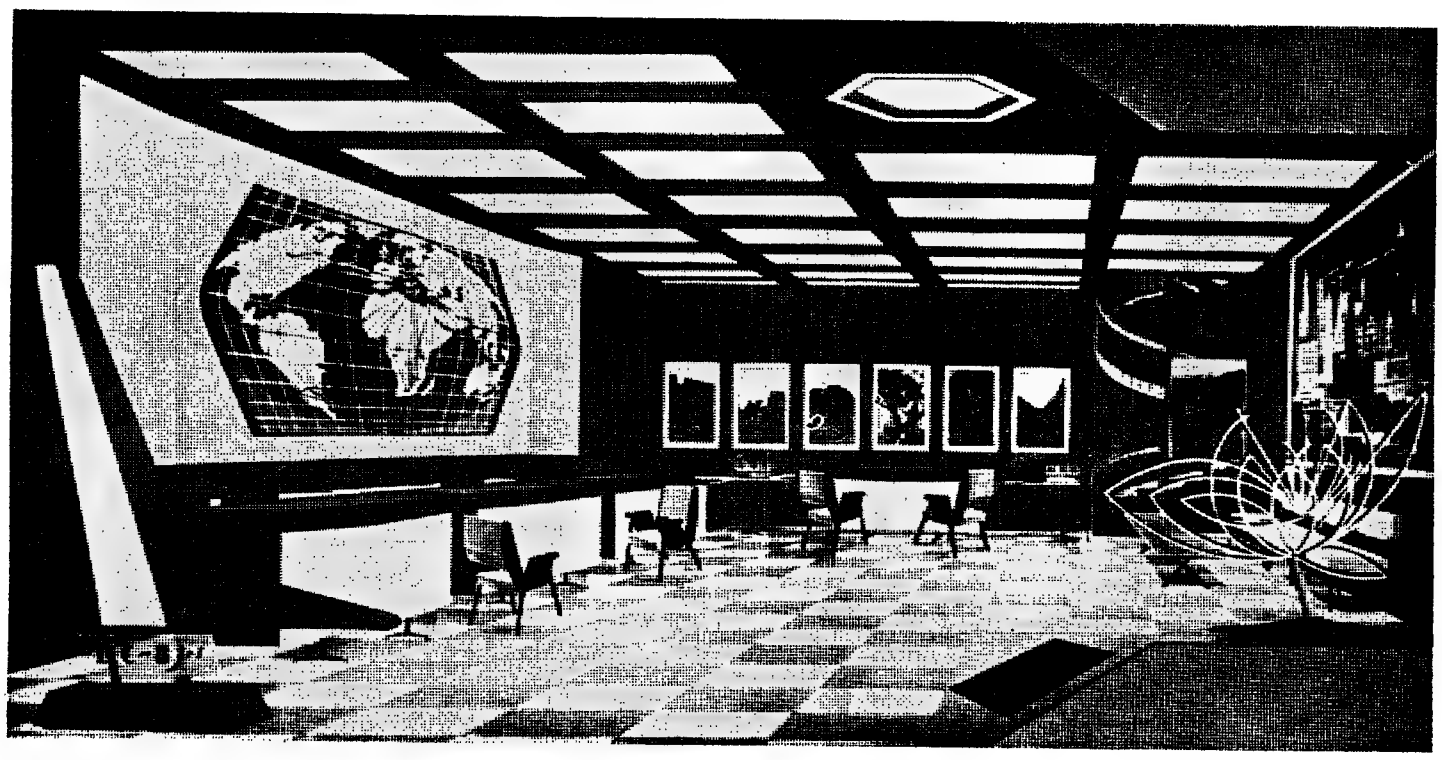
O telegrama foi enviado, na terça-feira, para a Cidade do Vaticano, apesar de anteriormente o Vaticano ter anunciado que o Papa não visitaria qualquer outro país do hemisfério ocidental durante a sua viagem á Colômbia.

Por outro lado, a Venezuela fez também um convite, sem carácter formal, a Paulo VI para visitar o país depois de assistir ao Congresso.

ALITALIA

NOVAS INSTALAÇÕES

DA AGÊNCIA DE PASSAGENS E RESERVAS



Temos o prazer de comunicar que a partir do dia **15 de Maio** abriremos ao público as nossas novas instalações na Av. da Liberdade, 223 com o telefone 53 61 41
A todos os nossos clientes e amigos agradecemos a preferência dispensada.

PORTO
Rua D. João IV, 114, 4.º, D,
Telef. 57480

LISBOA
Representação para Portugal: Praça Marquês de Pombal, 1, 5.º
Tel. 53 61 41
Agência de Passagens e Reservas: Avenida da Liberdade, 223
Tel. 53 61 41

FUNCHAL
Travessa Quinta dos Reis, 2
Telef. 23576

Leitores de Lisboa e Setúbal premiados em «Basta um Palpite»

Os cronómetros do júri do nosso concurso «Basta um Palpite» marcavam 68 minutos e 14 segundos (e aí se imobilizaram) quando a bola preta e branca, despedida de longe pelo inevitável Eusébio, bateu pela primeira e única vez o guarda-redes Anzolin, confirmando o favoritismo do Benfica para a final de Wembley. Era, pois, o minuto 69.º e nessa base iriam ser conhecidos os nomes de três dos nossos leitores, contemplados com a anunciada viagem à capital britânica. Tinha bastado um palpite, uma simples aposta com maior ou menor intuição — se é que a intuição, mais que a sorte, tem alguma coisa a ver com palpites futebolísticos.

Mas faltava a abertura dos invólucros onde os cupões estavam guardados e todo o restante cerimonial. Foi hoje de manhã, com a assistência da sr.ª D. Adelina Rosa Varandas Rosa Matos, em representação do Governo Civil de Lisboa, acompanhada de um representante do nosso director, membros do júri e alguns leitores.

O minuto da sorte, o 69.º, teve bastantes mais apostadores que igual fracção de tempo por ocasião do Benfica-Juventus, de 9 de Maio. Aqui fica para os amadores de estatísticas—427.º. Resta acrescentar que a maioria dos palpites incidiu, com aquela lógica que a lógica do futebol muitas vezes atraiçoa, nos minutos 1.º a 30.º, e ainda no minuto 90.º (a pensar no 0-0, tão pouco do agrado de Eusébio).

O competente sorteio foi efectuado imediatamente após a abertura do sobrescrito (lacrado) onde estavam os cupões «felizes», e nele colaboraram vários dos presentes, até mesmo a sr.ª D. Adelina Rosa Matos, instada a contemplar, se possível, uma leitora...

Os três leitores premiados são os seguintes, por ordem de sorteio: 1.º, Sérgio Marques Valente (Rua Martins Sarmento, 53, 2.º, esq.º, Lisboa); 2.º, Jorge Moreira Raposo (Rua das Areias, lote 3, 3.º, Setubal); 3.º, Amadeu Loureiro (Rua Gomes Freire, 123, 5.º esq., Lisboa 1). Afinal, tudo homens. Torcedores, ou não, do Benfica, estão com um pé em Londres.

A viagem tem o pretexto desportivo. Mas é mais do que isso. Trata-se, em resumo, de umas férias merecidas, com passeios à mistura e excelentes oportunidades de ver os cabeludos de Carnaby Street, os oradores de Hyde Park e as bonitezas de Picadilly Circus, que saem das lojas aí por volta das 7 da tarde (estamos só a informar).

O momento exacto (minuto 14.' depois das 10 da manhã) em que era retirado o invólucro com os palpites do minuto londrino, o 69.º, tornado realidade mercê de um «golão» de Eusébio

É aluno do Liceu Camões o primeiro premiado

O jovem estudante Sérgio Marques Valente junto de seu pai, que se apressou a dar-lhe parabéns, no Liceu onde estuda

Caiu das nuvens o primeiro premiado no sorteio, Sérgio Marques Valente, aluno da turma C do 5.º ano do Liceu Camões, quando, esta manhã, o repórter do «Diário de Lisboa» lhe deu a notícia. Pudera! O Sérgio esperava tudo menos uma viagem a Londres. E a sorte foi bater a boa porta, porque, além de ser adepto «ferrenho» do Benfica, concorreu apenas com 20 cupões, dos quais apenas um levava escrito o minuto 69 para o encontro Juventus-Benfica.

— *Estou muito contente, mas não sei se poderei ir, por causa das aulas. Os exames estão á porta* — começou por nos dizer.

— E como vamos de estudos?

— *Mais ou menos. Em Ciências, estou seguro, em Letras, um pouco mais fraco.*

— Esperava ganhar?

— *Esperar, esperava. Mas... tenho entrado em todos os concursos do «Diário de Lisboa» e nunca me saiu nada. Gostei muito daquele dos barbudos, mas agora estou a gostar mais deste.*

— Como preencheu os cupões?

— *A sorte, e apenas vinte cupões...*

A alegria do Sérgio contagiou a família. E o pai não esteve com meias medidas: saiu do emprego, foi cumprimentar o filho ao Liceu Camões e aproveitou para dar ao repórter, ainda presente, os parabéns pela iniciativa do jornal.

O premiado de Setúbal é ajudante de despachante

O sr. Jorge Moreira Raposo, que é o premiado de Setubal, tem uma profissão pouco sedentária: ajudante de despachante. Procurámo-lo por toda a parte, deixámos recados, avisos, pedidos lancinantes de contacto. Nada feito até agora.

O que mais nos custa é o sr. Raposo vir a ser avisado, por interposta pessoa, antes mesmo de comprar o seu exemplar do «Diário de Lisboa». Queríamos suavizar-lhe a emoção decorrente do prémio, evitar-lhe sustos demasiados. Não há direito, sr. Raposo!

ALERGIAS E IMUNOLOGIA

Decorreram em Toulouse as VIII Jornadas Provinciais de Alergia, durante as quais o dr. Mário Damas Mora, médico-chefe do Serviço de Doenças Alérgicas da Junta Distrital de Lisboa, fez uma introdução a uma dos reconstros sobre «Alergias e Imunologia».

O sócio n.º 192 do Sporting (sr. Amadeu Loureiro)

«adivinhou» o primeiro golo do Benfica

É sócio do Sporting há mais de 40 anos (o seu cartão tem o n.º 192) o concorrente a quem a sorte sorriu no ultimo cupão tirado da caixa, no sorteio. Trata-se do sr. Amadeu Loureiro, profissional de seguros, em Lisboa.

— *É o primeiro prémio que ganho em concursos do género e tenho concorrido a todos os que são promovidos pelo «Diário de Lisboa», jornal de que sou leitor desde a sua fundação...*

— Com quantos cupões concorreu?

— *Com noventa, um para cada minuto. Ou se joga ou não se joga, não é?*

— Quanto á viagem a Londres?

— *É um caso a pensar. Estou práticamente sózinho na secção onde trabalho, porque um colega está de férias no estrangeiro e o outro doente... Vamos lá ver como será...*

O sr. Amadeu Loureiro, sócio do Sporting há mais de 40 anos

O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES FOI CONDECORADO PELO GOVERNO ALEMÃO

O embaixador da Alemanha no nosso País, sr. dr. Muller-Roschach, procedeu, hoje, ao princípio da tarde, na sua residência, á entrega das insígnias da grã-cruz, com estrela e banda, da Ordem de Mérito Alemã, ao sr. prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e Previdência Social, com que foi agraciado pelo presidente Luebke, sob proposta do vice-chanceler e ministro dos Negócios Estrangeiros, Willy Brandt.

Entre outras individualidades, encontravam-se presentes os srs. ministros do Exército e das Comunicações, já agraciados com aquela condecoração.

No acto da entrega da grã-cruz, o embaixador da Alemanha no nosso País salientou «o espírito de colaboração do agraciado, sempre propício á aproximação luso-alemã».

O ministro das Corporações agradeceu a distinção que merecera ao Governo alemão.

NOVO VOGAL da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

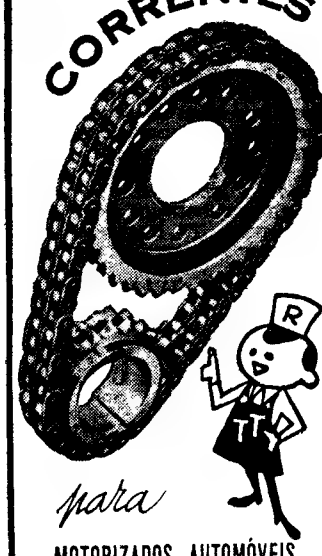
O sr. dr. Bonifácio de Miranda passa a ser o representante do ministro dos Negócios Estrangeiros como vogal do Conselho Geral da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, em substituição do sr. dr. João Marçal de Almeida, que foi colocado no qua-

Não diga «vejo», diga «vou»!

Para os premiados, os três felizes contemplados da fortuna, o *slogan* passa a ser: não diga «vejo», diga «vou»! Enquanto milhões de telespectadores ficam literalmente «pendurados» do receptor da TV, três leitores do «Diário de Lisboa» estarão em Londres para ver como tudo se passa ao vivo. Uns vêem, os outros TVêem apenas.

Assim termina uma grande iniciativa do nosso jornal, concebida para proporcionar alguns dias de descanso + emoções fortes aos seus leitores: cinco em Turim, três em Londres. Sucede, porém, que um dos contemplados de Turim preferiu guardar-se para a final de Wembley. Expôs-nos esse desejo — e aceitámos. Chama-se Vasco Varela Ramos da Silva, e mora em Lisboa. Será mais um «fan» do Benfica na arquibancada londrina.

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

REGINA REX
CORRENTES

para
MOTORIZADOS, AUTOMÓVEIS
CAMIÕES
TRACTORES E INDÚSTRIA
REPRESENTANTES
AUTO-LUSITANIA
ALFREDO DUARTE, LDA.
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

DIÁRIO DE EVA

COISAS DE MULHERES...

PLANOS MATERNOS

por Elina Guimarães

Às vezes, expõem-se melhor as situações por meio de enredos romanescos do que por dissertações abstractas Por isso, vou falar dum romance duma escritora injustamente esquecida, Mathilde Alanic, que viveu e escreveu nas primeiras décadas deste século, quando a «promoção feminina» se iniciava. Além de delicada psicologia, há, nas suas obras, certo valor documental sob a forma de viver e pensar da chamada «alta burguesia» de província. Como, porém, cito de memória, os nomes das personagens não são autênticos

Germaine tinha uma destas mães devotadas que só vivem para as filhas o que, no dizer de Margot Asquith, significa que as filhas só devem viver para ela. Germaine, diz a orgulhosa progenitora, só terá um marido digno num duque milionário. Naturalmente, era quase impossível que semelhante personagem surgisse na existência delas. Apareceu sòmente um alferes pobre que, depois de um idílio, à moda da época, desaparece sem explicação. O desgosto de Germaine é oculto, mas profundo. Durante anos, vive junto da mãe ao ritmo antiquado que ela impõe. Aos 45 anos, fica órfã. Mas, embalada pelo ramerrão quotidiano nada altera a princípio nos seus hábitos.

O único futuro: um casamento rico

A providência traz, porém, à vila a sua melhor amiga de infância, e parente afastada, Mme. Lenoir. Esta casou nova e ficou viúva com uma filha, Aline, cujo futuro é a sua maior preocupação porque, para a mentalidade da mãe, o único futuro é o casamento rico. Por isso, frequenta meios abastados fazendo prodigios de poupanças secretas, mas sem resultado. Aline não é feia, mas não chama e sobretudo não fixa as atenções E quem quer casar rico tira informações.

Mme. Lenoir e Germaine encontram-se com prazer. A primeira censura docemente a passividade da outra. Ela é rica, para que levar uma existência monótona e apagada. Pode viajar, gozar a vida. Ela e a filha ali estarão para lhe fazer companhia. E levam-na com elas para Paris. É a amizade que até certo ponto guia Mme. Lenoir, mas também e principalmente o amor maternal. Com uma «tia» rica junto dela, Aline terá muito mais êxito.

Em Paris, Germaine renova o seu guarda-roupa e o de Aline. É como a crisálida que emerge do casulo. E decide alugar casa na praia elegante onde as amigas passavam, a troco de grandes privações invernais, duas semanas de férias.

Durante os anos de solidão, Germaine enriquecera o seu espírito com a leitura atenta de livros e jornais. Formara também um gosto sóbrio, mas seguro, na forma de vestir. É naturalmente sociável. Tudo isto não agrada muito a Mme. Lenoir, que quisera dar à filha uma parente rica e não uma rival. No entanto, há já no horizonte um pretendente para Aline.

Ultrapassada a idade de ser dirigida pela mãe

Surge, porém, de novo, o alferes pobre de outrora que é agora coronel, rico, viúvo e pai de duas gémeas encantadoras de 14 anos. Reencontrando Germaine, ele mostra não embaraço, mas o mesmo ressentimento que ela lhe manifesta. Há entre eles uma explicação franca e com tristeza descobrem que ele havia pedido a mão de Germaine à mãe e que esta a recusara sem nada dizer à filha. O pedido é renovado, agora directamente, e aceite com entusiasmo. As filhas do coronel saturadas de internatos e perceptoras recebem com satisfação aquela senhora generosa, simpática, que logo lhes mostra carinho maternal.

Tudo está pelo melhor, salvo para a pobre Aline cujo pretendente bate em retirada imediata. E que, além disso, tem de aturar as lamentações da mãe sobre a ingratidão de Germaine...

Esta, contudo, não esquecera a pobre rapariga. Contando-lhe a sua história, aconselha-a que não deixe a mãe, por excesso de amor ou de egoísmo, a destruir a vida dela como a sua quase o conseguira.

Aline regressará à sua vida modesta, mas aceitando-a como tal. Não fingirá mais de menina filha de família rica. Será a mulher digna e consciente que já ultrapassou a idade de ser dirigida pela mãe, a quem agora cabe servir de apoio. Trabalhará, abertamente e francamente. E talvez a espere ainda uma felicidade sólida, porque será baseada na verdade.

A segunda reunião

de cientistas espanhóis e portugueses sobre problemas de Pediatria decorrerá em Coimbra

COIMBRA, 16

Começam na segunda-feira os trabalhos da II Reunião Luso-Castellana-Artur-Leonesa de Pediatria A sessão inaugural será, ás 9 e 30, no Centro de Saude e Assistência Materno-Infantil Dr. Bissaia Barreto, presidida pelo ministro da Saude, sr. dr. Neto de Carvalho.

Esta importante reunião científica é organizada pela Sociedade Portuguesa de Pediatria, que tem como presidente o sr. dr. Nunes Cordeiro Ferreira, e pela Sociedade Castellana Astur Leonesa, á qual preside o sr prof dr. Ernesto Sanchez Villares. Mais de cento e cinquenta especialistas portugueses e espanhois tomarão parte nos trabalhos, durante os quais serão apresentados setenta trabalhos sobre tema livre.

Entre muitos outros cientistas, estarão presentes os srs. drs. profs. Sanchez Villares, catedrático de Pediatria de Valladolid; o seu adjunto Salazar Vila Lobos; Casado Frias, catedrático de Pediatria de Salamanca; Salazar de Sousa e Fonseca de Castro, catedráticos de Pediatria das Universidades de Lisboa e Porto, respectivamente; Mário Cordeiro, professor da Universidade de Lisboa; Frederico Collado e Carlos Vasquez, pediatras de «La Paz», de Madrid, Leonardo Castro Freire catedrático, aposentado, de Pediatria de Lisboa; Manuel Cordeiro Ferreira, antigo director dos Serviços de Pediatria dos Hospital de D Estefânia, em Lisboa; Armando Tavares, assistente da Faculdade de Medicina do Porto; e prof dr. Lucio de Almeida, antigo catedrático de Pediatria da Universidade de Coimbra.

VIDA SOCIAL

Gina

Participa ás suas Ex.mas Clientes que breve apresentará a sua colecção no Hotel Fénix.

Uma conferência do secretário de Estado da Aeronáutica

Amanhã, ás 21 e 30 o sr brigadeiro Fernando Alberto de Oliveira, secretário de Estado da Aeronáutica, fará na biblioteca do Colégio Universitário Pio XII. a convite da direcção e estudantes, uma conferência sobre «Tecnologia e decisão militar» em que focará as novas técnicas militares especialmente as originadas pelas descobertas da energia nuclear.

Esta conferência está integrada numa série de lições e conferências organizadas pelo Centro de Ciências Sociais, Políticas e Financeiras daquele Colégio e com ela encerrarão este ano as actividades culturais.

PASSAGEM DE MODELOS PRIMAVERA-VERÃO

Com a presença de 15 000 espectadores, realizou-se no Palácio dos Desportos do Real Madrid uma passagem de modelos para a Primavera-Verão.

Dezassete manequins de ambos os sexos apresentaram uma colecção de noventa e sete modelos para praia, tarde, noite e cerimónia, destinados a todas as idades e ocasiões, mas sem características extravagantes.

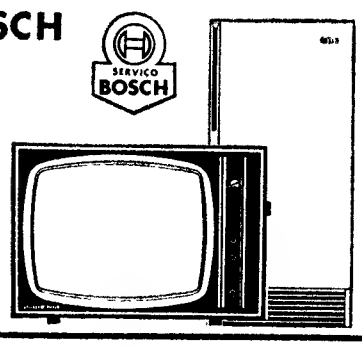
Sem abandono das linhas clássicas, notou-se nos trajos masculinos uma evolução que não os desvia, contudo, da sua linha varonil. Nos conjuntos femininos para praia ou desporto predominaram os calções bermudas em cores, numa variante do que outrora se denominou saia-calça.

LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

Electrodomésticos BOSCH e PONTO AZUL

SERVIÇO BOSCH

JOMA Blaupunkt

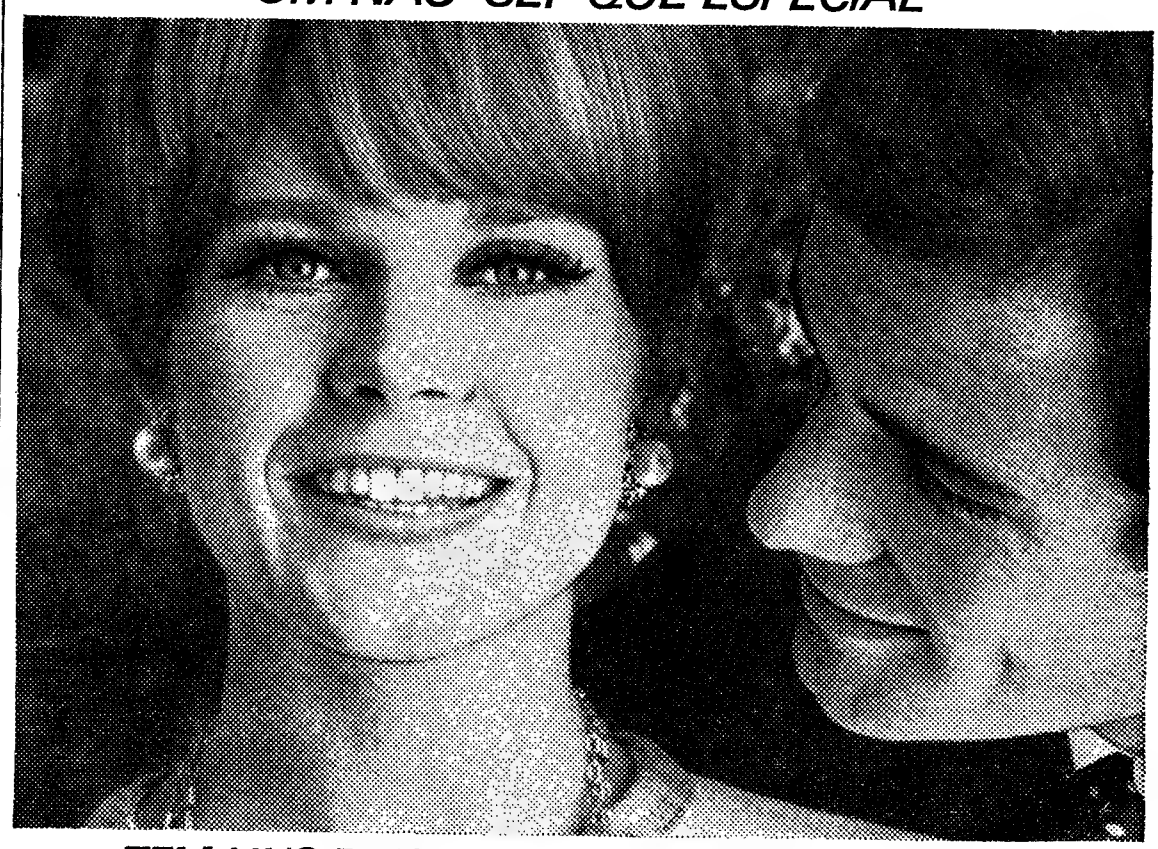


Venda e Assistência Tecnica

Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)
Tel·633061/2·633031

Mulheres elegantes, bem cuidadas. mas ela...ela tem

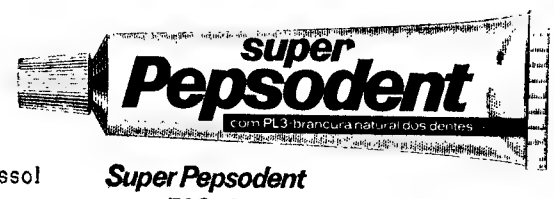
UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL



TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!

o adorável sorriso Pepsodent!

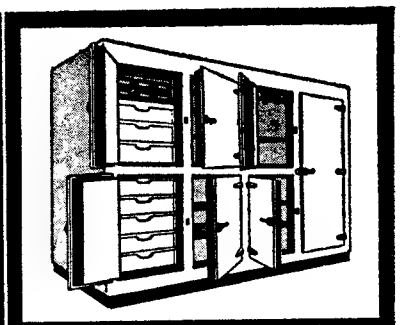
Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diàriamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!

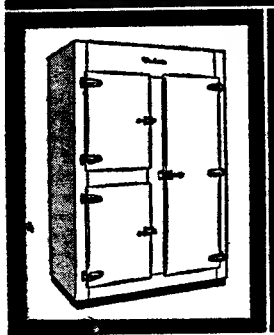


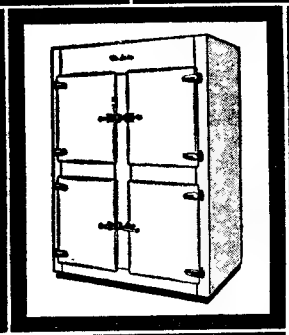
Super Pepsodent com PL3 - brancura natural dos dentes

Refrigeração
POLAR

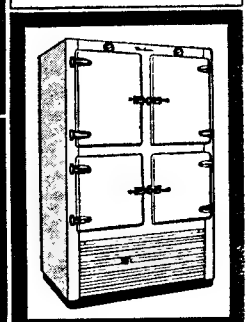
APRESENTA ALGUNS MODELOS DE FRIGORÍFICOS COMERCIAIS PARA TODOS OS FINS



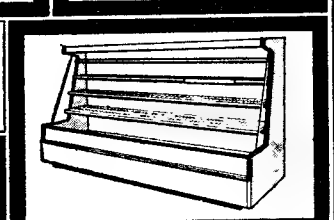


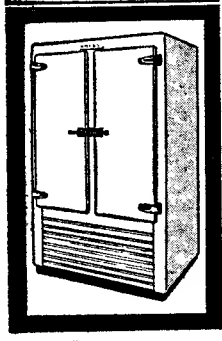


ESTRUTURAS TOTALMENTE METÁLICAS COM ACABAMENTO EXTERIOR EM AÇO INOXIDÁVEL OU PINTURA A ESMALTE DE ESTUFA

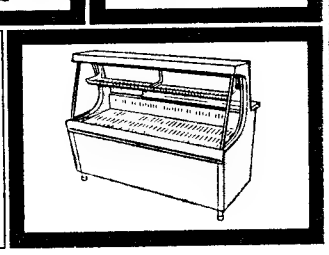


INDÚSTRIA HOTELEIRA • HOSPITAIS • LABORATÓRIOS • PASTELARIAS • CAFÉS • SUPERMERCADOS • MERCEARIAS • TALHOS





CÂMARAS FRIGORÍFICAS PARA CONSERVAÇÃO DE ALIMENTOS • CÂMARAS DE CONGELAÇÃO • CÂMARAS DE CONSERVAÇÃO DE PRODUTOS CONGELADOS.



▪ AV. ALM. REIS, 94-C-TEL. 53 37 55-LISBOA

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO É MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.ª C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng.º Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES

FACULTAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis

Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»

«EVOTRUFE» — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.

FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

Rua de S. Nicolau, 41, 3. — LISBOA-2 — Telefs. 361805 - 322113

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

FORNECIMENTO DE: Ovos, azeite, legumes secos, estimulantes e complementos, peixe congelado, criação e vinho

CONCURSOS PÚBLICOS

No Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Avenida 24 de Julho — Lisboa, onde se encontram patentes as condições dos concursos, recebem-se propostas para os fornecimentos em referência.

N.º do concurso	Artigo	Abertura das propostas	
		Dia	Hora
37/68	Ovos	31/5/68	10
38/68	Azeite	31/5/68	11
39/68	Legumes secos	31/5/68	15
40/68	Estimulantes e complementos	31/5/68	16
41/68	Peixe congelado	5/6/68	11
42/68	Criação	5/6/68	10
43/68	Vinho	31/5/68	14,30

O prazo para entrega das propostas e dos depósitos respectivos termina às 15 horas e 45 minutos dos dias úteis imediatamente anteriores aos acima indicados.

Lisboa, 16 de Maio 1968.

SETÚBAL

VIRGILIO SARAIVA FERNANDES

FALECEU

Pátria Paulino da Graça Fernandes, Fernando Guilherme da Graça Fernandes, mulher e filhas, Filipe da Graça Fernandes mulher e filha, Maria Manuela da Graça Fernandes Rica marido e filha e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizades o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente e cujo funeral se realiza amanhã, dia 17, da Capela do Socorro para o cemitério desta cidade.

A CARGO DA AG. ARMINDO
Telef. 23515

SETÚBAL

VIRGÍLIO SARAIVA FERNANDES

FALECEU

A IMPERIAL FILMES, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente sr. Virgílio Saraiva Fernandes e que o funeral se realiza amanhã, dia 17, da capela do Socorro para o cemitério desta cidade.

A CARGO DA AG. ARMINDO
Telef. 23515

SETÚBAL

VIRGÍLIO SARAIVA FERNANDES

FALECEU

A FUNDIÇÃO SETUBALENSE cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu proprietário sr. Virgílio Saraiva Fernandes e que o funeral se realiza amanhã, dia 17, da Capela do Socorro para o cemitério desta cidade.

A CARGO DA AG. ARMINDO
Telef. 23515

SETÚBAL

VIRGÍLIO SARAIVA FERNANDES

FALECEU

REFILME, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do pai do seu sócio-gerente, sr. Fernando Guilherme da Graça Fernandes e que o funeral se realiza amanhã, dia 17, da Capela do Socorro para o cemitério desta cidade.

A CARGO DA AG. ARMINDO
Telef. 23515

Subdelegado de Saúde do concelho de Moncorvo

BRAGANÇA, 16 — Na sede da delegação de Saúde foi empossado pelo respectivo delegado, sr. dr. António Sampaio, o novo subdelegado do concelho de Moncorvo, sr. dr João Celestino Machado Leonardo. Ao referido acto de posse assistiram autoridades e individualidades do maior relevo, tanto nesta cidade e na referida vila e concelho de Moncorvo, bem como todos os funcionários em serviço na delegação de Saúde deste distrito.

Novo vice-presidente do Município da Batalha

BATALHA, 16 — No Governo Civil de Leiria tomou posse do cargo de vice-presidente da Câmara Municipal desta vila o sr. Alfredo de Azevedo Mendes da Costa, comerciante local.

A ACADÉMICA vencedora do MARÍTIMO (2-0) no Funchal

FUNCHAL, 16 — (A. N. I.) — No Estádio dos Barreiros, festivamente engalanado, milhares de espectadores assistiram esta noite ao encontro amigável de futebol, com fins de beneficência, entre a Académica e o Marítimo, que os estudantes venceram por 2-0.

Associação de Proprietários do Rego das Poças do Pinheiro

Foi aprovada a Associação de Proprietários do Rego das Poças de Pinheiro, cuja zona se situa na margem esquerda do Rio Frio, abrangendo as freguesias de Soiães e Pinheiro de Lafões

ADRIANO GUEDES

(CONSTRUTOR CIVIL)

CONFORTADO COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Sua Esposa, Filho e mais Família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamá-lo à Sua Divina Presença e que o funeral se realiza hoje às 16,30 horas, da Basílica da Estrela, para o cemitério do Lumiar.

P. N A. M.

AGÊNCIA BARATA

ADRIANO GUEDES

FALECEU

MARTINS & GUEDES, LDA., com o mais profundo pesar, participa a todos os seus clientes, fornecedores e amigos, o falecimento do seu prezado fundador e sócio gerente, e que o funeral se realiza hoje às 16,30 horas, da Basílica da Estrela, para o cemitério do Lumiar.

ADRIANO GUEDES

FALECEU

O PESSOAL DE MARTINS & GUEDES, LDA., com o mais sentido pesar participa o falecimento do seu saudoso Patrão e Bom Amigo, e que o funeral se realiza hoje às 16,30 horas, da Basílica da Estrela para o cemitério do Lumiar.

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Maio de 1938 publicava:

«LONDRES, 16 — A Imprensa concebe que da questão sudeta poderá resultar a guerra, e que nessa guerra a Grã-Bretanha será forçosamente envolvida. Eis um facto novo. A leitura dos jornais de há um mês não permitia fazer uma observação tão nítida. Discutia-se, então, a possibilidade de a Inglaterra se manter neutral. Já se não discute isso. Hoje a Imprensa consagra-se acima de tudo a assinalar os meios de evitar que estale o conflito. Não pôr a Grã-Bretanha no caso de fazer a guerra é a preocupação essencial.»

CURIOSIDADES

● Testemunhos do passado

Na povoação espanhola de Aguilafuente foram descobertos magníficos mosaicos do tempo da dominação romana, ornamentados com motivos geométricos e florais, que se julga remontarem aos séculos II e III da nossa era.

Num lugar da província gaditana, chamado «Campo de las vacas», encontraram os investigadores de arqueologia dois túmulos fenícios, no interior dos quais havia restos de um certo animal e recipientes deteriorados. Será tudo reconstituído e enviado para o Museu Arqueológico de Cádis.

● Contrabando de ouro e jóias

Um viajante detido, em Hamburgo, por agentes da Alfândega num compartimento de primeira classe do «Expresso da Escandinávia» (Milão - Hamburgo - Estocolmo) trazia nas cuecas 40 quilos de jóias em ouro. Era um dos muitos contrabandistas que levam, anualmente, cerca de 2000 kg das mesmas jóias no valor de 30 milhões de marcos (o equivalente a 7,5 milhões de dólares) da Itália para a Alemanha Federal sem pagarem os direitos alfandegários e vendendo-as a bom preço.

A um joalheiro foram, também, descobertos no cós das calças 70 quilates de brilhantes; e esse negócio de contrabando mobilizou vendedores de frutas e sorvetes.

ANEDOTAS

A ama para o petiz:

— Carlinhos, que diria o seu pai se soubesse que o menino tinha quebrado o ramo da cerejeira?

— Ora, dizia que as árvores não são tão bem feitas agora como eram antes da guerra.

☆

— Eu, por mais que tente, não sou capaz de viver com dez contos por mês.

— Então por quê?

— Porque não os tenho.

☆

O professor pergunta ao aluno:

— João, que é que separa o riso das lágrimas?...

Resposta triunfante do pequeno:

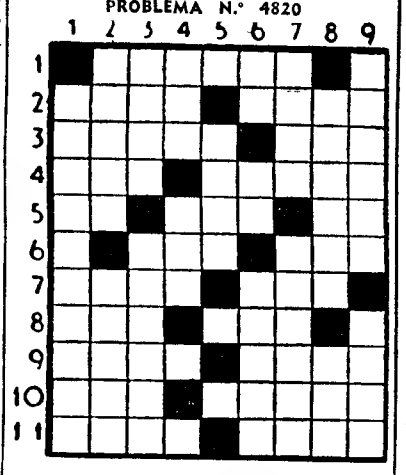
— O nariz.

— Mas, minha senhora, como podíamos nós adivinhar que V. Ex.ª desejava que as fotografias saíssem parecidas?

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4820



HORIZONTAIS: 1 — Alforje. 2 — De elevado preço. Qualquer porção duma curva. 3 — Gostara muito de. Doença 4 — Lista. Ligara. 5 — Reis. Ovário dos peixes. Sufixo que designa estado. 6 — Falda. Fileira. 7 — Tange. Prende 8 — Pedra de altar. Senhor em inglês. Tempo do verbo ser. 9 — Caudo. Mestre. 10 — Nome de uma letra. Antigo direito aduaneiro sobre o bétele seco, em Bombaim. 11 — Hábito. Caruma.

VERTICAIS: 1 — Acarretaram. 2 — Uma das Espórades. Oráculo. 3 — Terra nova e arroteada de fresco. Terminar. 4 — Colorido. Pequena barra de ouro que serve de moeda entre os japoneses. 5 — Artigo definido. O apontar da manhã. 6 — Nota musical. Seguia. Encoleriza. 7 — Classe de tropa. Açambarca. 8 — Fanático. Felicidade. 9 — Pegara. Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4819

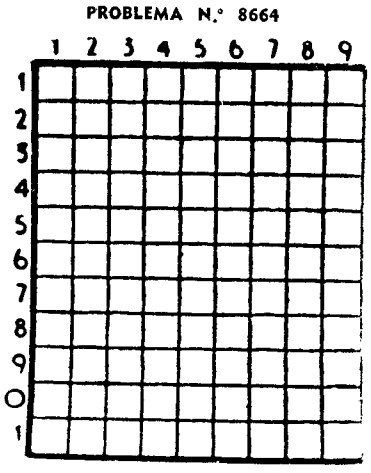
HORIZONTAIS: 1 — Mais. As. 2 — Acorrenta. 3 — Zarca. Ar. 4 — Mão. Prós. 5 — Bar. Fora. 6 — Rs. Meto. 7 — FARTURIA. 8 — Varra. 9 — Ugar. MI. 10 — Rega. Aoto. 11 Amamentar.

VERTICAIS: 1 — FAZ. BRAVURIA. 2 — Comas. Agem. 3 — Morar. Fraga. 4 — Arco. Marram. 5 — Ira. Fero. 6 — Se. Pott. Man. 7 — Narrou. Lot. 8 — Atroa. Ri. Tá. 9 — Sa. Ao. Pôr.

Provérbio: A FARTURIA FAZ BRAVURA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8664



HORIZONTAIS: 1 — Lembrara. 2 — Prender com elos. Escarnecam. 3 — Rebento ou botão de planta. Classe de tropa. 4 — Membro de ave. Rio da Suíça. 5 — Colocou. 6 — Ajustaria. 7 — Harmonizaria. 8 — Prendes. Bisnaga. 9 — Irmão de Abel. Verdadeiro. 10 — Divisões de uma casa. 11 — Troça. Ruído. Cobalto (s. q.).

VERTICAIS: 1 — Borrifara. Serra. de Portugal. 2 — Gavinhas. Pesquisa. 3 — Leito. Prendeis com elos. 4 — Rezo. Ponto de vista ilusório (pl.). 5 — Apelido. O lado do vento. 6 — Doutora. Curaram. 7 — Encoleriza. Versejes. 8 — A folhagem das plantas. Lagoa do estado da Baía (Brasil). 9 — Tem gosto amargo. Líquido gorduroso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8663

HORIZONTAIS: 1 — Repisaras. 2 — Elar. Cimo. 3 — Amo. Mal. 4 — Tó. Ala. Rã. 5 — Ciara. 6 — Curvada. 7 — Per. Iva. 8 — Aros. Cais. 9 — Ir. Ido. As. 10 — Raia. Revi. 11 — Aro Sam.

VERTICAIS: 1 — Reato. Paira. 2 — Elmo. Cerrar. 3 — Pao. Curo. Io. 4 — Ir. Air. Sia. 5 — Olavo. 6 — AC. Ara. Cor. 7 — Rim. Adia. Es. 8 — Amar. Aviava. 9 — Solar. Assim

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MONTEPIO GERAL

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

Fundada em 1840

ASSEMBLEIA GERAL

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

3.ª CONVOCATÓRIA

Reune-se hoje, 16, pelas 21 horas, no edifício da Sede, para apreciar e votar o parecer da Comissão eleita na sessão da Assembleia Geral de 29 de Março p.º p.º sobre a oportunidade e conveniência da reforma dos Estatutos do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa, naquilo que se torna necessário para a fusão ou absorção respectivamente, do Montepio Madeirense e da Caixa Económica Madeirense e, ainda, em quaisquer outros aspectos que considere também de oportunidade e conveniência alterar ou inovar, e eleger a Comissão de 5 membros que, nos termos do § 1.º do Art.º 162.º dos Estatutos, elaborará o projecto da alteração dos Estatutos do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa.

Nos termos do § 2.º do Art.º 163.º dos Estatutos a Assembleia poderá deliberar com qualquer numero de sócios.

VENDA DE TERRENOS EM CASCAIS, REBELVA E PAREDE

A Camara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 18 do corrente, pelas 15 horas, procederá á venda em hasta publica de 5 lotes de terreno situados no Bairro da Assunção, em Cascais, com as áreas de 50 m2 cada, destinados á construção de prédios com um fogo, pelo preço base de licitação de 1.600$00 cada metro quadrado; 4 lotes de terreno no Bairro das Fontainhas, também em Cascais, com as áreas entre 164,40 m2 e 184,80 m2, pelo preço base de licitação de 1.400$00 cada metro quadrado, para 6 fogos; 4 lotes na Rebelva, com as áreas entre 388 m2 e 326,60 m2, pelo preço base de licitação entre 800$00 e 1.050$00 cada metro quadrado, sendo dois destinados a estabelecimentos comerciais e os outros dois para prédios de 6 fogos e cave; e um lote na Rua José Elias Garcia, em Parede, com a área de 340 m2, para 6 fogos e cave, pelo preço base de licitação de 1.800$00 cada metro quadrado.

Todos os projectos da construção, excepto os do Bairro da Assunção, serão mandados elaborar pelos compradores dos lotes, dentro dos condicionamentos estabelecidos pela Camara.

As plantas dos lotes encontram-se patentes na Secretaria, todos os dias uteis dentro das horas de expediente.

Cascais, 6 de Maio de 1968.

O PRESIDENTE DA CÂMARA

António Azevedo Coutinho

Câmara Municipal do concelho de Sesimbra

AVISO

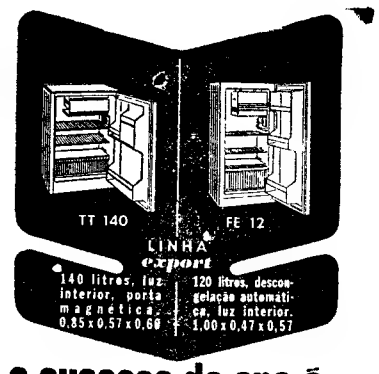
PARQUE DE CAMPISMO DO FORTE DO CAVALO

A Câmara Municipal de Sesimbra, faz público aviso de que, em virtude do condicionalismo criado pelo Decreto n.º 47 860 de 25 de Agosto de 1967, não lhe é possível permitir o acampamento no parque de campismo que funcionou junto do Forte do Cavalo, nesta Vila.

Sesimbra, 1 de Maio de 1968.

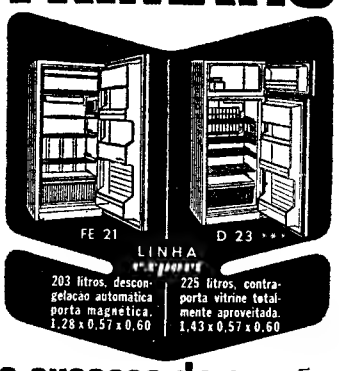
A Câmara Municipal

Dr. António da Silva Vergueiro



o sucesso do ano é...

FRIMATIC



o sucesso do ano é...

FRIMATIC

MARCA HÁ LONGOS ANOS CONSAGRADA • ELEGÂNCIA DE LINHAS • ACABAMENTO IMPECÁVEL • ESTRUTURA SÓLIDA • MAIOR ESPESSURA DE ISOLAMENTO • MENOR CONSUMO • 5 ANOS DE GARANTIA PARA O GRUPO COMPRESSOR «L'UNITÉ HERMÉTIQUE S.A.»

REPRESENTANTES

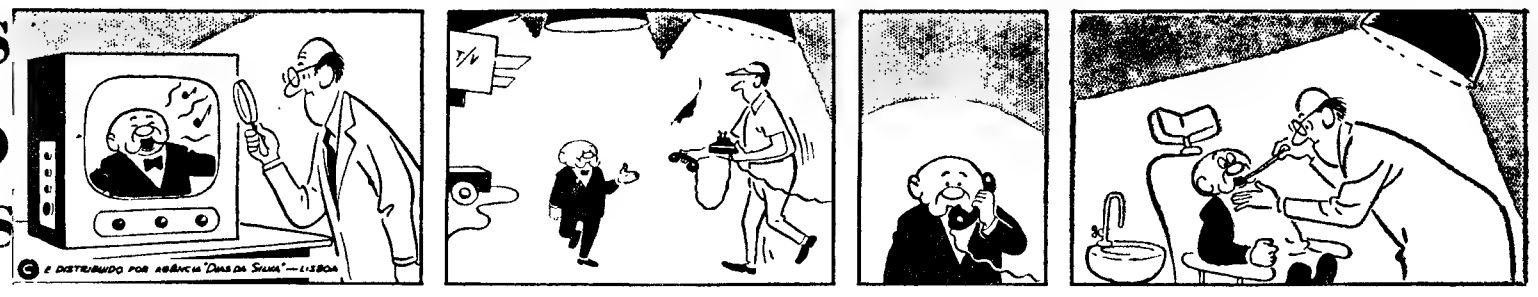
REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA.

Stand: Av. Almirante Reis, 94-C — Tel. 53 37 55

Rua de Emenda, 66, r/c — LISBOA

À VENDA NOS AGENTES FRIMATIC

AVENTURAS DO TIO CARLOS



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 125/68

Faz-se saber que, no dia 5 de Junho de 1968, pelas 15.30 horas, terá lugar, na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para a «EMPREITADA N.º 115/68 — BENEFICIAÇÃO GERAL DO EDIFÍCIO ONDE ESTÁ INSTALADA A 1.ª COMPANHIA DO B. S. B., SITO NO LARGO DO REGEDOR», com a base de licitação de 477.740$90 (Proc. n.º 76/68/CP/DSTE)

O depósito provisório é de 11.944$00, e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673 de 21/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 10 de Maio de 1968.

O Presidente,

António Vitorino França Borges

QUINTINHA

VENDE-SE

A 2 km da vila de Torres Vedras, situação excelente, composta por 2 boas casas de habitação, com área total, cerca de 1.000 m2.

Não interessa intermediários. Respostas para Bairro Barreto, Lote AACC—TORRES VEDRAS — Tel. 518.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO

JOSÉ EDUARDO PIRES DO RIO

C E R T I F I C O

para efeito de publicação:

Que por escritura de vinte e três de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e oito, lavrada de folhas noventa e nove do livro número E-doze a folhas oito verso do Livro número E-treze, das notas deste Cartório, foi constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, sob a denominação de «Escape — Assistência Automóvel Permanente, S. A. R. L.», que se regerá pelos estatutos que constam dos artigos seguintes:

CAPÍTULO PRIMEIRO

Denominação, sede, objecto e duração

ARTIGO PRIMEIRO

Com a denominação de Escape — Assistência Automóvel Permanente, S. A. R. L., é constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, que se regerá exclusivamente pelas leis portuguesas e pelos presentes estatutos.

ARTIGO SEGUNDO

A sociedade tem a sua sede social em Lisboa, na Rua Castilho, número setenta e dois A, podendo no entanto o conselho de administração criar, estabelecer, transferir e extinguir em qualquer ponto do território português, como entender necessário ou conveniente e observada as formalidades legais, agências, filiais, delegações, sucursais ou quaisquer outras formas de representação.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade destina-se à exploração da indústria de reparação, recolha e estação de serviço de automóveis e à venda de combustíveis e lubrificantes, peças e acessórios para automóveis e tudo o mais que directa ou indirectamente se relacione com estas actividades e ainda ao exercício de qualquer outro ramo de comércio ou indústria que o conselho de administração, com o consentimento do conselho fiscal, deliberar exercer.

ARTIGO QUARTO

A duração da sociedade é por tempo indeterminado e, para todos os efeitos, o seu começo conta-se a partir da data desta escritura.

CAPITULO SEGUNDO

Capital social

ARTIGO QUINTO

O capital social é de dois milhões de escudos, em dinheiro, dividido em duas mil acções de mil escudos cada uma e encontra-se integralmente subscrito e realizado.

ARTIGO SEXTO

Um. As acções são nominativas ou ao portador e reciprocamente convertíveis mediante autorização do conselho de administração.

Dois. Poderá haver títulos de uma, cinco, dez, cinquenta e cem acções.

Três. O conselho de administração poderá emitir certificados provisórios de qualquer número de acções.

ARTIGO SÉTIMO

O capital social poderá ser aumentado, por uma ou mais vezes, até dez milhões de escudos, por simples deliberação do conselho de administração, com parecer favorável do conselho fiscal, mediante a emissão de novas acções ou a valorização das existentes, tendo os accionistas preferência na subscrição das novas acções, em proporção das acções que possuam no momento em que se realize a nova subscrição

CAPÍTULO TERCEIRO

Assembleia Geral

ARTIGO OITAVO

A assembleia geral representa a universalidade dos accionistas, sendo as suas deliberações obrigatórias para todos eles, nos termos da lei.

ARTIGO NONO

Um. São membros da assembleia geral todos os accionistas que tenham acções averbadas ou depositadas nos cofres da sociedade ou nos estabelecimentos bancários nacionais ou estrangeiros indicados pelo conselho de administração até oito dias antes do dia designado para reunião da assembleia geral em primeira convocação.

Dois. As pessoas colectivas com direito a participar na assembleia geral serão representadas por quem tiver para isso qualidade, nos termos legais.

ARTIGO DÉCIMO

A assembleia geral reunir-se-á ordinàriamente no primeiro trimestre de cada ano e extraordinàriamente sempre que o conselho de administração ou o conselho fiscal o julguem necessário, ou quando o requeiram accionistas que representem, pelo menos, sessenta por cento do capital social.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO

As deliberações da assembleia geral serão tomadas por votos, correspondendo um voto a cada acção salvas as restrições legais.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO

Um. Salvo quando a lei ou os estatutos disponham diversamente, a assembleia geral considerar-se-á regularmente constituída e poderá deliberar vàlidamente em primeira convocação logo que estejam presentes ou representados, pelo menos, cinco accionistas representando um mínimo de cinquenta e um por cento do capital social.

Dois. Os accionistas podem fazer-se representar por outro accionista, mediante simples carta dirigida ao presidente da mesa.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO

A mesa da assembleia geral será composta por um Presidente e dois Secretários, eleitos trienalmente e reelegíveis uma ou mais vezes.

CAPÍTULO QUARTO

Administração

ARTIGO DÉCIMO QUARTO

A administração da sociedade é exercida por um conselho de administração composto de três a cinco accionistas, eleitos trienalmente pela assembleia geral e reelegíveis uma ou mais vezes.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO

Dentro dos limites estabelecidos pela lei ou pelos presentes estatutos, cabem ao conselho de administração os mais amplos poderes de gerência, incluindo os de representar a sociedade em juízo ou fora dele, activa ou passivamente, praticar todos os actos atinentes aos fins sociais e os de comprar, vender, hipotecar ou por qualquer forma onerar bens imóveis e móveis ainda que sujeitos a registo.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO

O conselho de administração, na sua primeira reunião, escolherá, de entre os seus membros, um presidente e um administrador-delegado.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO

Um. Ao administrador-delegado compete fazer executar as deliberações do conselho de administração, como particularmente encarregado da gerência e expediente ordinário dos negócios.

Dois. Na falta ou impedimento do administrador-delegado, exercerá as respectivas funções o administrador para esse efeito designado pelo Conselho de Administração.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

Um. Em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer dos administradores. Em documentos de responsabilidade nomeadamente em contratos, acções, obrigações, letras e cheques, a sociedade só ficará obrigada pela assinatura de dois administradores, uma das quais terá necessàriamente de ser a do presidente do conselho de administração ou a do administrador-delegado.

Dois. O conselho de administração poderá delegar em qualquer pessoa os poderes especiais que entender.

ARTIGO DÉCIMO NONO

Nenhum administrador poderá tomar posse do seu lugar sem que tenha depositado nos cofres sociais, como caução da sua responsabilidade, cem acções da sociedade, devendo as nominativas estarem endossadas em branco.

ARTIGO VIGÉSIMO

O conselho de administração, se assim o julgar conveniente, proverá até à primeira assembleia geral ordinária as vagas que por qualquer motivo nele se verifiquem. Na referida assembleia se procederá às eleições necessárias e o mandato dos administradores assim eleitos durará até final do triénio em curso.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO

A administração, ou quem a represente, não poderá, em caso algum, aceitar, sacar ou endossar letras que não representem operações comerciais da própria sociedade, nem concederem a outrem, por qualquer modo, garantias comuns ou cambiárias fora dos negócios da sociedade.

CAPÍTULO QUINTO

Conselho Fiscal

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO

Um. A fiscalização dos negócios da sociedade cabe a um conselho fiscal, composto de três membros, eleitos por um triénio, reelegíveis uma ou mais vezes e dispensados de caução.

Dois. Na sua primeira reunião o conselho fiscal escolherá, de entre os seus membros, um para servir de presidente.

CAPÍTULO SEXTO

Exercício social, lucros, dissolução e liquidação

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO

O exercício social corresponde ao ano civil.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO

Os lucros líquidos apurados no balanço, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, terão a aplicação que a assembleia geral decidir.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO

A assembleia geral que deliberar a dissolução da sociedade providenciará acerca do modo da sua liquidação.

CAPÍTULO SÉTIMO

Disposições gerais e transitórias

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO

O exercício das funções de administração e fiscalização é retribuída pela forma que for determinada por uma comissão de fixação de vencimentos, composta de dois a três membros, eleitos trienalmente pela assembleia geral e reelegíveis uma ou mais vezes.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO

O primeiro exercício social terminará em trinta e um de Dezembro de mil novecentos e sessenta e oito.

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO

Para o primeiro triénio social, que se considera findo em trinta e um de Dezembro de mil novecentos e setenta são desde já designados para o Conselho de Administração os seguintes accionistas: Carlos Alberto Pavão Pereira da Rosa, Joaquim Filipe Fonseca Nogueira e Fernando Afeixo da Costa Cabral.

ARTIGO VIGÉSIMO NONO

Convocação da primeira Assembleia Geral.

Fica desde já convocada uma reunião da Assembleia Geral para hoje, imediatamente após a assinatura desta escritura, para se proceder à eleição dos membros do Conselho Fiscal, da Mesa da Assembleia Geral e da comissão de fixação de vencimentos, bem como para deliberar sobre qualquer outro assunto que lhe seja proposto por algum dos Accionistas presentes.

Por verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino, em Lisboa, aos dois de Março de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante,

Eduardo Jorge da Assunção Baêta

VITÓRIA CASTROL

RALLY DAS TÚLIPAS (HOLANDA)

GRANDE TURISMO

1.º ROGER CLARK / JIM PORTER (FORD ESCORT)

2.º OVE ANDERSON/JONH DAVENPORT (FORD ESCORT)

3.º JULIAN VERNEAVE/MIKE WOOD (BMC MINI COOPER «S»)

TURISMO

1.º JULIAN VERNEAVE/MIKE WOOD (BMC MINI COOPER «S»)

2.º R. SLOTEMAKER / R. JANSSEN (BMW 2002)

ELES SABEM QUE A QUALIDADE DO ÓLEO É O FACTOR MAIS IMPORTANTE PARA PODEREM OBTER DOS MOTORES OS MAIS ALTOS RENDIMENTOS.
COMO TODOS OS CONHECEDORES ELES USAM

CASTROL SUPER 20 W-50

COM TUNGSTÉNIO LÍQUIDO

VULCAIN

RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

DESPORTO

VITÓRIA EM TURIM (1-0): LIVRE-TRÂNSITO PARA WEMBLEY

...E ENTÃO O BENFICA DISSE:

«NÃO LUTAS MAIS QUE EU E EU JOGO MELHOR QUE TU...»

DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL
MÁRIO ZAMBUJAL

TURIM, 16 — Na quinta-feira passada, quando a «Juve» perdeu na Luz por dois golos, a desolação caiu sobre uma cidade. Tudo era cepticismo entre os italianos e a própria Imprensa se fazia eco de uma geral incredulidade quanto á recuperação. Depois começou a falar-se em «milagre». E quando a selecção soviética (derrotada em Budapeste por 0-2) respondeu com 3-0 em Moscovo, eliminando os hungaros do Campeonato da Europa, a ideia de que era possível, de que AFINAL ERA POSSÍVEL, foi criando raízes. E veio o empolgamento, a esperança tornou-se cada vez mais forte. Os «milagres» não se esperam — acontecem. Mas a «Juve», Turim, a Itália toda começou a esperar, febrilmente que se desse... o inesperado.

Muito antes do jogo começou o arraial da esperança, setenta mil almas a quererem soprar as velas da nau juventina. Bandeiras aos milhares. Tambores e clarins, numa sugestão guerreira, gargantas roucas, roucas, mas gritando sempre. O Benfica ia ser aquecido numa fornalha humana como jamais presenciaramos. Assim passou muito tempo. Sem que o calor da fornalha lograsse, sequer, quebrar a frieza soberana de uma equipa endurecida em muitos combates.

Depois, um rapaz de nome Eusébio acendeu no jogo a chama da sua classe-extra. E a multidão foi emudecendo. E ficou, ainda e sempre, a evidência de uma superior categoria dos portugueses. Na hora da batalha, ante um antagonista cego de ambição, os rapazes da camisola encarnada disseram que não ficariam a perder em tenacidade, força e espírito de sacrifício. E nas brechas da luta, quando houve «tempo para jogar futebol», um Benfica altivo, superior, respondeu assim ao desafio: «Tenham paciência, mas disto sabemos nós...»

● «Herr Gloekkner quis prolongar a emoção?...

Foi logo aos cinco minutos. Cinco minutos soprara a borrasca juventina, toda feita de nervos e músculos, o Benfica a parar os golpes sem indícios de perturbação. E, aos cinco minutos, um contra-ataque, um centro da esquerda, e aí está Torres a elevar-se mais que Salvadore e a cabecear a bola para dentro da baliza. Há um clamor de decepção antes que se perceba um apito do árbitro «Herr» Gloekkner, um corpulento alemão, anulara o golo — o golo que cedo teria apagado as labaredas do Comunale. Não vimos qualquer «falta». Às vezes há «faltas» que de longe se não vêem, mas...

Do alto da sua atlética figura, Gloekkner dir-nos-ia depois: «Torres cometeu «falta». Empurrou o defesa do Juventus com os braços antes de chegar com a cabeça á bola».

Torres, porém, no final do jogo, bradava o seu inconformismo: «Empurrei eu? Saltei com os braços colados ao corpo... Eu é que levei o jogo todo a ser agarrado e empurrado sem que «ele» se incomodasse a apitar. Do que estou convencido é que qualquer golo que marcássemos seria anulado. A não ser um assim, como o do Eusébio. A trinta metros, num «livre» nada havia a fazer...»

Como quer que seja, se houve erro do juiz germânico, teve uma consequência positiva: a de prolongar a esperança turinense e tornar possível um duelo de rara riqueza emocional. Até meio da primeira parte, a ânsia atacante do Juventus teve qualquer coisa de épico, só comparável ao esforço tenaz da posição benfiquista. Com uma diferença: o Benfica defendia-se bem e o Juventus, atacando muito, fazia-o mal. Vieram á superfície as dificuldades de todas as equipas italianas quando têm de se lançar em franco ataque, estruturadas como estão no sistema defensivo que é o seu quotidiano. Quando o campeão português fechava um anel rubro em torno da sua baliza, os italianos tentavam furar de qualquer modo, sem um mínimo de engenho e de subtileza. Em pura força. E essa força, só podia triunfar se não encontrasse pela frente força idêntica, vontade idêntica, e servidas por uma superior lucidez. Coramini (um nome que sugere problemas cardíacos condizentes com o jogo) torna-se um homem-símbolo da equipa, por lutar bravamente, procurando lançar a ofensiva, mas de uma forma confusa, cega, destrambelhada.

Heriberto afirmara que Castano jogaria. E os jornais da noite, que se vendiam no estádio, festejavam o facto a toda a largura da 1.ª página. Mas, quando os altifalantes anunciaram as formações, não havia Castano: havia Coramini. E, setenta mil corações bateram apreensivos. Houve um «Ho» de desapontamento. Mas não seria por causa de Coramini que o Juventus não encontrou remédio. O seu mal chamava-se Benfica. Era muito grave...

Nessa primeira metade da primeira parte, a baliza de José Henriques foi um alvo ameaçado. E correu perigo duas ou três vezes, nomeadamente num cabeceamento de Magnusson junto ao poste. De uma maneira geral, porém, a serenidade benfiquista ia vencendo o frenesim italiano. Serenidade que não excluia entrega total á luta. Uma exemplar abdicação do brilho pessoal, uma admirável renuncia aos pergaminhos de vedetas, fizeram do grupo português onze vontades unidas num mesmo objectivo. E veem-se aristocratas do futebol (como Eusébio e Simões) a envergar o fato de ganga de operários anónimos. A ir ao desarme sem receio do fracasso.

É, justamente, graças ao esforço dos dianteiros, que o Benfica começa a dominar as operações de meio-campo. E começa a defender, na própria defesa do Juventus, estorvando a acção que se propunha começar lá longe, secando o rio caudaloso na sua nascente.

Com a bola nos pés, os benfiquistas afagam-na, trocam-na entre si, desenham lances de uma finura técnica jamais presente no canseiroso «porfiat» da «Squadra» adversária. Eusébio é atingido, derrubado, ao simples anuncio de cada uma das suas arrancadas. E Torres tinha razão nos seus lamentos sobre as faltas constantes e sem castigo que sobre ele são cometidas. Há todo um capítulo de extrema dureza e alguns jogadores do Benfica também não hesitam em bater essa tecla, ante os protestos ensurdecedores da multidão.

O imperturbável senhor Gloekkner dir-nos-ia depois, aparentemente agradado pelo tom do despique: «Foi uma partida muito correcta. Apenas tive de repreender o «N.º 5» do Benfica (Cruz)».

● Zero-a zero? Eusébio está lá...

Também no segundo tempo a «Juve» entrou disparada, frenética. disposta a levar pela frente o pesado obstáculo. Mas foi a mesma coisa. A defesa do Benfica, quer encorpada com a presença de Coluna, José Augusto, Graça, Torres, todos afinal, quando necessário. Ou entregue a si só quando a equipa se distendia no rectângulo, aguentou a pé firme, e como os «centro-campistas» Del Sol e Sacco e todos os vários que colaboraram na função, não trouxeram do balneário talento que juntassem ao esforço, todos esses ataques tinham alguma coisa de aleatório, de ao sabor do acaso, de entregar o caso á Divina Providência. E, como ainda por cima lhe faltavam rematadores, foi-se vendo que o tão desejado «milagre» difícilmente podia entrar no estádio superlotado.

Muito mais cedo que no primeiro tempo, o Benfica estancou esta corrente opressiva e começou a espraiar-se pelo relvado, furtando a bola aos italianos. Verdade se diga que sem grandes ideias de marcar golos, que o necessário era que o adversário os não marcasse. O zero-zero começou a avultar como hipótese de desfecho. Mas, havia lá um jogador de nome Eusébio. E houve um «livre», aí a uns vinte e cinco, trinta metros da baliza de Anzolin. Os italianos fizeram barreira, mas nem eles nem o «keeper» puderam mais que olhar, desoladamente, a bola dentro da baliza.

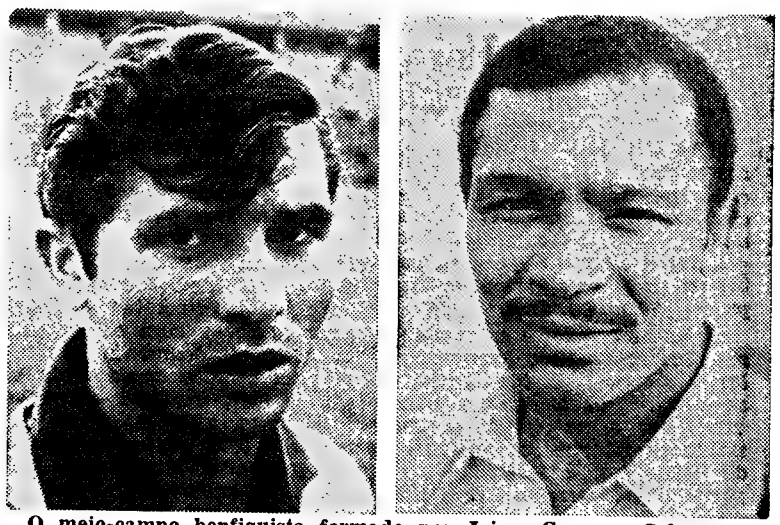
Anzolin, depois do jogo, disse apenas: «Não me considero culpado do golo. Nem eu, nem os meus companheiros que fizeram a barreira. Não houve culpados, houve apenas mérito de Eusébio».

O estádio emudeceu a partir daí. Mortas todas as dúvidas, o Benfica entrou em alardes de classe, escamoteando a bola da sempre generosa tentativa dos turinenses.

● Manchester United ou qualquer outro...

Aí está o Benfica na sua quinta «final» da «Taça dos Campeões»,

(Continua na página seguinte)



O meio-campo benfiquista formado por Jaime Graça e Coluna, os homens que garantiram um eficiente apoio á retaguarda e furtaram o esférico aos italianos, para lançar depois através de Eusébio, o pânico no último reduto transalpino

Os intérpretes

JUVENTUS — Anzolini; Roveta, Leoncini, Bercellino, Coramini e Salvadore; Magnusson e Del Sol; De Paoli, Sacco e Zigoni.

BENFICA — José Henriques; Adolfo, Humberto, Jacinto e Cruz; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Torres, Eusébio e Simões.

Arbitro: o alemão oriental Gloeckner.

Eusébio — a pantera negra — que feriu mortalmente no 69.º minuto as pretensões da «Juve»

OTTO GLÓRIA:

«SIM, A EQUIPA ESTÁ BEM. E, DAQUI ATÉ LONDRES, AINDA VAI MELHORAR»

No balneário benfiquista, a alegria era a nota dominante.

Disse-nos Cabrita:

— Foi um jogo muito difícil para nós, especialmente nos primeiros vinte e cinco minutos, pela impetuosidade com que o Juventus procurou o golo. Mas a nossa equipa, sempre de cabeça fria, aguentou isso, sabendo reter a bola e lançando os seus ataques com perigo.

Por seu lado, Otto Glória afirmou-nos:

— Dentro das características deste jogo, a equipa voltou a corresponder, jogando com a calma que se impunha perante o ardor do Juventus.

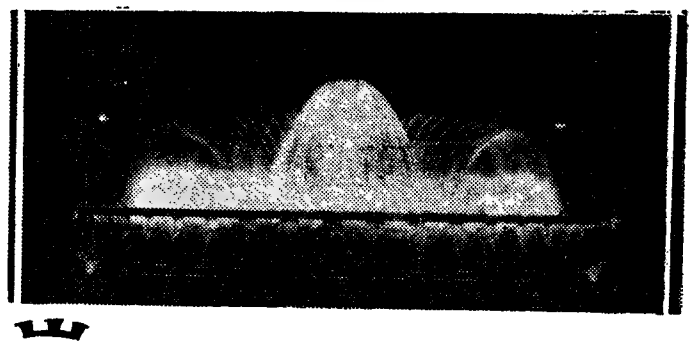
Perguntámos-lhe se considera a equipa em condições de bem actuar na final de Wembley. Otto Glória responde:

— Sim, a equipa está bem. E, daqui até lá, ainda vai melhorar, se Deus quiser...

— Teme o Manchester?

— O adversário é sempre de temer. Em Londres, ver-se-á...

FONTES LUMINOSAS



RL Electro Reclamo, L.da
R. DA MÃE D'ÁGUA 30—32
LISBOA • TELEFONE • 325383

DESPORTO

ONTEM À NOITE, NA CAPITAL DE ESPANHA

A inteligência do Manchester «soltou o pássaro da gaiola»

• Best, o apitador, que fez oscilar a «zaga» madrilena

MADRID, 16 — Afinal, os nossos vizinhos não conseguiram eliminar os ingleses do Manchester, ainda que, no decorrer do encontro, os espanhóis chegassem a usufruir de uma vantagem (3-1) que lhes garantia a presença em Londres.

Como se previa, a equipa «merengue» começou o encontro em larga ofensiva, e, também como se admitia, os britânicos não se eximiram a sacrificar algumas unidades atacantes nas tarefas de cobertura, na missão de impedir a progressão dos fogosos espanhóis.

Todavia, o ritmo infernal, diabólico, que os madridistas impri-

Best cuja acção abriu fendas na defensiva «merengue»

miram a partida, a velocidade impressionante como giravam esférico e jogadores, acabou por render seus frutos, depois de ultrapassada a meia hora e quando os esforços dos espanhóis pareciam resultar estéreis. PIRRI abriu o activo, aos 32 minutos, num «disparo» de cabeça, desferido na sequência de um «livre» que Amâncio marcara. E até ao intervalo a emoção atingiu o rubro no Estádio «Santiago Bernabéu» com as arquibancadas completamente ocupadas por um publico apaixonado, que, sem cessar, incitava o conjunto madrileno. Três golos se registaram neste curto período que colocavam a marca em 3-1 e pareciam encarreirar o Real Madrid para mais uma final nesta competição que lhe é familiar,

Com euforia viveram-se os minutos do descanso. O optimismo entre os espanhóis era o sentimento reinante, mas o Manchester revelou depois que não era uma equipa conformada, que não era, ainda, um conjunto definitivamente afastado do titulo que há tanto tempo persegue: o de campeão europeu.

Mais apoiados no meio do campo e sempre com esse talentoso Best em permanentes deambulações, a pôr os «nervos em franja» aos defensores «merengues», os ingleses, nem sequer moralmente se sentiam diminuídos. E, ante o constante nervosismo evidenciado pela «zaga» espanhola, face á displicência de Grosso na marcação a Charlton, os britânicos, agora mais empenhados numa esquemática ofensiva, fizeram o 3-2, que sugeria a ideia de jogo de desempate, e quando começava a pensar-se na viagem a Lisboa, Best burlou, em internamento pela direita, a defensiva contrária e colocou o esférico frente a Foulkes, que «garantiu» a presença em Wembley. O Madrid via, assim, desfazerem-se as ilusões de discutir mais uma final.

*

Não andou a expectativa a partida de Chamartin. Primeiro, o Real Madrid em busca do golo que inspirasse o conjunto para a «arrancada» para o triunfo indispensável para a consecução dos seus desejos, numa movimentação diabólica, que envolveu o adversário numa «cortina de aço», que quase lhe não permitia sair do seu meio-terreno. Depois, o Manchester, uma equipa forte e moralmente sã, que nem mesmo na situação desagradável de vencida, se perturbou, se confessou fracassado nas suas pretensões. No decurso dos quarenta e cinco minutos complementares, os ingleses, aproveitando, até, inteligentemente a distribuição espraiada das unidades «merengues», desferiram as suas contra-ofensivas com uma invejável lucidez, com o acerto e segurança próprios de uma equipa de excelente craveira, e, ainda que considerando a ausência de Dennis Law, nem por isso faltou objectividade aos lances desenrolados. O Manchester, rectilíneo, sereno e realista, foi, sobretudo, um «team» de raciocínio claro e límpido. Os espanhóis, impetuosos, frenéticos e, consequentemente, nervosos, não tiveram a calma necessária para manter as vantagens que a partida lhes ofereceu. Os ingleses recusaram aos «merengues» o «visto» para Wembley.

ESGOTADA (JÁ) A LOTAÇÃO PARA WEMBLEY!

LONDRES, 16 — (F. P.) — Mal o resultado do encontro Real Madrid-Manchester foi conhecido, a administração do Estádio de Wembley anunciou que todos os lugares para a final da «Taça dos Clubes Campeões Europeus», entre o Manchester e o Benfica, em 29 de Maio, no «Empire Stadium», estavam já vendidos.

Isso não quer, no entanto, dizer que os adeptos do Benfica não possam arranjar bilhetes. Com efeito, um certo número de lugares foi reservado para os adversários do Manchester United.

HERIBERTO HERRERA:

«ESTAVA ESCRITO...»

No final do jogo, nas cabinas da «Juve», o técnico paraguaio Heriberto Herrera não conseguia disfarçar o seu enorme aborrecimento. E foi mesmo em tom levemente desabrido que nos disse:

— Estava escrito que o Juventus seria eliminado. No entanto, a equipa fez quanto pôde. Colocou em jogo todas as armas ao seu alcance.

A seguir:

— No conjunto dos dois encontros, em somatório de futebol exibido e de oportunidades para golo, foi superior ao Benfica. Mas, o futebol é assim: ganha quem marca.

Concluindo:

— Estou muito satisfeito (?) com a minha equipa, que foi inexcedível de vontade. Bem merecia um prémio. Mas estava escrito..

(Disse isto sem se rir. Antes pelo contrário: visivelmente «chateado»).

O BENFICA EM TURIM

(Continuação da pág. anterior)

nos ultimos oito anos. E' já um marco de glória, o que se consumou nesta jornada de Turim, mas cremos que está ao alcance da formação rubra uma glória maior. O Manchester United, ou qualquer outro que seja o adversário, encontrará pela frente uma equipa de grande experiência, com jogadores da melhor classe e, o que é importante, se encontra agora em excelente forma física e técnica.

Este jogo com o Juventus representou, antes de mais, um teste á condição atlética e á resistência psíquica dos campeões nacionais. E todos responderam do modo mais satisfatório. Desde um José Henriques sempre atento e decidido, até um Simões que simbolizou a ideia geral de preferir ser útil a ser brilhante. A defesa foi o grande compartimento de equipa (bem apoiada, é certo) com Jacinto e Humberto magníficos, de perto seguidos por Cruz, enquanto Adolfo se mostrou menos seguro. Coluna voltou a ser enorme. De actividade e de talento. José Augusto, excelente a «congelar» a bola, não teve uma renuncia, nem na fase mais dura da luta. Graça foi um jogador de acção dispersa, parecendo a certa altura ultrapassado pela velocidade do jogo, o que não pode surpreender, dado o seu largo afastamento dos campos. Torres... o costume: no ataque, na defesa, no meio-campo, onde fossem uteis a sua estatura, as suas longas pernas, o seu impressionante espírito de sacrifício. Eusébio estava «proibido» de rematar. Bercellino, sempre, e Sacco, muitas vezes, perseguiam-no e travavam-no impiedosamente, logo que o extraordinário rematador se propunha mostrar a força do seu disparo. Acabaria por chegar o tal «livre» e Eusébio, que foi, acima de tudo, um extraordinário jogador de equipa, fez, uma vez mais, o resultado de um jogo...

O Juventus — os onze que jogaram e os setenta mil que gritaram — fez tudo quanto lhe era possível. Mas, os da bancada não podiam marcar golos e os do relvado também não mostraram grande capacidade para o fazer. Muito brio, muita dureza, mas evidente modéstia em capacidade ofensiva. O «libero» Roveta, Coramini (como exemplo de pundonor) e Bercellino, foram as figuras mais em evidência. Os outros lutaram muito. Um muito que foi pouco... Uma referência especial ao sueco Magnusson: frieza nórdica perdida no calor latino.

O árbitro, um alemão de Leste, andou muito a leste no que respeita a dureza. Ou ignorou faltas evidentes ou limitou-se a assinalar no livrezinho da ordem sem se preocupar em pôr ponto final nesse estilo de polémica. Na primeira parte, mesmo sem falar no golo anulado a Torres, pareceu influenciado pelo ambiente e o Benfica teve as suas razões de queixa. Depois, mostrou mais equilíbrio, mas nunca atingiu um plano de agrado.

MÁRIO ZAMBUJAL

OITO MIL CONTOS – RECEITA DO JOGO

Despertou enorme interesse este encontro da meia-final da «Taça dos Clubes Campeões Europeus». A receita total apurada já, cifra-se em 166 milhões de liras: 151 na venda de bilhetes e 15 de direitos de transmissão pela TV.

Em moeda portuguesa, o jogo Juventus-Benfica rendeu oito mil contos! Soma impressionante, sem sombra de dúvida...

20 CONTOS – PRÉMIO DO BENFICA

O triunfo dos benfiquistas nesta eliminatória valerá o prémio de vinte mil escudos para cada jogador: ao prémio oficial de dezasseis mil escudos, instituído pelo clube, acrescenta-se o prémio-extra de quatro contos, ofercido pelo presidente do Sport Lisboa e Benfica, comendador Adolfo Vieira de Brito.

FINAL DE LONDRES
WEMBLEY
NÃO PERCA TEMPO E VEJA O JOGO
IDA E VOLTA A 29 DE MAIO
POR 3380$00
VEJA LONDRES E VEJA O JOGO
IDA A 25 DE MAIO — VOLTA A 29 DE MAIO
POR 4480$00
QUARTOS INDIVIDUAIS
REFEIÇÕES E TRANSPORTES
BANCADA CENTRAL
SOC. COM. OREY ANTUNES — PR. D. IDA TERCEIRA, 4 — TEL. 36 93 46
E. PINTO BASTO — PR. D. IDA TERCEIRA, 20 — TEL. 36 86 59

sonap
mais uma maravilha para si

o posto jardim da boavista
av. boavista - porto

O QUE DISSE HOJE A IMPRENSA ITALIANA

«O Benfica em Wembley (1-0); à «Juve» a honra das armas»

«A equipa lusitana soube lutar quando era o momento de lutar. Soube unir-se com todos os seus 11 homens, quando era altura de defender; estender-se com os seus passos de redobrado valor.

«Atacada com furor respondeu com calma exemplar».

(Gazetta de lo Sport)

- **O Benfica é, realmente, um conjunto de estatura mundial**

«O ardor não é bastante. A sorte aliou-se com o mais forte. A crónica dirá como a Juve havia atacado, com uma veemência tal, que outra equipa que não fosse o Benfica não saberia (provàvelmente) evitar a derrocada.

«Mas, o Benfica é, realmente, um conjunto de estatura mundial, que, em Lisboa, garantira, práticamente, o acesso á final».

(Tretto-Sport)

- **«Só a equipa do Benfica podia levar de vencida esta «Juve».**
- **Ausência de Menichelli, Castaño e Chinezinho.**

«Não se podem render três titulares a uma equipa como a do Benfica que, há 10 anos exerce a profissão de «gira-mundo futebolístico» e disputa 80 jogos ao ano, dos quais só vinte no seu campo e todos os outros em viagem (Portugal, Europa, Asia, Africa, América — todo o mundo).

«Depois de se referir á equipa experiente do Benfica, censura os portugueses, considerando que zombaram do publico, do árbitro, do adversário. Pouco mostrou do seu jogo, que quando realizado a sério é, sem duvida, excelente».

(Il Giorno)

Noutro lugar do mesmo jornal:

- **Imbatível Benfica: Ataca o «Juve». Eusébio não falha. Nada a fazer: 1-0.**

O cronista faz o elogio do esforço excelente, o esforço do Juventus e diz que ao Benfica com dois centros-campistas de luxo, em Eusébio e Torres, foi fácil á nascença matar o ataque adversário.

Romagem do BENFICA a Superga

O Benfica vai hoje a Superga, render homenagem á memória da malograda equipa do Torino, vitima de desastre quando, a 4 de Maio de 1949, no regresso de Lisboa (onde actuara na festa de homenagem ao internacional benfiquista Francisco Ferreira) o avião em que se transportava embateu com a catedral de Superga.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

HOJE, Á NOITE

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Torneio quadrangular de basquetebol feminino: Económicas-Técnico e C. D. U. L. (A)-C. D. U. L. (B), no Ginásio do Técnico, a partir das 18 e 15

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa, individual, da 1.ª série, nas mesas do Ávila, C. Católico e Ateneu; da 2.ª série, nas mesas do Amadorense, Arte e Sport e Económicas; da 3.ª série, nas mesas do Benfica, Bela Vista e Combatentes.

— Torneio popular de seniores (poule final): E. Alvalade-F. Ciências e Acad Ajuda-Rec. Apolo, nas mesas dos primeiros, ás 21,30.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional, Divisão de Honra, Técnico-C. N. Ginástica, ás 21,30.

ACTIVIDADES DA F. N. A. T.-Campeonato nacional de Ténis de mesa (distrito de Lisboa), para final: Radio Marconi-S. P. Seguros (na mesa da F.N.A.T. e Celcat Sorefame, ás 19 horas; L. E. Civil-Ferroviários e Comp. Carris-B. Encarnação, ás 21,15.

— Campeonato Nacional de voleibol (distrito de Lisboa: A. E. Portuguesa-B. Agricultura, Alentejo-I. N. Estatística, S. C. Cervejas-Sorefame e B. Borges & Irmão-C. Telefones, no ginásio da Escola «Francisco Arruda», a partir das 19 horas.

O Leixões seguiu para a Madeira

Por via aérea, seguiu hoje para a Madeira, a equipa do Leixões que ali vai disputar um encontro de futebol com o campeão local.

A TV ITALIANA DEU O JOGO

Afinal, a televisão italiana acabou por dar o jogo também para a zona de Turim, beneficiando assim milhares (muitos milhares) de espectadores que não tinham conseguido obter bilhetes.

No final, havia largo movimento de desagrado com os comentadores, que se puseram a discutir tácticas e não diziam o que se passava em campo...

Basquetebol

Apuradas as equipas que prosseguem na Taça

Depois dos jogos ontem á noite disputados em Lisboa e no Porto para a primeira eliminatória da Taça de Portugal ficaram também qualificados para a ronda seguinte, as equipas do Sporting, Belenenses e Técnico na Zona Sul e a do Vasco da Gama na Zona Norte.

Os resultados verificados foram:

Zona Norte — Vasco da Gama-C. D. U. P., 54-41.

Zona Sul — Ateneu-Sporting, 39-88; Belenenses-Algés, 59-51; Técnico-Atlético 50-31.

JOSÉ MAGALHÃES e as OLIMPÍADAS

Entrou já em regime de preparação intensa com vista aos Jogos Olímpicos, o atleta moçambicano José Magalhães, que se encontra em Lisboa, como noticiámos em primeiro mão. O presidente da Federação e o atleta em questão foram recebidos pelo sr. dr. Justino Mendes de Almeida, director geral de Educação e Ensino do Ministério do Ultramar, a fim de manifestar o seu reconhecimento pelo êxito das diligências que permitiram contar com a participação de José Magalhães nos treinos de preparação para as Olimpíadas do México.

O atleta moçambicano que treina diàriamente no Estádio José Alvalade, sob orientação do prof. Moniz Pereira, deve participar já no decorrer do próximo mês em provas oficiais, tanto em Lisboa como no estrangeiro.

pronto a partir?
permita-nos lembrar-lhe...

- ✱ Avisar da partida os seus fornecedores habituais
- ✱ Deixar a pessoa de confiança um itinerário da sua viagem e um jogo de chaves
- ✱ Tomar providências para que alguém se ocupe do seu jardim
- ✱ Entregar em boas mãos os seus arimais domésticos
- ✱ Verificar os documentos e bilhetes de viagem
- ✱ Mandar arranjar .....
- ✱ Mandar limpar .....
- ✱ Pagar as contas cujo prazo expire durante a sua ausência
- ✱ Desligar o frigorífico e deixá-lo aberto (mas não o congelador)
- ✱ Fechar cuidadosamente as torneiras da água e do gás
- ✱ Fazer a lista dos amigos a quem deve escrever

sobretudo não esqueça...

- ✱ Confiar-nos os seus objectos de valor
- ✱ Adquirir os cheques de viagem de que necessitar
- ✱ Levar o nosso porta moedas do viajante
- ✱ Pedir-nos todas as informações acerca da moeda dos países que tenciona visitar.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programas da Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Programa da tarde; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 37: 9.º episódio do folhetim «Leonardo da Vinci»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A Orq. Roberto Delgado; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 15: Melodias; 22 e 30: Noite de teatro: «A Toutinegra Real» de D João da Camara, numa adaptação de Leopoldo de Araujo; 0 e 25: Variedades; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º acto da ópera «D. João» (Mozart); 18: Musica do século XX; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Musica da Beira Alta e da Beira Baixa recolhida por Artur Santos; 19 e 45: O pianista Artur Rubinstein; 20: Diário sonoro — Boletim Meteorológico; 20 e 20: Concurso Internacional de Agrupamentos Corais «Let the Peoples Sing 1968»; 21: Quinteto em mi bemol maior op 44 (Schumann); 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Recital de violino e piano por René Félix da Costa e Maria Luisa Metelo — Obras de Vitali e Schubert; 22 e 20: Poemas sinfónicos de Respighi; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultural em MF) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano; 23 e 30 Musica sinfónica — Obras de Schubert, Saint Saens, Joaquim Turina; 0 e 24: Quinteto em sol maior op 88 n.º 3 (Anton Reicha) — Quinteto de Sopro Danzi; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções ibéricas; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: «Impacto»; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67, 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 21: Norte Dia a Dia; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes da Europa; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19: Crítica de livros recebidos; 19 e 05: Grande Plano; 9 e 25: Leitura do programa; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Organistas famosos; 21 e 45: Artistas portugueses; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Melodias para ouvir e recordar; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Crítica de livros recebidos; 19 e 10: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 288 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s: **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 20 ás 24 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 0 ás 2 e das 9 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

PROGRAMA DA TV

Às 9: Curso para professores; 9 e 30: Telejornal — Agenda da Praça; 19 e 50: Harmonia e Bom Gosto; 20 e 15: «Carrossel Mágico»; 20 e 30: Vamos jogar no Totobola; 20 e 40: Vida Sã em Corpo São; 20 e 55: Notícias do Espectáculo; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Concerto «Música da Renascença», pelo coro da Universidade de Lisboa; 22 e 30: «Casei com uma Feiticeira»; 23: Variedades Transmissão directa do Casino Estoril, com Juliete Greco, The Other Brothers, Palermo and Phillips, Helena Tavares e Jorge Costa Pinto e a sua Orquestra 0 e 05: Telejornal; Meditação e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 14 e 40: Curso Unificado da escola; 19: Curso de Formação de Professores do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário; 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 15 e 50: TV Educativa (Iniciação Desportiva); 20 e 15: «Carrossel Mágico; 20 e 25: História da Musica; 20 e 55: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema; 23 e 50: Telejornal e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Serviços Urgentes

Telefones

ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524.
POLICIA E G N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456.

Farmácias de Serviço

● Em Lisboa — Turno C

ALCANTARA — Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 14 (660187).
ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 16-A (44373).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda) (728277).
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, (ao), Av da República, 58-D-E, (771661) ✲ Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) ✲ Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 14 (43845) ✲ Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).
ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 31-C (776905) ✲ Aeroporto, Av. Gago Coutinho, lote 101-D (á Av D. Rodrigo da Cunha) (722384) ✲ Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (á Av. Estados Unidos da América) (721409).
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 32, A-B (534027).
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma, 1-B (777478).
ARROIOS — Bastos, R. Morais Soares, 91-F (844350).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (811216).
BELÉM — Bom Sucesso e Bartolomeu Dias, 63-A (61 454)
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704888) ✲ Vitex, Est de Benfica, 373-B (780548)
CAMÕES — Sanitas, Pr Luís de Camões, 24 (322798).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) ✲ Elma, R D Maria Pia, 358-A (685176) ✲ Urbano de Freitas R Silva Carvalho, 1-9 (662838)
BAIXA — Silva Carvalho — R dos Fanqueiros, 126 (326575)
CAMPO DE SANTANA — Silmar R de S. Lázaro, 128 (42829)
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr Francisco de Morais, 1 (771469)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Proceto da R. Possidónio da Silva, 162-A (669485). ✲ Mota Caitão, R de S Felix 45-A (660720)
CAMPO GRANDE — Cabrita Campo Grande, 220-222 (772397)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Gaifinheiros (790969)
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R de Campolide, 54-A (684424)
GRAÇA — Silva, Calçada de St.º André, 16 (862074) ✲ Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (842725).
ESTEFÂNIA — Pancada, R Rebelo da Silva, 9 (43340)
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R das Janelas Verdes, 90 (662827).
LUMIAR — Central, R do Lumiar, 77 (790480)
MARQUÊS DE POMBAL — Liberal, Av. da Liberdade, 219 (43641).
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 19 (311287) ✲ Fernandes Borges, R C., 3 lote 300 — Olivais Sul (311091).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (Tels. P. P. C. 728395-720703).
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947).
REGO — Laranjeiras, R Filipe da Mata, 160-162 (761035)
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (á Encosta do Restelo) (612248);
SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R. da Junqueira, 326 (638193) ✲ Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704) ✲ Dilena, R Aliança Operária, 49-A-B (636620).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç. D Gastão, 30-32 (881279).
S. BENTO — Fenix, R do Cruz dos Poiais, 52 (678531).
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R. Francisco Marques Beato, 75-A (2518918).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco — Av Comb G Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2420039).
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel 2430058).
PAREDE — Alsir — Av. Gago Coutinho — Bairro das Caixas (Tel. 2472948).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel 260191)
CASCAIS — Cordeiro — Av Comb G. Guerra, 40 (tel. 281419); Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (Tel 281044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15 (Tel. 938149).
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D. (Tel. 971023).
QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905); Zeller — R. da República, 83 (Tel 950043).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Marrazes — L. Afonso Albuquerque (Tel 980058).
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)

● Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).
ALMADA — Central — R. de Olivença, 11 (Tel. 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141).
BARREIRO — Santa Marta — R. do Lavradio, 77-C (Tel. 2272141).
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. dos Barrocos, 50-A (Tel. 275182).
MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel 289025).
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 280008).
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229471).
SETÚBAL — Soromenho — P. Machado Santos (Tel. 22691); Alice — P. do Quebedo (Tel. 23743).
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injecções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. P P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% 1. 10	540$00	—	540$00
Consolidado 3% 1. 10 ...	555$00	—	555$00
Consolidado 3 1/2% 1 10	655$00	650$00	660$00
Centenários 4% 1940	—	1.510$00	1.525$00
Obgs Tes 2 1/2% 942	—	—	—
Obgs Tes 2 1/2 % 943	—	—	—
Obgs Tes 2 1/2 % 944	—	—	—
Externo 1.ª série	840$00	840$00	850$00
Externo 1.ª série car.	—	—	890$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Externo 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	—	—
Externo 3.ª série car.	920$00	910$00	—
Caut de 3.ª série s/juro	—	210$00	230$00
OBRIGAÇÕES			
Águas de Lisboa 5 %	—	480$00	490$00
C. P. 4 1/2 %	930$00	925$00	940$00
Gás e Electricid. 3 3/4 %	—	846$00	—
Gás e Electricidade 4 % ...	820$00	810$00	820$00
Gás e Electricid. 4 1/2 %	—	860$00	—
Gás e Electricid. 5 %	—	930$00	935$00
H E Douro	860$00	860$00	—
H E Norte de Portugal...	—	870$00	880$00
H. E. S. Estrela	—	800$00	—
Metropolitano	—	910$00	925$00
Petroquímica	—	—	890$00
Sonefe	—	790$00	800$00
T. A. P	—	930$00	—
Termoeléctrica Portuguesa	—	840$00	—
U Eléctrica Port 3 3/4%	—	83$00	—
U. Eléctrica Port. 4% 945	—	85$00	86$00
U. Eléctrica Port. 4% 1948	—	85$00	86$00
U. Eléctrica Port. 4 1/2%	—	90$00	—
U. Eléctrica Port. 5% 1951	—	83$00	84$00
U. Eléctrica Port 5% 1952	—	83$00	84$00
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	945$00	940$00	955$00
Alentejo	632$00	630$00	635$00
Angola	—	—	1.495$00
Burnay	—	—	2.700$00
Crédito Predial	—	1.870$00	1.900$00
Espírito Santo	—	—	13.300$00
Lisboa & Açores	4.020$00	4.010$00	4.050$00
Portugal	—	2.460$00	2.470$00
Português do Atlântico ...	—	5.000$00	—
Totta-Aliança	—	4.400$00	4.500$00
Ultramarino	1.480$00	1.475$00	1.485$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	280$00	280$00	282$00
Sagres	—	—	—
Soberano	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as Ultramarinas			
Açúcar de Angola	670$00	670$00	680$00
Ag. Cassequel	—	540$00	548$00
Ag. Colonial	—	100$00	—
Ag. das Neves	—	95$00	—
Boror	110$00	110$00	115$00
Cabinda	95$00	94$00	96$00
C. A. D. A.	—	1.190$00	1.200$00
Col. do Buzi	60$00	60$00	61$00
Diamantes	1.240$00	1.238$00	1.242$00
Ilha do Príncipe	—	—	—
Incomati	—	950$00	1.000$00
Lobito	415$00	410$00	415$00
Moçambique	—	38$00	40$00
Sonefe	243$00	240$00	245$00
Zambézia	42$00	41$50	42$50

C.as Diversas			
Cimentos Leiria	—	—	1.900$00
Cimentos Tejo	2.450$00	2.400$00	2.450$00
Co. Navegação	—	—	—
C. U. F.	—	1.000$00	1.035$00
Industrial Aliança	—	—	650$00
Nac. Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Portugal e Colónias	—	1.225$00	1.230$00
Port de Celulose	—	3.150$00	3.200$00
Port. de Pesca	690$00	690$00	710$00
Port. de Tabacos	395$00	395$00	397$00
Sacor	—	4.800$00	5.000$00
Siderurgia Nacional	1.150$00	1.140$00	1.150$00
Socel	2.100$00	2.050$00	2.100$00
Tabacos de Portugal	—	765$00	800$00
U. F. Azoto	700$00	700$00	702$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Águas de Lisboa 934 ...	—	420$00	430$00
Águas de Lisboa 1936 ...	—	—	—
Eléctrica das Beiras	—	1.510$00	—
Gás e Electricidade	381$00	381$00	381$50
H. E. Alto Alentejo	158$00	158$00	158$50
H. E. Cávado	1.230$00	1.230$00	1.235$00
H. E. Douro	1.206$00	1.205$00	1.206$00
H. E. Portuguesa	—	108$00	—
H. E. S. Estrela	1.750$00	—	—
H. E. Zêzere	—	—	1.450$00
Nacional de Electricidade	1.310$00	1.310$00	1.315$00
Termoeléctrica Portuguesa..	—	—	1.455$00
União Eléctrica Portuguesa	217$00	216$00	218$00
F. DE INVESTIMENTOS			
F. I. Atlântico	—	153$70	158$30
F. I. D E. S.	—	105$50	108$70

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	9/5/68	15/5/68	16/5/68
GERAL	104,8	104,4	**104,5**
METROPOLITANAS ..	103,5	103,1	**103,2**
ULTRAMARINAS	114,0	114,2	**114,0**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand ...	36$00	38$50
América:		
Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
Dollars de 5 a 1000 ...	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$10	7$30
Argentina — Peso	—$—	—$—
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo ...	6$50	9$50
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,68
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$56,5	$58,5
França — Franco	5$70	5$90
Suíça — Franco	6$52	6$72
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	312$00	327$00
Inglaterra — 1/2 Libra ...	230$00	250$00
Ouro Fino — Barra	36$00	38$50

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços especializados da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, n.º 64, 2.º, Dir. — Telef. 59288.
Orçamentos grátis

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

✲
Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefones: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203, r/c — Telef. 771639.
(Ao Campo Pequeno)

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras papeis de crédito
Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO — Tel. 55 51 34
As 15.15 e 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA
Um filme de alto nível
A BEIRA DO PÂNICO
c/ Laurence Harvey — Mia Farrow — Tom Courtenay
- TECHNICOLOR -

ESTÚDIO — Tel. 55 51 24
Às 21.45 (M. 12 anos)
Conforme foi anunciado, volta o filme que é a obra-prima de Masaki Kobayashi
KWAIDAN
Às 15.30 e 18.30 — Últimas exibições
UM IDIOTA EM PARIS
(Adultos)

TIVOLI — Tel. 5 05 95
As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
UMA AVENTURA FASCINANTE!
O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO
(«PLANET OF THE APES»)
com Charlton Heston

ALVALADE — Tel. 76 30 80
As 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Technicolor
(Adultos)
OS DEVASSOS
Anthony Quinn, Faye Dunaway e Robert Walker

SÃO JORGE — Tel. 54153 - 54154
As 15.15, 18.15 e 21.30
(M 17 anos)
3.ª SEMANA
Um dos melhores filmes do ano
O PERFUME DO DINHEIRO
com Rex Harrison, Susan Hayward, Cliff Robertson e Capucine

CONDES — Tel. 32 25 23 e 32 67 10
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
JEAN MARAIS
numa trepidante e muitíssima atrevida aventura...
7 HOMENS E UMA MULHER
(7 hommes et une Garce)
com Sidney Chaplin e Marilu Tolo
Real. Bérnard Borderie
Scope Technicolor

EUROPA — Tel. 66 10 16
As 15.15 e 21.30
(M 12 anos)
O filme escolhido para comemorar o génio imortal de WALT DISNEY
FANTASIA
TECHNICOLOR

RESTELO — Tel. 61 03 75
Às 21.30 (Adultos)
Uma comédia sensacional reunindo os nomes mais famosos
— em Panavision e Cor de Luxe —
GUIA PARA UM HOMEM VOLÚVEL
(A GUIDE FOR THE MARRIED MAN)
com Walter Matthall, Robert Morse, Lucille Ball, Jayne Mansfield e Terry-Thomas

SÃO LUIZ — Tel. 32 71 72
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme ousado
(Adultos)
Technicolor
OS DEVASSOS
Anthony Quinn, Faye Dunaway e Robert Walker

MONUMENTAL — Tel. 55 51 31
As 15.15 e 21.30
(12 anos)
3.ª SEMANA
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?
com Spencer Tracy — Sidney Poitier — Katharine Hepburn
TECHNICOLOR

QUINZENA
«GRANDES ESTRELAS»
Amanhã — ás 18,30 h. — Adultos
VIVA MARIA!, de Louis Malle
com Brigitte Bardot, Jeanne Moreau, George Hamilton, etc.
Dia 20: «Ter ou não ter» (Adultos)

EDEN — Tel. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
Technicolor
WILL PENNY
Um filme na linha dos clássicos do «western»
com Charlton Heston — Joan Hackett — Donald Pleasence

POLITEAMA — Tel. 32 63 05
HOJE, às 21.30
EM ÚLTIMA EXIBIÇÃO
A HISTÓRIA DE UMA AVENTURA INFERNAL
O AGENTE DIABÓLICO
com Wendell Corey e Bárbara Bouchet (Col.) (Maiores 12 anos)
HOJE, às 18.30 — Sessão Clássica (Maiores 17 anos)

ODEON — Tel. 32 62 83
As 15.15, 18.15 (p. r.) e ás 21.30
4.ª SEMANA DE ÊXITO TOTAL DO FILME PORTUGUÊS
O AMOR DESCEU EM PARA-QUEDAS
com António Calvário e Paula Ribas
Uma comédia que é o retrato de uma juventude estouvada e libertina...
Canções de João Nobre (M. 12 anos)

AVIS — Telef. 47163 — Tel. 53 23 00
As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
CATHERINA CASELLI, NINO TARANTO, LAURA EFRIKIAN e DOLORES PALUMBO numa comédia musical plena de juventude e de ritmos «yé-yé»!...
PERDÃO
Emoção e gargalhada de minuto a minuto!

ROMA — Balcão 72 91 92 — Plateia 72 77 78
Às 15.30 e 21.45
(Adultos)
3.ª SEMANA
Anthony Quinn, Rosana Schiaffino e Rita Hayworth
no espectacular filme colorido de TERENCE YOUNG
O MARINHEIRO
A história de um homem para quem o mar era a vida e as mulheres um suave refugio...

ESTÚDIO 444 — Tel. 77 90 95
Às 15.30, 18.30 e 21.45
(Adultos)
10.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
A PRINCESA
Realização de Ake Falck, com Crymet Molvig e Lars Passgard

IMPERIAL — Tel. 4 59 33
As 15 e 21 horas
(Adultos)
O ÚLTIMO DEGRAU
MURIETA

CINE-TEATRO
LIDO — Tel. 93 75 93 — AMADORA
Às 21.30
(M 17 anos)
Magistral interpretação de James Stewart e Henry Fonda
A HORA DA FÚRIA
UMA FANTÁSTICA HISTÓRIA DO «FAR-WEST»

CASINO ESTORIL — TELEFONE: 26 07 29
As 21.30
(M. 12 anos)
O COMANDANTE «ROBIN CRUSOÉ»
TECHNICOLOR
com Dick Van Dyke, Nancy Kwan e Akim Tamiroff

MUNDIAL — Tel. 53 87 43
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
Um filme importante e oportuno!
O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
Panavision-Colorido
Rod Taylor e Yvette Mimmieux

TERRASSE — Tel. 32 09 17
As 15 e ás 21
(M 17 anos)
PARAÍSO DO HOMEM «JAPÃO PROIBIDO»
O INFERNO NA TERRA

CINEMA IDEAL — Tel. 32 41 94
As 21 horas
(M. 17 anos)
MAJOR DUNDEE
O HOMEM QUE LUTA SÓ

S. MATEUS — Tel. 4 85 60
As 14.45 e 21 h.
(Adultos)
A RAPARIGA E O GENERAL
O ENIGMA DO APARTAMENTO

• • OUTROS ESPECTÁCULOS • •

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Pão, pão.. queijo, queijo!» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «As três perfeitas casadas» (17 anos).
ABC — Às 20 e 45 e ás 23: «Arroz de miúdas» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 19: «Os dias felizes» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Agarra que é milionário» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «A máscara do superargo» (12 anos).

TEATRO «ABC»

TELEF 36 67 45
HOJE: às 21 e 23 horas
JOSÉ MIGUEL apresenta
A REVISTA DO ÊXITO
ARROZ DE MIÚDAS

TONY DE MATOS
com
AIDA BAPTISTA ★ CARLOS COELHO ★ NATALINA JOSÉ ★ ÓSCAR ACÚRCIO ★ DELFINA CRUZ e a grande atracção TONY DE MATOS
★
Coreografia de CHARLES
(ADULTOS)

OLIMPIA — Às 19: «A Mafia do Crime» (17 anos).
IMPERIAL — Às 21: «O ultimo degrau» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O charlatão» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Perseguição impiedosa» (17 anos).
PARIS — Às 21: «As donzelas de Rochefort» (12 anos).
ORIENTE — Às 21: «A marca do vingador» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Estradas do Inferno» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Vêm aí os russos» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Vidas secas».
CAMPOLIDE — Às 21: «Morituri» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21: «Missão mortal» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Um homem chamado Adão» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Ninguém foi tão valente» (12 anos).
BOMBEIROS V. LOURES — Às 21.30: «Missão em Hong-Kong» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «A beira do abismo» (17 anos

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «A rapariga» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Arizona Colt» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Sete contra o mundo» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «O comandante «Robin Crusoé» (12 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Do alto do terraço» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Duelo sem tréguas» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21: «Doutor Jivago» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «A última aventura de James Tont» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Eu vi a morte» e «Meus amores no Rio» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Mata-me Johnny Ringo» (17 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «3S3 — Passaporte para o Inferno» e «À procura do ídolo» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Uma aventura a quatro» (17 anos).
QUELUZ — [illegible] CINE — Às 21 e 15: «Aquela endiabrada freirinha» e «F. B. I. chama stamboul» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A francesa e o americano» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Sete balas para Selma» (17 anos).
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Piratas de Bikini» (12 anos).

TEA[illegible] Adultos
MARIA VITÓRIA
HOJE — A noite 2 sessões — Às 20.45 e 23 horas
★ SÓ [illegible] SEMANA
LISBOA PODE RIR A BOM RIR COM A FASCINANTE REVISTA
PÃO, PÃO... QUEIJO, QUEIJO
A CAMINHO DE UM ANO DE EXIBIÇÃO!
UM CARTAZ DE OURO:
● SALVADOR
● VIANA
a vedeta AFRICA PRATS
a actriz MARIEMA
MAX ● ANITA DORA VICTOR
o colossal JOSÉ VIANA
o famoso AUTOMÓVEL VOADOR e BAILARINAS INTERNACIONAIS!

2.ª feira, em Setúbal: no Teatro Luísa Todi
3.ª feira, em Beja: no Teatro Pax-Julia
4.ª feira, em FARO: no Cine Teatro Farense

J. PIMENTA, LDA.
ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS
TEM 150 CONTOS?...
Aplique as suas economias na nossa, que é a vossa organização e obterá rendimentos de 8 % na compra de apartamentos mobilados.
ESCRITÓRIOS
EM LISBOA — Rua do Conde de Redondo, 53, 4.º-Esq. — Tel. 4 58 43 e 4 78 43
EM QUELUZ — Rua de D Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22
EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Telefone 93 36 70

bom apetite

Restaurante CASTANHEIRA — DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE-BAR
BAIUCA BAR BISTRO
(antiga casa Júlio de Sousa)
R. da Barroca, 86 — T. 34700
SERVIÇO DE BAR E CEIAS, ATÉ DE MADRUGADA

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211
(2. Circular ao Campo Grande)
Aos Sábados e Domingos JANTARES DANÇANTES com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE
SANCHO
Trav. da Glória, 14 — Telef. 869780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 e 80 PESSOAS
● AR CONDICIONADO ●

ILHOTA
RESTAURANTE
R. ILHA DO PICO, 19-21
Telef. 49063 (Junto à Estefânia)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
BACALHAU À ILHOTA

XANGAI
DELICIOSAS ESPECIALIDADES DE AUTÊNTICA COZINHA CHINESA
AV. DUQUE DE LOULÉ, 20-B
Frente à Embaixada Americana
Telefone 5 73 78

Parreirinha do Rato
Restaurante snack-bar cervejaria, marisco
Ambiente acolhedor
Todos os dias pratos diferentes
Especialidades de churrasco de frango pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco) — Tel 685908
Parque para automóveis

BOITE **«PRÍNCIPE»** RESTAURANTE
JANTARES E CEIAS
(M 21 anos)
Alegria e boa disposição com música constante desde as 8 horas até às 5 da madrugada
Salões próprios para banquetes e lanches de casamento
Ambiente seleccionado — Ar condicionado
Rua da Madalena, 107 — Tel 33814

ALIVIADO, ESCREVO

Palavra que me assustei. Então quando aquele Volkswagen vermelho me atirou para a borda, assarapantei-me. Bolas! Estaria tudo doido?

É que já antes me vira a braços com umas corridas automobilísticas em que tivera de participar. Bem involuntàriamente. Até casa foi um confirmar de qualquer coisa estranha. Conjecturei. Ou o calor. Sim, talvez o calor que apanhou as pessoas desprevenidas e lhes buliu com o sistema nervoso. Claro que me contra-argumentei que os efeitos costumam ser inversos.

A atirar para a pasmaceira. Ou a pressa de jantar. Na verdade eram horas adiantadas no regresso a casa de fim de dia. Também não me satisfez. Tantas vezes que o meu regresso se tem feito por estas horas.

Mas a histeria continuou. Era mesmo histeria. Com o seu quê de colectiva. Até os «eléctricos», a deitar por fora, respiravam um ar de ansiedade de chegar. Também os autocarros. E os já peões próximos da meta.

Era mesmo estranho. Para mim, que estava desprevenido. E continuava a conjecturar, agora. Agora, há instantes, quando arrumava o carro, em manobra apertada. Com uns businares irritados a apressarem na sua pressa.

Mas descobri. No «Diário de Lisboa», mirado no elevador. O que é que havia de ser? Pois se o Benfica joga em Turim e a televisão vai dar...

Esquecera-me. Hei-de ver se não mais me esqueço e acerto a minha vida por forma a, em dias como este, arranjar horas seguras de regresso a casa.

SÉRGIO RIBEIRO

A caminho da Redacção um «post-scriptum»: ruas desertas. No rádio do carro Eusébio-instituição faz o golo. Aos 69 minutos. Valeu a pena correr para a televisão. As alegrias que o Benfica nos vais dando...

VIDA POLÍTICA

Governador da Guiné

O novo governador da Guiné, brigadeiro António Sebastião de Spínola, toma posse do seu cargo, na próxima segunda-feira, pelas 18 horas, no Ministério do Ultramar.

Na Feira do Livro

O escritor Urbano Tavares Rodrigues estará depois de amanhã, pelas 21 e 30, na Feira do Livro (pavilhão do Grémio de Editores e Livreiros), para autografar as suas obras.

JULIETTE GRECO

Greco em Portugal:

«Eu estou sempre perto dos jovens...»

Julliette Greco, a ex-pitonisa do ex-existencialismo, ao nível da canção e de certa forma de vida, não terá hoje, nos anos da fama, a mesma posição, cimeira, de outros tempos. Mas continua a ser uma grande vedeta internacional, que resiste aos «temporais» das modas, e permanece para além deles. De resto, mulher inteligente — e do seu tempo, ela sabe o que a juventude representa e conhece a sua importancia. Daí que tenha declarado ao «Diário de Lisboa» que «evoluo, mudo de repertório, embora o estilo seja o mesmo». Ela sabe a importancia da juventude e canta para ela, embora o «yé-yé» não seja consigo. Pois, apesar disso — e, também, por isso mesmo — pode dizer: «Nunca, como nos ultimos anos, recebi tantos milhares de cartas de jovens».

Julliette continua a gostar de Sastre e da Sagan, seus amigos pessoais, e a fazer «tournées» por todo o mundo. Esta tarde chegou ao aeroporto da Portela, em mais uma visita (relampago) a Portugal, para actuar hoje á noite, no Casino Estoril.

A Greco, com os seus proverbiais cabelos negros, agora cortados, vestida de claro-escuro, meias quase negras, numa das pernas uma fina pulseira dourada. A sua beleza, em plena maturidade, é um dos grandes atractivos para os que não apreciam a beleza sofisticada. A uma primeira pergunta, respondeu-nos:

— Seguramente, cantarei novas e velhas canções, como sempre faço.

E entre as primeiras suas preferidas citou-nos «Desabillez-moi» que aqui, certamente, não cantara...

— Você pretende estar sempre perto da juventude...

— Não é o que eu pretendo, o que eu quero, é o que *eu sou*.

Depois:

— E não é só a juventude, com ela está a justiça.

— Quais são os seus artistas preferidos, de momento?

— Não lhes noto grandes diferenças, de um modo geral. Mas para mim, toda a gente que canta, se é bom profissional, me interessa.

— O que pensa do ultimo livro da sua amiga Sagan?

— Ainda não li. A crítica não tem sido muito favorável. Mas ela é muito popular. E para mim, o melhor crítico é o publico.

Cinema?

— De momento, não. Agora, cantar. E isso já me dá muito que fazer.

E, a terminar, a Greco ainda nos fez uma revelação: no princípio de Junho vai cantar a Cuba pela primeira vez.

A participação norte-americana na Feira Nacional da Agricultura

Na residência do adido de Agricultura dos Estados Unidos realizou-se, esta manhã, uma conferência de Imprensa no decorrer da qual foram revelados todos os aspectos da participação daquele país na V Feira da Agricultura Nacional (e na 15.ª Feira do Ribatejo), a realizar em Santarém de 2 a 16 de Junho próximo. Usou primeiro da palavra o sr. Celestino Graça, secretário-executivo daquela feira, que após ter realçado que o certame de regional passou a nacional e de nacional a internacional, incluindo este ano seis «stands» estrangeiros, sublinhou a especial importancia da participação norte-americana. A Feira apresentará este ano a maior parada de máquinas já vista em Portugal, e para tanto foi decisiva a contribuição dos E. U. A., que é também do mais alto interesse no sector da pecuária.

O adido da Agricultura dos Estados Unidos agradeceu depois as palavras proferidas e deu a conhecer pormenores relacionados com a representação do seu país (um pormenor interessante: as cabeças de gado vêm para Portugal de avião a jacto). Apresentou ainda o sr. Galen Yates, agora chegado do Japão e que vem dirigir o pavilhão americano, e o prof. John W. Spaven, que servirá de chefe dos Serviços de Informação Publica, forneceu notícias para cerca de 60 estações de televisão, 300 de rádio e numerosos jornais.

No pavilhão dos E. U. A. o gado bovino terá um importante lugar. Mas o publico nele poderá ainda, além do mais, ouvir boa musica e ver bons filmes numa sala com ar condicionado. E uma grande atracção ainda, que actuará logo na inauguração da Feira: a famosa Banda da 6.ª Esquadra.

VISITA À EXPOSIÇÃO DE LIVROS TÉCNICOS

Integrada num plano que o Banco Português do Atlântico tem estado a levar a efeito, no intuito de proporcionar uma desenvolvida informação, divulgação dos principais temas de carácter económico e financeiro e debate dos aspectos técnicos que com mais acuidade se põem naqueles sectores, alunos do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e do Instituto de Formação Bancária, acompanhados, respectivamente, pelos srs. dr. Valadas e dr. Augusto Gaspar, visitaram a Exposição de Livros Técnicos e Equipamento Mecanográfico que tem estado patente ao público na Sociedade Nacional de Belas-Artes.

O certame — que reune mais de 700 livros técnicos em inglês, francês, espanhol e português, além de variado equipamento mecanográfico — encerra-se hoje com conferências pronunciadas pelos srs. Fernando Alves Martins, da I. B. M. Portuguesa, e dr. Carlos Estorninho, bibliotecário do Instituto Britânico em Portugal, sobre os temas, respectivamente, «O Computador ao Serviço da Empresa» e «A Investigação, as Bibliotecas e a Empresa»

CRUZEIRO À MADEIRA

Agosto de 19 a 25

A bordo do Paquete «FUNCHAL»

4 dias completos na Madeira com excursões incluídas

Todas as cabinas com banho ou chuveiro

Viagem acompanhada por um Delegado da ATLAS

☆

Informações, inscrições:

ATLAS — Turismo e Viagens, Lda.

Av. Duque de Ávila, 203-D/E LISBOA

Tels. 556229 - 533714 - 533858

50

é o número do "stand„ de publicações dom quixote na FEIRA DO LIVRO DE LISBOA

APRENDA INGLÊS EM INGLATERRA

Tudo incluído preços a partir de: 5.420$00

VIAGENS TURISMO

BUSSON

Rua Braamcamp, 15-D

Telef. 40459 — LISBOA

ATLAS

VIAGENS 68

PARIS
SETEMBRO: DE 14 A 29

ANDALUZIA — TÂNGER
MAIO: de 8 a 28

LOURDES—ANDORRA
BARCELONA
VALÊNCIA — MADRID
JULHO: de 19 a 31
AGOSTO: de 17 a 30
SETEMBRO: de 14 a 26

TOLEDO — MADRID
MAIO: de 4 a 8, de 15 a 19
JUNHO: de 1 a 5, de 26 a 30

SEVILHA
JUNHO: de 27 a 30

COSTA CANTÁBRICA E LOURDES
AGOSTO: de 9 a 22

CIRCUITO EUROPEU E DESCIDA DO RENO
AGOSTO: de 1 a 30

PEÇA O PROGRAMA GERAL EXCURSÕES 68

PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

Informações e inscrições:
ATLAS—Turismo e Viagens, Ld.ª
Av. Duque Ávila, 203-D/E—Lisboa
Telefs.: 556229 - 533714 - 533858

CAMPANHA DA PRIMAVERA

os 12M e 15M são carros diferentes

2 e 4 portas e Station 12M 2 portas

agora mais aperfeiçoados e com novos preços

Ford ...É MELHOR!

NOVAS FACILIDADES DE CRÉDITO
CONSULTEM OS CONCESSIONÁRIOS FORD

STAND MODERNO
R. JOÃO SARAIVA, 15
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15

LISBOA

LINCURI
AV. DA REPÚBLICA, 32
R. D. FILIPA DE VILHENA, 26

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

SUPLEMENTO
Diario de Lisboa
LITERÁRIO

João Gaspar Simões
Jorge Peixinho
José-Augusto França
Júlio Moreira
Mário Sacramento
Sheppard d'Moraes
Vergílio Ferreira

N.º 511/16 DE MAIO DE 1968

Klein: *impressão natural sobre fundo negro*

Após a falência, nos dias de hoje, da ópera e do teatro musical tradicional fundados sobre a coexistência paralela de planos artísticos distintos através de uma relativa analogia de estruturas, propôs-se nos últimos tempos uma nova possibilidade de relações, fundada esta não já sobre uma coexistência ou paralelismos, mas sim sobre uma convergência e integração. Tal é o carácter fundamental de uma nova forma de comunicação artística: o «happening».

Pode dizer-se que o «happening» nasceu de certo modo, de uma convergência de várias artes, ou melhor, de várias manifestações artísticas aglutinadas numa comum orientação espiritual, com objectivos estéticos particulares.

O 'happening'

por Jorge Peixinho

O «happening» é um *acontecimento*. Aí se sacraliza um movimento criador num momento efémero e irrepetível. Arte que se *faz* e se *desfaz*, mas que nunca se *refaz*. Podemos verificar como tais manifestações se aproximam do conceito de colaboração activa do fruidor (não já ùnicamente espectador, mas também actor) perante um certo tipo de obras plásticas e, mais radicalmente ainda, da autodestruição exigida por determinadas obras, que vêm a ser «consumidas» ou «imoladas» no próprio momento da criação ou da exposição.

O «happening» é justamente, pelo seu carácter efémero, uma manifestação essencialmente interpretativa, tanto em função de um programa ou plano pre-estabelecido, como na simples (e altamente complexa) actuação de impulsos criadores — uma interpretação criadora, porém, elevada ao nível da criação integral e exigindo uma participação colectiva.

O actor interveniente não encarna uma personagem como no teatro, mas cria a situação de ambiguidade inerente à sua actividade lúdica — o movimento «en train de jour» no próprio momento criador.

Há pouco referi-me ao «happening» como uma espécie de ritual, mais pròpriamente uma sacralização do momento criador; e isto na medida em que, conforme assinala Henri Pousseur, uma sacralização é um acto comunitário, polivalente (e por isso mesmo rico de ambiguidades) e instaurador de relações.

O «happening» provém de uma convergência «vectorial» de várias actividades artísticas: o teatro, a música, as artes plásticas, etc. Simplesmente, estas actividades encontram-se intimamente interligadas e participam de uma estruturação comum. Esquemàticamente poderíamos assim individualizar dois tipos fundamentais de estruturas: um de convergência e de fusão entre os vários elementos artísticos, outro de criação colectiva, com as suas interinfluências, conexões e inter-relações.

Proveniente de várias correntes de evolução do pensamento estético, o «happening» apresenta afinidades evidentes com determinados caracteres sociológicos da Pop-Art, no que diz respeito à reabilitação de certos aspectos transitórios e circunstanciais do real quotidiano; ao carácter efémero da obra de arte, patente na destruição exterior ou na autodestruição do objecto artístico; e no novo tipo de relações arte-fruidor, problemática esta em estreita ligação com a teoria da informação e a «Gestalt-

(Continua na página 2)

Gide e Roger Martin du Gard ou
o malogro da objectividade

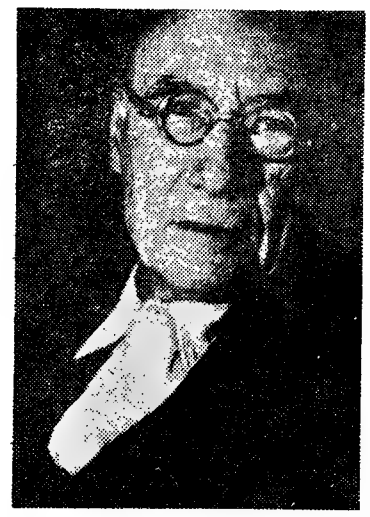
por João Gaspar Simões

A *Correspondence* entre André Gide e Roger Martin du Gard, que acaba de aparecer em França — dois grossos volumes, perto de mil e quinhentas páginas — abrange cerca de quarenta anos de uma amizade franca e leal entre dois homens tão diferentes um do outro como a noite do dia. Mais velho, muito mais velho que o autor dos *Thibault*, e já com um nome glorioso na altura em que trava relações com este, sempre André Gide acatou as observações literárias do jovem romancista com quem trava conhecimento ao receber na *Nouvelle Revue Française*, em 1913, o manuscrito de *Jean Barois*. E um dos aspectos mais curiosos desta amizade, por vezes severa, é aquele que nos mostra o mais jovem dos dois escritores procurando corrigir aquilo que se lhe afigura o aspecto menos válido da obra do mais velho.

Hoje, quase vinte anos passados sobre a morte de André Gide, podem ver-se melhor as razões que assistiam a Martin du Gard para fazer com que o seu amigo abandonasse a construção dessa «pirâmide» cuja base era ele próprio, a sua complexa personalidade humana, objectivo que considerava movediço e perigoso no ponto de vista da criação literária, para empreender a construção de uma obra moldada sobre a observação objectiva da realidade. Com efeito, a esta distância temos diante de nós um André Gide que, em verdade, desenvolveu ao máximo as diferentes facetas da sua personalidade, deixando-nos o exemplo singular de uma das mais ricas individualidades da literatura francesa da primeira metade do século, mas que por isso mesmo não chegou a realizar aquela obra-prima que a posteridade exige de um escritor para que ele possa subsistir mesmo para além da data em que tudo esquece da sua vida e da sua existência pessoal.

Fora Goethe, segundo Jean Delay, biógrafo de Gide e prefaciador dos dois volumes da *Correspondence* que acaba de vir a lume, escritor que Gide muito lera e meditara na sua mocidade, que incutira no autor de *Si le grain ne meurt* que «é de *dentro* para *fora* que o homem deve viver e que o artista deve trabalhar». Com efeito, para Gide — e nisso ele se torna mestre das gerações de entre duas guerras — o artista tudo deve tirar de si próprio, do seu próprio fundo humano, das suas experiências. E assim fez, mas, menos dotado que o autor do *Fausto* de predicados criadores, seguindo à risca as suas palavras, acabou por legar-nos uma obra em que o que salta à vista é a base — isto é, o seu caso pessoal — não a «pirâmide», ou seja, como diz Jean Delay, «o túmulo que o encerra».

Das traições de uma tal concepção da arte e da literatura procurou Roger Martin du Gard precaver o seu amigo, e a vasta correspondência trocada entre os dois abunda em páginas onde avultam as advertências acauteladoras das ciladas que espreitavam Gide a cada esquina da sua obra ostensivamente subjectiva. Enquanto que para o autor dos *Thibault*, Tolstoi, por exemplo, era o maior dos romancistas e a *Guerra e Paz*, a obra-prima da arte do romance, para Gide, Dostoievski constituía o caso literário de maior significado na época, e não naquilo em que o autor de *Os Possessos* atingia, como Tolstoi, a objectividade, mas nos problemas psicológicos e morais que cada um dos seus romances levantava. A construção romanesca em si, a trave-mestra do romance, isto é, as personagens entregues a si próprias e vivendo a sua vida, pouco ou nada lhe dizia. No entanto, após muito batalhar, consegue Martin du Gard que Gide meta ombros a uma obra menos livremente concebida no ponto de vista puramente subjectivo ou pessoal. Em carta datada de 22 de Julho de 1920, chama a atenção do autor do *Corydon* para o que representa um romance como *O Idiota*, de Dostoievski, e faz-lhe ver que enquanto o autor russo entrecruzou e fundiu a série de assuntos que enriquecem esse livro extraordinário, ele, Gide, que «tinha em si tudo quanto era necessário para escrever um livro como esse», se lhe viesse às mãos um tal assunto, em vez de um romance escreveria uma série de breves volumes em que focaria, uma por uma, as personagens complexas que na obra do mestre russo se tornam, por assim dizer, nas suas relações mútuas, a matéria-prima dessa ficção genial.



Gide, «uma amizade leal»

Tinha razão Martin du Gard. E Gide, pouco mais ou menos por esta altura, principia a escrever a sua única obra de ficção com carácter objectivo, *Les Faux-Monnayeurs*, em verdade ainda hoje, no conjunto da vasta bibliografia gideana aguda que mais directamente atinge o leitor e a que mais ricamente entremostra virtualidades literárias do mestre de *La Porte Étroite*.

Estará, porém, nisto o núcleo do relativo malogro da criação artística de André Gide? Eis o problema tratado ao longo de *Correspondence*. Ele nos obriga a reflectir sobre os recursos com que cada escritor conta para levar a cabo uma obra que verdadeiramente o revele e até mesmo o supere. Em verdade, Roger Martin du Gard, que toda a vida cultivou um género de ficção onde eram postos à prova nada mais nada menos que os paradigmas novelísticos dos mestres do género — de Flaubert a Tolstoi —, lega-nos uma obra que nem pelo facto de se nos antolhar mais clàssicamente concebida — no ponto de vista da criação objectiva —, se eleva, com efeito, mais alto, enquanto expressão de uma personalidade humana, que a própria obra de André Gide. Faltava ao autor de *Paludes* o poder de objectivação dos seus problemas ou a capacidade de construção objectiva das obras em que esses problemas surgissem devidamente conjugados? Parece que sim. Mas por isso mesmo de nada lhe serviria mostrar-se fiel discípulo dos grandes mestres objectivos da literatura — um Goethe, um Flaubert, um Tolstoi, até mesmo um Dostoievski. Sempre a sua obra se quedaria na base: a «pirâmide» nunca chegaria a erguer-se sobre o fundo excessivamente pessoal que nele assumiram os problemas humanos. E o certo é que, mesmo assim, sem nunca haver conseguido essa metamorfose fundamental dos grandes criadores, a sua obra, a sua personalidade, o seu caso, aquilo a que Jean Delay chama o «mistério Gide», sempre terá mais admiradores e conquistará mais discípulos, digamos, que a construída obra do romancista dos *Thibault*, vasto panorama de toda uma época da vida social, política, moral e intelectual francesa, a que falta, porém, aquilo mesmo sem o que não há obras literárias superiores. Que é que lhe faltava: a base profundamente pessoal sobre que Gide gostaria de edificar a «pirâmide» goetheana.

Uma voz inconformada

«A obra poética de Jorge de Sena», diz António Ramos Rosa em resposta a um inquérito de *O Tempo e o Modo*, «é a mais importante entre as que se impuseram nestes últimos trinta anos. As grandes figuras anteriores distanciam-se já e, não vejo, no vácuo que se forma, outro poeta mais salutarmente perturbador e que possa merecer o título de «indisciplinador de alma». O magistério crítico de Jorge de Sena teve influncia preponderante na minha formação ética e intelectual ...».

Um poeta vivo que fala assim de outro poeta vivo — eis uma lição de dignidade e uma lição à república das letras. Jorge de Sena, com a sua voz ousada e bem dirigida, com o seu tom pessoalíssimo de inconformidade, pôs na poesia portuguesa a nota salutar de um talento que se sabe de direito a um lugar de excepção. Sem o pacto de circunstância. Sem o medo dos equilibrismos. Os seus poemas e a, sua obra em prosa, reflectem essa atitude dinamizadora cuja importância já não é cedo para homenagear.

Agora Jorge de Sena acaba de publicar mais um volume de poemas, o oitavo da sua produção: *Arte de Música* (*trinta e duas* metamorfoses musicais e um *prelúdio, seguidos de um «pot-pourri»*) — col. Círculo de Poesia, Moraes Editores. E é na realidade um acontecimento poético o aparecimento deste livro. Ele contém algumas propostas pessoalíssimas para a valorização da nossa riqueza intelectual.

O ensaísta político

As Obras de Basílio Teles começaram a ser reeditadas agora, mais de meio século volvido sobre a sua publicação. Ele é, como acentua Augusto da Costa Dias, na introdução ao «Do Ultimatum ao 31 de Janeiro», saído na Portugália Editora, «o maior pensador político do movimento republicano português». E Costa Dias acrescenta: «Disse «pensador político». Não disse «político» sòmente. Isto porque faltava a Basílio Teles a matéria-prima com que nas sociedades de interesses antagónicos se fabrica o «político» de carreira. Faltava-lhe, efectivamente — e eis aqui a sua primeira e irremediável carência — a maleabilidade. Não de ordem intelectual. Era toda, e exclusivamente, moral».

Augusto da Costa Dias

Os escritos de Basílio Teles têm lição para os dias de hoje, que não apenas para a época em que foram publicados. O homem austero a sobressair numa geração onde não escasseavam, felizmente, nem a austeridade, nem a inteligência, nem o idealismo isento e puro, avulta cada vez mais á medida que os anos passam. Morreu quase á míngua e recusou tudo quanto lhe ofereceram, nessa recusa intervindo bastante aquela carência de maleabilidade a que alude Costa Dias. E — vamos lá — a maleabilidade é essencial, não apenas ao político, mas ao homem social.

Basílio Teles está na sua obra. Para lhe receber a lição há que consultar os seus livros: «Por ora a primeira tarefa consiste, sem dúvida, em reeditar, de entre os seus livros, os de mais viva actualidade e trazer a público os inéditos — estudos, dispersos ou cartas. Assim reintegraremos Basílio Teles no lugar proeminente que ocupa na Cultura portuguesa e restituí-lo-emos ao tempo que lhe cabe: o nosso e o futuro.»

O Festival Internacional do Livro

A inaugurar em Nice daqui a um ano (exactamente a 31 de Maio de 1969) o Primeiro Festival Internacional do Livro mobiliza já as atenções do mercado especializado e dos departamentos oficiais de todo o Mundo. Especialistas de cinco continentes preparam um programa destinado a definir a situação actual do livro nos sectores da criação literária, produção, distribuição e consumo. «As técnicas audiovisuais não são o concorrente perigoso da leitura, como é comum afirmar-se», declarou Hans Brinkmann, professor de estudos de *marketing* da Universidade de Colónia. «O problema está em que o livro, como indústria, não tem os mesmos apoios de promoção comercial das restantes mercadorias e também no desprestígio que os mestres universitários mais velhos têm criado à literatura, impondo aos alunos cursos sem dinamismo nem actualidade.»

Esta declaração a propósito do Primeiro Festival Internacional do Livro vem acompanhada de uma outra, não menos significativa, assinada pelo prof. Roberto Farnesi, catedrático da Universidade de Milão: «A difusão do livro como bem de consumo essencial depende muito do lugar que se lhe atribui na Escola. Só em raros países e, dentro desses, só em raros estabelecimentos de ensino se cultiva de maneira actualizada o interesse pela Literatura [...]. E é um facto incontroverso que, se a cultura nos nossos dias abandona os clássicos métodos de exposição e de análise, o ensino da Literatura não pode ficar à margem dessa metodologia global. O historicismo e as definições cansaram o público escolar. Os meios audiovisuais, o jornalismo e os festivais de juventude (como aqueles que se organizam em Liverpool, por exemplo) são preciosos auxiliares na campanha do gosto da leitura.»

Organizado pelo Sindicato Nacional dos Editores e pela Federação dos Sindicatos de Livreiros, o Primeiro Festival Internacional do Livro inclui colóquios a diversos níveis, exposições, um congresso do Pen-Club, uma assembleia de editores, jornadas promovidas pela Alliance Française e conta com a participação individual de escritores, cineastas, produtores de rádio, sociólogos, especialistas de artes gráficas e técnicos comerciais.

Entretanto, no início do próximo mês de Junho tem lugar em Amsterdam o Congresso Internacional de Editores, assembleia de tradições já firmadas onde estarão representadas algumas empresas portuguesas.

O «happening»

(Continuação da página 1)

psychologie». Convém colocar ainda em relevo o facto de uma indesligável relação com aspectos novos da problemática musical, respeitantes em especial a implicações de ordem estético-sociológica. E aí se insere toda uma série de pesquisas sobre o valor e o significado do «gesto» e à formulação e realização do «teatro instrumental» por Mauricio Kagel, fundada sobre a «teatralização do jogo instrumental», forma de comunicação que se situa já num estádio bem próximo do «happening» pròpriamente dito e que corresponde à crise latente verificada na instituição-concerto e à evolução das relações música-espectáculo.

Elemento primordial do «happening», como do novo «teatro musical» (que não teatro «com música»), eis o

Gesto, com todo o seu poder mitológico; gesto, «signo que se faz expressão» — no dizer lapidar de Luciano Berio — com toda a sua carga polivalente de valores e sentidos preexistentes, projectando-se lùdicamente em novos valores de criação.

Com este breve artigo pretendi focar algumas das premissas mais significativas sobre as quais se funda uma nova forma de arte e de comunicação — o «happening» — bem como genèricamente as suas características basilares.

ESCAPARATE

(De 6 a 13 DE MAIO DE 1968)

Título — Jornal de Um Romancista — III volume.
Autor — Manuel de Campos Pereira.
Editora — Dep. Livraria Portugal — Lisboa.
Número de páginas — 241.
Preço — 40$00.

Título — O Roubo das Sabinas — Poemas Libertinos — I.
Autor — Almeida Garrett.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — Obras Literárias de Almeida Garrett — II.
Número de páginas — 161.
Preço — 65$00.

Título — Do Ultimatum ao 31 de Janeiro. Esboço de História Política.
Autor — Basílio Teles.
Editora — Portuguesa Editora — Lisboa.
Número de páginas — 364.
Preço — 65$00.

Título — Divina Voluptuosidade — Missa da Meia-Noite e Outros Poemas.
Autor — Jaime Cortesão.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — Poesias — II — Obras Completas de Jaime Cortesão.
Número de páginas — 282.
Preço — 60$00.

Título — Cantos Cativos — 1938--1958.
Autor — Arquimedes da Silva Santos.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — «Poetas de Hoje» — 27.
Número de paginas — 209.
Preço — 45$00.

Título — Poemas.
Autores — António Viana, Filipe Pimentel e Manuel Ramos.
Editora — Edição de Manuel Ramos — Lisboa.
Número de páginas — 114.
Preço — 25$00.

Título — Abrantes — Cidade (Análise crítica).
Autor — Arq. José D. Santa-Rita Fernandes.
Editora — Camara Municipal de Abrantes. Dep. Livraria Portugal — Lisboa.
Número de páginas — 177.
Preço — 130$00.

Título — A Califfa.
Autor — Alberto Bevilacqua.
Tradutor — Branca A. Sucena.
Editora — Estúdios Cor — Lisboa.
Colecção — «Latitude» — 66.
Número de páginas — 278.
Preço — 45$00.

Colecção AUTORES PORTUGUESES

Acaba de sair :

CASA DE CORRECÇÃO

por URBANO TAVARES RODRIGUES

Incessante procura de novas fórmulas artísticas num escritor de ficção que nunca se renega

Volume de 186 páginas: 30$00

Outras obras deste autor publicadas nesta colecção:

VIDA PERIGOSA	25$00
A NOITE ROXA (2.ª edição)	40$00
UMA PEDRADA NO CHARCO (3.ª edição)	40$00
AS AVES DA MADRUGADA (2.ª edição)	25$00
NUS E SUPLICANTES (2.ª edição)	20$00
OS INSUBMISSOS (2.ª edição)	30$00
EXÍLIO PERTURBADO	30$00
AS MÁSCARAS FINAIS	30$00
TERRA OCUPADA	30$00
BASTARDOS DO SOL	30$00
DESPEDIDAS DE VERÃO	30$00

Livraria BERTRAND

NOVIDADES ULISSEIA

RENÉ DUMONT
A FOME
FLAGELO DA HUMANIDADE

BERNARD ROSIER
Uma objectiva antevisão do mundo dos próximos decénios através de um alarmante apelo no sentido de se remediar o problema da fome, sobretudo nos países do «Terceiro Mundo».
Col. «Documentos do Tempo Presente» ● 60$00

ERNST FISCHER
A NECESSIDADE DA ARTE
Obra de importante teorização estética, este excepcional livro tornou-se já uma verdadeira «obra de consulta» para discussão e compreensão, numa perspectiva realista, dos problemas da arte do nosso tempo.
Colecção «Livros Pelicano» ● 40$00

H. G. WELLS
A GUERRA DOS MUNDOS
Um dos mais extraordinários romances de «ficção científica» de todos os tempos, que consagrou Wells como um dos «clássicos» da literatura de antecipação.
Colecção «Sucessos Literários» ● 40$00

EZRA POUND
ANTOLOGIA POETICA
Um dos maiores poetas do nosso tempo apresentado pela primeira vez em Portugal Selecção e prefácio do poeta brasileiro Augusto de Campos.
Colecção «Poesia e Ensaio» ● 40$00

Editora ULISSEIA - R.Misericórdia,125-1º.-LISBOA 2

Baptista por José-Augusto França

Manuel Baptista reaparece numa exposição individual e traz com ele a expectativa de um público de selecção que encontra neste pintor um austero sentido de ver e interpretar. José-Augusto França melhor do que ninguém o disse na apresentação que consta do catálogo e que reproduzimos. E é extremamente significativo que um ensaísta de tão responsáveis exigências escreva sobre Manuel Baptista e sobre ele nos dê uma viva e consoladora certeza.

«———

Há um ano, Manuel Baptista realizou nesta mesma sala uma bela e dificílima exposição de composições monocromáticas — todas organizadas dentro dum branco que só a ligeira sombra provocada pela luz razante aflorava. Digo **composições** e digo **organização** de propósito e bem sabendo que, no jogo da cor única, um e outro valor se definem com dificuldade. Com dificuldade, também: a arte de Manuel Baptista é difícil tanto de propor como de ver, logo negando aparentemente o prazer variado do desenho na exigência igual do colorido.

Digo **desenho** bem sabendo o mesmo, e igualmente de propósito — tal como escrevo **colorido** em vez de cor, como seria de esperar.

Ora os quadros de Manuel Baptista são organizações coloridas que pelo desenho se compõem. Isto é: vivem uma vida gerada pela cor, mas dentro dela existem autònomamente e definem essa existência estética através dum desenho que estabelece uma composição formal. A cor, funcionando integradamente no quadro, torna-se colorido, e o desenho, integrado também, ou inserto, em vez de decorar compõe.

É evidente, e nisso pode enganar-se o espectador se tomar o colorido por cor e a composição por decoração, que esta pintura tem um problema, ou dois problemas convergentes.

Por um lado e por outro ela se apresenta decorativa — e por ambos os lados **recusa** essa apresentação primeira.

Logo se entende esta distinção se nos lembrarmos de que o desenho recortado à tesoura vem, sem dúvida, de Matisse, que também não era decorador, sendo-o embora, depois, por efeito secundário.

Baptista: «Composição» (esboço)

O monocromatismo também tem origens estabelecidas, em Klein, em Reinhardt, ou naquilo a que os americanos chamam a «minimal art» — mas importa aqui reparar que, nestes casos, a cor é um dado absoluto enquanto na pintura de Manuel Baptista ela é um dado relativo e portanto integrável.

Volto a falar de **integração** — certo de que esta é a palavra mais conveniente para definir uma pintura em que a própria colagem se integra também subtilmente, como valor de textura, valor «matérico», como se fora uma cor apenas mais espessa ou mais brilhante.

Nesta espessura se realiza então o jogo do desenho em que o traço processando-se em relação à totalidade do quadro, é a diferença dos planos levemente distinguidos. Tudo é leve e fino nesta pintura — da cor ao recorte das formas leve e finamente desenhadas.

... E na festa espirituosa deste «rocaille» irregular e delirante, há uma ilusão que a luz provoca, que sem ela se apaga — uma ilusão que é e não é, conforme quisermos irònicamente saber...

———»

Ronda das galerias

ARCHOTE (Av. da Liberdade, 224) — Artur Bual (Pintura).
BUCHHOLZ (Rua Duque de Palmela, 4) — Helena Almeida (Pintura).
«**DIÁRIO DE NOTÍCIAS**» (Largo do Chiado) — M. Luz Lindo (Desenho).
DINASTIA (Rua da Escola Politécnica, 183) — Ana Maria Botelho (Pintura).
DIVULGAÇÃO (Rua D. Estefânia, 46-B) — João Hogan (Pintura).
GALERIA 111 (Campo Grande) — Nikias Skapinakis (Pintura).
GALERIA NACIONAL DE ARTE (Praça Marquês de Pombal) — Ribeiro Farinha e Arlindo Rodrigues (Cerâmica).
GRAVURA (Travessa do Sequeiro, às Chagas) — Gravuras da colecção de Manuel Cargaleiro.
PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA (Largo de S. Domingos) — Arte Ultramar.
QUADRANTE (Av. Luís Bivar, 85-C) — Manuel Baptista (Pintura).
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO (Restauradores) — Artur José (Cerâmica); 3 Mil Anos de Pintura Peruana (Pintura), depois do dia 16.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES (Rua Barata Salgueiro) — Maria de Abreu (Pintura); Maria Emília Barbosa Viana (Pintura).

Desenhos de M. Luís Lino

Na galeria do «Diário de Notícias», ao Chiado, esteve patente uma exposição que valeu bem uma atenta visita. A artista mal passou a casa dos vinte e não deixou ainda os bancos da escola, mas tem maioridade nos 31 desenhos que apresenta. Maioridade e força.

Maria da Luz Dias Lino, ou simplesmente M. Luz Lino, como parece ter querido fixar-se para as andanças da arte, começou pelo princípio e, nesta sua primeira exposição individual, mostra ensanchas de ir longe.

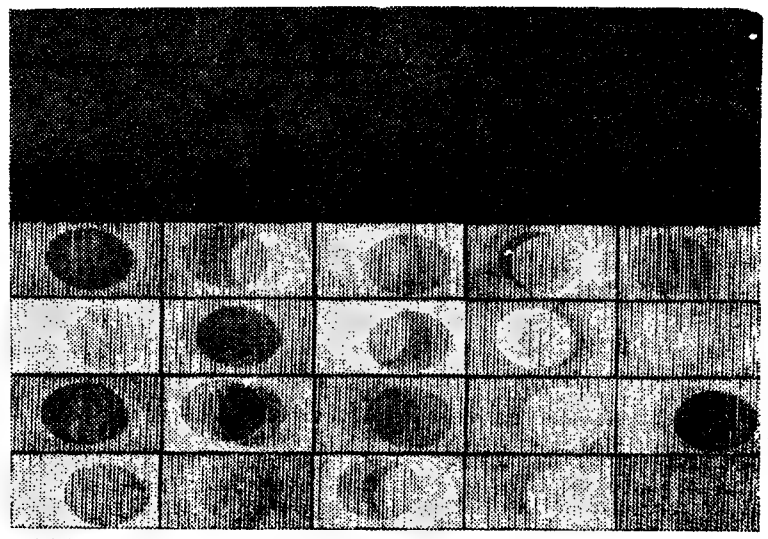
Os seus desenhos têm movimento e têm ritmo forte, embora as linhas sejam quase sempre cheias de suavidade. Pormenores, torsos, bustos, a figura inteira, dá-nos-los Luz Lino com uma segurança e saber que ultrapassam já muito os exercícios escolares. Sem dúvida, em quase todas as suas obras se nota influência poderosa do seu professor, mas como não se o professor se chama Lagoa Henriques?

São desse mestre as palavras com que Luz Lino se apresenta e ele melhor do que ninguém nos pode dizer que a artista «é sensível á singularidade dum perfil, á eternidade do quotidiano, ao requinte dum pormenor abandonado, e sabe consciente ou inconscientemente «que o homem nunca se banha duas vezes no mesmo rio». Por isso esse coleccionar involuntário e inadiável de formas e objectos que reinventa e transfigura».

De Cezanne a Miró

Pinturas universalmente célebres (de Cézanne, Matisse, Ronault e outros) que nunca tinham sido apresentadas na América do Sul contam-se entre os cinquenta quadros europeus que o Museu da Arte Moderna de Nova Iorque reuniu para uma grande exposição sob a insignia «De Cézanne a Miró» com destino a diversos países do continente. Monroe Wheeler, o orientador do empreendimento, inaugurou no mês passado este certame que teve lugar no Museu Nacional de Belas-Artes, de Buenos Aires e dali passará a Santiago do Chile no próximo mês de Junho.

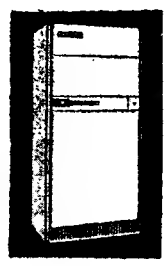
Sucessivamente, a Argentina e a Colombia tomarão contacto directo com algumas das obras mais representativas de 50 anos de pintura que abrangem o fauvismo, o cubismo, o futurismo, o expressionismo e o surrealismo. A experiência de Wheeler, como perito na organização de exposições itinerantes, é universalmente conhecida e a ele se devem, entre outras realizações, iniciativas consideradas exemplares, como *Arquitectura Visionária* e *Homenagem ao Quadrado* — exposições que percorreram, com o maior êxito, as capitais da América do Sul.



«Fisiocromia», pintura sintética do venezuelano Cruz Diez (Museu Itinerante de Arte Moderna)

DINHEIRO
PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juro da lei
RAPIDEZ E SIGILO
SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

MAGIC CHEF®



A mais alta qualidade ao mais baixo preço. Modelos com congelador a toda a largura, de 130, 165, 200 e 260 lts.
Descongelação semi-automática

MAGIC CHEF®
é melhor
Preços desde 3.200$00

REPRESENTANTES SABEL Rua de D. Estefânia, 98/A-LISBOA
Rua de Sta Catarina, 1209-PORTO

«Hollons»

por Júlio Moreira

As partes de qualquer organismo não devem ser consideradas como porções independentes e justapostas, mas como «holons», ou seja unidades coerentes que são simultânea e concomitantemente autónomas (self-assertive) e dependentes (integrative). Assim define Arthur Koestler o vocábulo *holons* no seu livro *The Ghost in the Machine* (O fantasma da máquina).

São coisas (ideias) que se usam: *estruturas* contaminadas de *mágicas* e *mágicas* já perfeitamente *estruturadas*, sistemas cibernéticos, *feed-backs*, conjuntos (matrizes), a parte no todo e o todo na parte, e assim por diante.

Mas é o vocábulo que nos encanta: «HOLON»

O prazer (ou o simples encantamento ocioso) tem sempre a sua razão de ser É um principio edonista, etc.. mas quem o ache pueril que experimente pô-lo em prática na vida de todos os dias (não temos outra) e depois dirá. Porque razão pois o encantamento gerado aparentemente por um vocábulo de importância duvidosa? Como se terá processado a sua gestação: em que sistemas interiores à nossa carne (comum) terão corrido os dados imponderáveis que permitiram a síntese instantânea da sua criação no plano da consciência do Sr. Koestler?

Os psicanalistas alertados pelas vibrações audíveis das estruturas do universo, e em particular pela linguística, em breve deixarão os clientes semiabandonados aos cuidados das empregadas de consultório, para se dedicarem a fundo a uma nova disciplina que se anuncia: a *psicanálise dos vocábulos*

HOLON virá talvez a ser considerado, no futuro, como o exemplo dos vocábulos psicopatas, onde tensão da libido, complexos de Édipo, vergonhosos narcisismos, e todo um cortejo de terríveis taras consequentes venham a ser descobertos.

O facto inelutável das palavras existirem em nós e nós nas palavras, a relação de unidades coerentes, simultânea e concomitantemente *self-assertive* e *integrative*, que talvez exista entre nós e as palavras como partes (holons) constitutivas de um todo mais geral, leva-nos a admitir que as psicoses e as taras das palavras possam, de certo modo, determinar em nós psicoses e taras que lhes correspondam. A natureza dessa relação será talvez o objecto de uma das disciplinas mais importantes do futuro.

UBU AGRILHOADO

— Vamos, Mãe Ubu, prende a ponta da corrente da nossa coleira no anel de ferro do vestíbulo, e pendura nas escadas o antigo cartaz: CUIDADO COM O CÃO. Vou morder e pisar quem tiver a audácia de entrar aqui.

O pai Ubu (Agrilhoado no momento desta decisão), antevia talvez já o advento desses tempos em cujo limiar nos encontramos hoje, e evidentemente procurava opor-se. Mesmo sem o conhecimento da personalidade deste *pai de todos* chamado Ubu, fàcilmente se percebe o sentido separatista da sua atitude, a recusa da entidade ou facto ou condição «HOLON».

É ainda a mesma intuição premonitória que o leva a gritar à sua fiel companheira:

— Uma vez que estamos no país em que a liberdade é igual à fraternidade, a qual só é comparável à igualdade da legalidade, e como eu não sou capaz de fazer como toda a

gente e tanto me faz ser igual a toda a gente, como de qualquer maneira acabarei por matar toda a gente, vou-me fazer escravo, oh Mãe Ubu!

A repulsa pela condição de HOLON afirma-se neste caso de duas maneiras: a aceitação passiva de uma dependência *(integrative)* — da dependência máxima da condição humana; e a oposição voluntária, a afirmação de autonomia *(self-assertive)* quem sem recusar a anterior *(prende a ponta da corrente*, etc.) a supera pela acção *(vou morder e pisar*, etc.).

A revolta vaga e inconsciente contra a condição (?) de Holon (futura), é já também um reconhecimento da sua actualidade. Encantamento (da nossa parte), repulsa (do pai Ubu), serão caminhos divergentes que partem da tomada de consciência, ou simplesmente face e reverso da mesma subjectividade (ver nos dicionários filosóficos «inconsciente colectivo», C. G. Jung, etc.)? Não nos parece possível encontrar resposta para esta interrogação capital no plano da razão. Vamos tentar o das analogias automáticas.

O PRIVILÉGIO DOS ESCRAVOS

Reservada na Antiguidade aos escravos e aos estrangeiros, a tortura foi ganhando terreno com o decorrer dos tempos: os homens livres suspeitos de crime deixaram de se encontrar ao abrigo. Em

Comédia de um homem só

por Vergílio Ferreira

III — AS QUESTÕES (a)

Eis porque é tocantemente divertido o gracejo do nosso homem a propósito do meu «equilíbrio anterior». Aliás, e como já sugeri, de todos os estruturalistas o que lhe é mais suspeito julgo ser Michel Foucault — precisamente *aquele de que me ocupava*. Isto quer dizer talvez alguma coisa -- e não será pois por acaso que *Les mots et les choses* é de longe a obra estruturalista que mais pessoalmente me importou. Mas porque é que foi justamente esta obra que centrou todas as atenções? Uma razão de belo gáudio para o desembaraçado articulista foi que eu cometesse a «proeza» de escrever dezenas de páginas sem sequer aludir á básica distinção entre «ciência» e «ideologia»; mas logo depois, por uma traição do seu alvoroço, descai-se em rósea infantilidade ao dizer *que não era isso que interessava a Foucault*. Ora como não era isso que interessava a Foucault e era de Foucault que eu falava, eu devia ter falado daquilo de que não falava nem interessava a Foucault. Isto é claro e inteligente. E no entanto, foi pena que o nosso inquisidor não tivesse insistido em reflectir no desinteresse de Foucault sobre tal distinção. Porque bastava reler o respectivo capitulo para concluir não haver afinal para tal autor uma distinção drástica a fazer entre precisamente a ciência (de que se ocupou) e a ideologia (de que não).

As ciências humanas para Foucault não existem, porque o homem é uma ficção. Assim, elas procuram constituir-se através de «modelos», entre os quais o da economia. Mas como tais modelos se incluem na *episteme* moderna, eles são exigidos pelo Sistema, não significando portanto nada de privilegiado fora dele.

Eis porque a razão fundamental de não aludir á famosa distinção é que para as ciências humanas, pelo menos (que são as que de facto me importam) — se isto não irrita muito o nosso estruturalista — eu não consigo demarcar verdadeiros limites. E eis que, apesar do que referi, Eduardo Prado Coelho sorriu. Porque eu não só ignorava ontem que existissem as «ciências humanas», como ignoro agora a drástica medida secativa a que foram sujeitas — e que deviam pôr em causa Foucault. Que o rispido jovem racione a sua cólera, porque há mais quem precise. É que ás ciências humanas E. P. C. surripiou o «humano». Assim lhes cortou os víveres, secando-as de inanição — e o «humano» é agora um excesso como a «pedra» na excelente e conhecida «sopa de pedra». Há relações, há produção. Mas o agente de tudo isso é um abstracto boneco de lata. Considerando, porém, as ciências humanas com o «humano» lá dentro, como outros atrasados da minha estirpe persistem em considerar (entre eles Piaget que recentemente protestou contra o carácter «passivo» do Estruturalismo) digamos sobre elas duas coisas; e considerando a ciência como ele a quer, segundo os moldes que lhe receitaram, digamo-las daqui a pouco.

Como as ciências humanas, para ambicionarem ser ciências, têm de resolver o problema de uma coincidncia total entre o sujeito e o objecto — e desde um Wundt e particularmente num Dithey se separaram das da natureza — um Goldmann esfalfa-se a tentar resolvê-lo. Mas nem toda a gente foi amável em acreditar. S. Doubrovsky, por exemplo, não se deu por convencido e em páginas brilhantes mostrou que nas ciências humanas, havendo apenas uma «identidade parcial entre o sujeito e o objecto da investigação», é isso infelizmente um mal irremediável. Do mesmo modo um J. M. Auzias acha que as ciências humanas «se tornavam importunas», por serem apenas «conjecturais», sendo pois postas em causa pelo estruturalismo, enquanto «só a linguística possa rivalizar com as ciências da natureza». Lucien Sebag, porém, mais malcriado, diz esta coisa grosseira por exemplo da História e é que não é «científica» (no sentido «forte» do termo, que é o que deveria importar ao nosso enérgico estruturalista se ele ainda se interessa pela História) porque entre a causa e o efeito se incluem mil factores determinantes que só um espírito supra-humano poderia conhecer. O que é um contratempo, porque esse espírito supra-humano já está definitivamente na posição horizontal.

Eis porque, se para Foucault há em cada época um Sistema inconsciente que orienta o sa-

Foucault

ber (e o fatalismo disso — como o de todo o Estruturalismo — o pus em relevo e um Lefebvre também, ao que E. P. Coelho *devia responder*), o qual saber varia por «saltos» de época para época (como para Derrida também) e se o Sistema não veio do céu, mas se gerou dentro do próprio homem, como garantir-se validade universal e *progressiva* á ciência? Como evitar que tudo se coordene dentro do Sistema, o que é ciência e o que é ideologia? Foucault evitou a questão das ciências «de rigor» como as Matemáticas, segundo a objecção de Amyot, a que E. Lourenço se refere. Mas não a evitou Spengler. Donde, pois, em Foucault, uma escamoteação pouco limpa, ou, concordando com Spengler, um «relativismo» que atinge as maiores evidências — de que as ciências humanas, com ou sem o «humano» lá dentro, estão a grande distância. Para o excelente E. P. Coelho, o Estruturalismo é uma «ciência» — e por isso é que ele quis chamar-me á pedra. Mas além do sujectivismo acentuado por uma colaboradora de *L'Esprit* (e a que fiz referência) para o estruturalismo de Lévi-Strauss, e que altaneiramente E. P. C. passou em salvo, um Lucien Seve, já referido, e que também acentua no Estruturalismo a *rejeição historicista* da História «como progresso contínuo» — como a proclama Derrida! — afirma categóricamente a formação de uma *«ideologia estruturalista»* que apregoa o «fim da razão dialéctica e humanista». Porque é que o nosso homem, em vez de perder tempo comigo não propõe a Lucien Seve uma conferência a alto nível? Ele não perderia tempo com a secura da minha ignorância; e eu não me ralaria tanto com a sua maníaca doutorice. A mesma ideia, aliás, a encontramos em Jean Pouillon quando nos diz, a propósito de Lévi-Strauss, que a situação do observador «determina a sua compreensão do observado» compreensão essa que, «por mais puramente etnográfica que se pretenda, nem por isso deixa de ser um dos múltiplos factores que fazem pressão sobre a sociedade estudada para a integrar, mesmo negativamente, num universo comum». A mesma ideia a encontramos também num H. Lefebvre quando nos fala da «ideologia reinante: o feiticismo da coerência, da forma e da estrutura», ou quando, talvez mais drásticamente, nos diz que «o dogmatismo da estrutura(...) vai dar a um idealismo assaz espantoso». De tudo isto, como é óbvio, o nosso estruturalista jamais nos disse palavra. É todavia absolutamente necessário que faça um esforço e que *pense*. Mas afinal, que edificante ciência é essa de Lévi-Strauss? Porque ele diz coisas temerosas como estas: «não há razão para pormos em dúvida a eficácia de certas práticas mágicas» — e dá exemplos divertidos; «não há razão para duvidarmos de que os feiticeiros, ou pelo menos alguns deles mais sinceros, não acreditem na sua missão», sendo tal crença fundada «na experiência de estados específicos»; «nada se parece mais com o pensamento mítico do que a ideologia política» — com que razoávelmente concordo, mas que retirará ao nosso homem algumas razões para me maçar. E que dizer do que ele pensa da História? Porque basta que ela se afaste «para deixar de ser interiorizável e perca a sua inteligibilidade, ilusão que se liga a uma interioridade provisória. Mas que nos não obriguem a dizer que o homem pode (...) desprender-se dessa interioridade». E se isto não basta, é ler toda a surra que ele aplica a Sartre (cuja *Dialéctica* lhe é apenas um elemento para o estudo da «mitologia do nosso tempo») em que há coisas inconvenientes como estas: «cada facto histórico é só em hipótese o que «realmente» se passou e recobre (...) uma multidão de movimentos psíquicos e individuais» e assim é o historiador «que o constitui por abstracção» de modo que a História «não é jamais História, mas História para». Acossado decerto pelos escandalizados do lado de lá, bem quis Lévi-Strauss safar-se: no posfácio a *Race et Histoire*, Jean

Nancy, uma vez e sempre

O Festival de Nancy tem para o publico universitário, e, inclusivamente, para o português que nele já se fez representar, uma ressonancia especial. Este ano, porém, o estatuto foi alterado. Em vez de ir recrutar exclusivamente agrupamentos de teatro escolar, o 6.º Festival de Nancy alargou-se a todas as companhias de jovens, estudantes ou não, e aumentou os locais de exibição. Durante dez dias consecutivos, das 5 da tarde ás 2 da manhã, representou-se em todas as línguas e em todos os locais onde um palco pôde ser montado: anfiteatros, cinemas, cafés-teatros, ginásios...

Vinte companhias do continente americano e grupos dramáticos dos diversos quadrantes da Europa deram a milhares de espectadores as diversas cores do gesto e da voz.

Silêncio, imobilidade, espectros da acusação — eis os actores da companhia nova-iorquina «Bread and Puppet Theter» que apresentaram *Fire*, uma das peças mais aplaudidas do festival. Peter Schuman, o grande do agrupamento com as suas marionetas e as suas máscaras gigantes (no estilo dos «cabeçudos» das nossas feiras nortenhas) veio das ruas de Manhattan, trouxe de lá essa experiência de teatro ao ar livre para deslumbrar a população e os visitantes de Nancy. Por seu turno, o Brasil enviou o Teatro Oficina, de São Paulo, com uma peça de Osvaldo de Andrade e é curioso assinalar que o acolhimento que lhe foi dispensado provém em larga medida do triunfo anterior obtido naquele mesmo recinto pela *Vida e Morte de Severina*.

Nancy: festival para o Bread & Puppet Theatre

Por seu turno, o «Studio de Amsterdão» trouxe duas peças dum autor de 28 anos, Lodewijk de Boer, cujo texto é enriquecido por uma partitura musical da autoria do próprio dramaturgo. Recurso ás técnicas cinematográficas e estereofonia aplicada são os princípios em que assentam cinematográficamente as duas peças apresentadas — *Darts* (Os Dardos) e *O Sínodo dos Mortos*.

Compreensivelmente em tão vasta e variada concorrência, Nancy, babel do teatro jovem, é um caleidoscópio em que os estilos mais polarmente diferenciados tomam em princípio as galas da publicidade. As três companhias mais em foco usufruíram dessa condição, mas outras, para além da brasileira, da norte-americana e da hólandesa, começam, passado o primeiro impacto, a ser analizadas com particular atenção. Talvez — quem sabe? — esteja nelas o troféu do Festival...

principio, os magistrados e os padres estavam dispensados da tortura, bem como um certo número de pessoas, entre as quais figuram: as mulheres grávidas ou menstruadas, as amas e as crianças; os decrépitos, os maniacos, os loucos e os melancólicos; os surdos-mudos e os epilépticos. O bom médico Teichmeyer, que exercia por volta do ano 1720, juntava a esta lista todas as pessoas apresentando sinais de feridas antigas, de fracturas, de úlceras, de escrófulas e de obesidade. (Roland Villeneuve, *Le musée des suplices*, Editions Azur, Paris, 1968).

O ambiguo mistério do suplicio, a sua duplicidade de atracção — as massas apreciam sempre os sacrifícios humanos em honra dos deuses, dos reis ou dos príncipes (obra citada, pág. 17) — e de repulsa? — ocorreu-nos ao meditar sobre o estranho comportamento do pai Ubu, o qual por sua vez nos ocorreu como ilustração da pré-existência do conceito de «Holon» antes da sua definição pelo Sr. Koestler. É a este conceito que va-

(Continua na página 6)

Pouillon, que é insuspeito, não lhe dá a absolvição. (Aliás, um Althusser também se não entusiasma muito com ele — e é ver *Lire le Capital*, II, pp. 155 e segs. E que nos diz H. Lefebvre sobre o mesmo Lévi-Strauss? Pois diz-nos que «desde o começo da sua carreira cientifica ele conduziu o ataque simultâneo contra a noção marxista de História e contra a História como ciência» — como pode ler-se em *Position: contre les technocrates*, p. 74).

Mas foi porque em Foucault se admitiu que a ciência tinha pés de barro, que A. Badiou o acusou de se ocupar de «pseudo-ciências» e não da Ciência, com maiuscula, que naturalmente era a dele. E no entanto, esta mesma se perturba em face da negregada «ideologia». Como num pobre canceroso, é muito difícil praticar o «corte epistemológico» para separar a carne sã e «cientifica» da suspeita e «ideológica». Porque é a «ideologia» que indica á «ciência» o seu objecto, lhe é necessária, ela está longe, para um Althusser (ver *Pour Marx*, p. 239) de ser um opróbrio a rejeitar com o desdém que tem por ela o cientifico jansenista E. P. C., ela é o modo prático, efectivo de a ciência se revelar. É preciso ler Althusser para se ver como a ideologia, como uma praga, se insinua ou invade de um modo avassalador quase todo o viver e pensar. Que se passa então com a grande Filosofia implicada na Ciência, a Teoria com maiuscula que se identifica com o Materialismo Dialéctico? O que se passa é isto: segundo Badiou, no artigo em causa (e que eu já citara a propósito de *Blow-Up*) «o Materialismo Dialéctico arrisca-se a ser muito simplesmente a ideologia de que o Materialismo Histórico tem necessidade». E é isto. Como sair do jogo da cabra-cega? E será necessário frisar o que há de pessoal na interpretação de Marx como de uma Bíblia? Eis dois Marx á escolha de quem quiser: um, o da *Santa Família* diz que «a História não faz nada, não possui grandes riquezas nem trava batalhas. Bem ao contrário é o homem, o homem real e vivo que faz tudo, que possui e que combate (...) A própria

Lacan

História não é nada senão a actividade dos homens perseguindo os seus fins» — e quanto a mim, prefiro este; outro, o do Prefácio á 1.ª ed. alemã de *O Capital* diz que «o meu ponto de vista, segundo o qual *o desenvolvimento da formação económica da sociedade é assimilável á marcha da natureza e á sua história*, pode menos que qualquer outro tornar o indivíduo responsável das relações de que ele é socialmente a pessoa, faça ele o que fizer para disso se libertar» — e este não me entusiasma tanto. Por sobre tudo, porém, é irresistivel perguntarmo-nos porquê a inclusão nas «ciências humanas» — se existem — de uma ciência onde o «homem» não existe. Replicar-me-á P. Coelho, o douto, que tal «homem» está lá. Talvez. Mas não mais do que, por exemplo, no domínio da fisiologia. De qualquer modo, porém, haverá conveniência em distinguir nas «ciências humanas» aquelas em que o «homem» está lá dentro, a *agir*, daquelas em que está cá fora, a *assistir*. Porque é cá fora que ele está, mesmo que o digamos lá dentro. Eis a razão fundamental, suponho, por que o Materialismo Dialéctico não tem só um padre para o pregar. Porque é que eu hei-de ir á capela de Althusser e não por exemplo á de um Goldmann? Entremos para ouvir — e eis que o ouvimos: a razão não basta em domínio algum, mesmo no da «investigação cientifica»; de um ponto-limite, «toda a filosofia é uma antropologia» (e não esqueçamos como ele ficou a transpirar com as «ciências humanas»); o marxismo é uma «fé»; o *credo ut intelligam* é o «fundamento» do próprio marxismo; o marxismo é uma «religião sem Deus». (Muito bem. Mas e se a gente já estiver desabituado de ir á missa?) Não discutimos a verdade ou erro de tais afirmações (há mais em *(Le Dieu Caché)*; queremos apenas frisar que não é um sujeito qualquer que de breviário na mão tem o direito de nos vir maçar. Eis porque rasamente para o já citado Doubrovsky, crítica ou «filosofia», sem excepção portanto para qualquer uma, mesmo aquela que segundo Althusser, Marx fez passar do estado ideológico ao cientifico, «fazem parte, explicita ou implicitamente da ideologia segregada por cada época». Mas acaso o bom do P. Coelho estará convencido de que pelos séculos dos séculos a humanidade (pode dizer-se «humanidade»?) vai ficar a papaguear o seu Estruturalismo ou qualquer outra «ciência» da sua escolha? Estará ele convencido de que os que vão por outras cartilhas são por força ignorantes ou imbecis?

Mas que pensa afinal sobre o assunto o nosso prodigioso P. Coelho? Pois pensa que Barthes reflectiu «com lucidez», ao declarar que toda a «escrita» (não sei se concebida como vulgarmente se concebe, se de outro modo qualquer, o que pouco adianta) tem uma conotação ideológica, seja marxista ou existencialista, dado que «nenhuma linguagem é inocente» *(Comércio do Porto*, 27-6-67). O que perfeitamente admitimos, mas dá uma linda salada. É uma salada que se avinagra até ao asco em declarações recentes de E. P. C., a propósito de certo escrito seu sobre o Belo — e em que a «verdade» de Heidegger se dá como variante do «realismo» dele, articulista! (Mas estará ele nos seus cinco sentidos? Faria ele ideia da gravidade do que diz em nome do seu neo-realismo? Imaginará ele, o leviano, como fica atascado até ao pescoço em Heidegger com tão peregrina afirmação?) Apertado por um seu contraditor que lhe demonstrou, pelas próprias regras dele, o que havia de «ideológico» no seu «realismo», que o chefe de fila queria «cientifico», Eduardo Prado Coelho, habituado á laranjinha sem pesos na consciência, confessa tranquilamente que passou o «realismo» de contrabando, por ser essa «a unica atitude correcta, *pelo menos entre nós*». Ora não é bem assim. Embora abundem

C. Levy-Strauss

de facto entre nós, e prosperem, os contos do vigário, eles ainda fazem de vez em quando as suas estadias no Limoeiro. Explicar-lhe eu, pois, a diferença entre «ciência» e «ideologia»? A ele que as confunde descaradamente? Explique-no-la ele a nós e tire disso *radicalmente* todas as conclusões — sem recelo de contratempos.

Regressando porém a Foucault (que é um pesadelo para o meu despachado antagonista), que o seu projecto tenha pois sido outro que não o da famosa distinção, é deplorável de um ponto de vista para o qual tal distinção é necessária — como tem de ser o do aguerrido pedagogo. Mas esse Foucault é um desmancha-prazeres. Queríamo-lo não heideggeriano, e é heideggeriano; queríamo-lo «cientifico» e só se entende com «pseudo-ciências»; queríamo-lo «racionalista» e só se entende com o «inexplicável»; queríamo-lo «materialista» e prega uma partida a Lénine; queríamo-lo marxista, e arranjou um belo sarilho com afirmações inconvenientes. Um José Luís L. Aranguren, aliás, rasamente classifica a sua doutrina como uma «metafísica neocientista e estruturalmente determinística» *(El Marxismo como moral)*.

Há vários estruturalismos — corrige-nos o rabujento inquisidor. Muito bem. Mas então se nem sequer moram na mesma rua, para que os dizemos vizinhos? Se o Estruturalismo não é *uma* doutrina, não se percebe porque se lhes dá o mesmo rótulo, a não ser por economia de tinta. Não. O que se passa é mais simples. O que se passa é que o bom do P. Coelho não teve tempo ainda de tomar nota de que só há «divergência» *porque* há «convergência».

Além de que era de sua estrita obrigação dizer-nos em que «divergem» os vários estruturalistas para sabermos enfim com quem podemos acompanhar.

Ora uma grave afirmação de Foucault era essa em que reduzia Marx a um lugar discreto no séc. XIX. Tal sua afirmação, julgada escandalosa, deve-lhe ter trazido muita

(Continua na página 6)

Festival do Livro Português e Feira Internacional do Livro

— O MOVIMENTO de vendas na Feira do Livro terá reflexos positivos na actividade das livrarias — declarou-nos o editor Francisco Lyon de Castro, a propósito da inauguração do certame.

— A política rigorosa de não se concederem os abusivos descontos ao balcão que reflexos teve no movimento de vendas?

— Inicialmente, essa decisão, que já devia ter sido tomada há muito tempo, prejudicou as vendas. O público, porém, foi-se habituando e hoje a situação pode considerar-se estável. A prática dos descontos afectava grandemente a situação económica dos estabelecimentos livreiros, que chegaram ao ponto de terem de reconhecer a necessidade de impor medidas rígidas em relação a essa prática.

— Acusa-se a Feira de abuso de rotina, de falta de dinamismo. Qual é a sua opinião?

— Estou inteiramente de acordo com o fundo da pergunta. Há muito tempo que a Feira do Livro não tem a necessária renovação. É verdade que de ano para ano se acentua uma melhoria técnica: pavilhões mais adequados e progresso nas técnicas de venda. Não se verificam, todavia, realizações marginais que deveriam caracterizar o certame. A Feira é apenas um lugar onde se colocam livros á venda.

— Considera que a Avenida da Liberdade é o melhor local para a realização da Feira?

— Nos moldes actuais, parece-me que sim. De facto seria difícil encontrar um sítio que permitisse melhor movimentação de público e maior disponibilidade de espaço. Há ainda que ter em conta o facto de as pessoas se terem já habituado a ver o certame na Avenida.

OS EDITORES PORTUGUESES CORRERÃO RISCOS

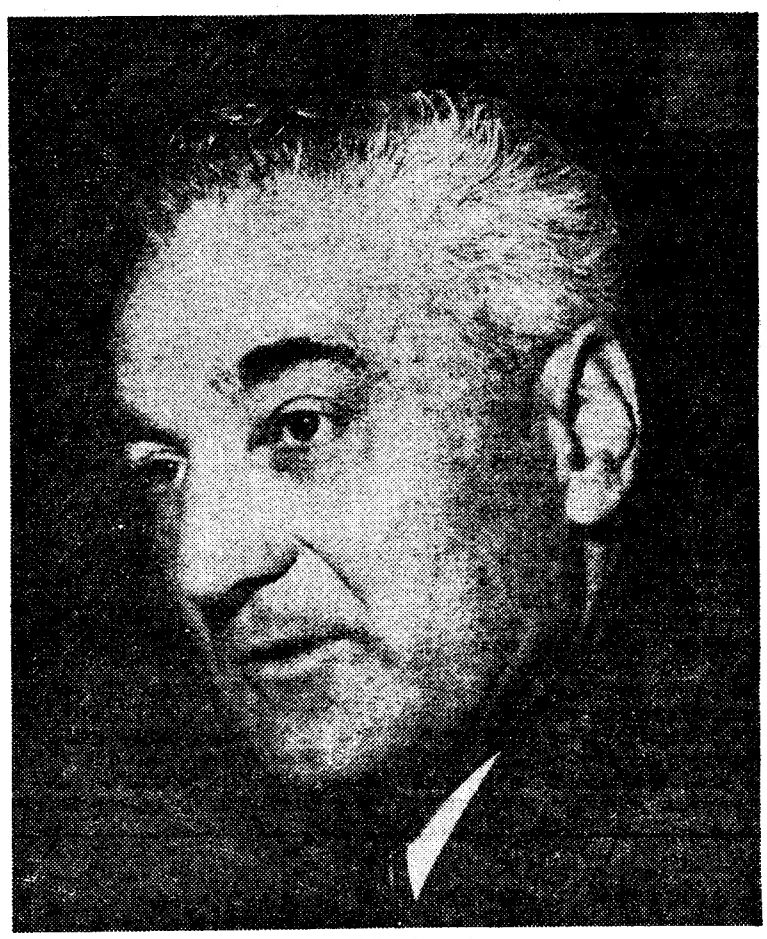
— Na Feira deste ano — prosseguiu Francisco Lyon de Castro — estão representados sessenta editores, alguns deles com mais de um pavilhão. Há quatro anos ainda, o certame contava com a participação de quarenta e poucas casas editoras. Este progresso é, com certeza, devido a dois importantes factores: por um lado, o aumento do público leitor (duas ou três vezes maior que o de há dez anos); por outro lado, a actualização da produção editorial das empresas mais activas. Actualmente os editores estão mais actualizados e mais atentos ás necessidades de informação do público. Basta citar, por exemplo, o facto de livros editados em países que estão na vanguarda da produção livreira serem, quase ao mesmo tempo, publicados em Portugal.

— O aumento do público leitor, a que se referiu, é devido fundamentalmente ao crescente interesse da juventude pela leitura, não lhe parece?

— A juventude é uma clientela importantíssima da nova produção editorial. É a sua sede de esclarecimento que determina a importância crescentemente assumida pela literatura de informação, ensaios sobre problemas actuais, livros científicos, filosóficos e técnicos. Observa-se uma nítida regressão na procura de romance e literatura ficcionista. Este fenómeno, que não é novo (pode dizer-se que começou no pós-guerra) atingiu agora a maior intensidade. Os editores estão a tentar acompanhá-lo (tanto quanto o podem fazer) com a consciência de que a juventude pesa extraordinàriamente na venda do livro em Portugal.

Ainda acerca da actividade editorial e da necessidade de modernização de processos, que de, ano para ano, se acentua, Francisco Lyon de Castro declarou:

— Há, infelizmente, editores à criação de fundos e à escala que não adquiriram, ainda, perfeita consciência do rumo que a actividade editorial está a tomar em toda a parte. Nos principais países há tendência para a especialização, por um lado, e a concentração e mobilização de recursos, por outro. As pequenas casas editoras não podem entrar na concorrência que esta nova orientação impõe ou provoca. As editoras tornam-se cada vez mais grandes empresas e o editor é um comerciante que tem de estar atento aos problemas económicos do mundo moderno. Outro fenómeno que está a caracterizar a vida editorial nos principais países é a transferência das empresas do plano nacional para o plano internacional, isto no que respeita em que os livros são produzidos. Se os editores portugueses não estiverem preparados para a concorrência que lhes vai ser imposta por grandes casas estrangeiras que podem editar livros em português, no Brasil, por exemplo, parte delas não poderá subsistir.



Lyon de Castro

«ENCONTROS» COMO EM GENEBRA

— Referiu-se, há pouco, á Feira do Livro, como uma realização exclusivamente comercial, e afirmou que ela se devia caracterizar por uma actividade de âmbito mais vasto. Que pensa acerca da possibilidade de organizar a Feira num recinto fechado, com atracções e manifestações tais como um festival musical, um calendário cinematográfico de obras inspiradas a livros de nome, exposições, nomeadamente de artes gráficas, «stands» publicitários de indústrias relacionadas com o livro, etc.?

— A ideia parece-me excelente, e, em certa medida, coincide com uma outra que eu tive e para cuja efectivação dei alguns passos. Eu penso que a Feira do Livro, tal como se apresenta, deve subsistir, porque satisfaz necessidades de venda. Entretanto, poder-se-ia organizar um Festival do Livro português, este sim, em recinto fechado, que constituísse uma apresentação anual das actividades dos editores relativas a um período de dois ou três anos. No âmbito do festival, e no intuito de estreitar as relações entre autores e público, organizar-se-iam palestras, colóquios, sessões de autógrafos, recitais de poesia, com a participação de artistas de teatro e outras manifestações de carácter cultural e recreativo, como as que citou. Poder-se-ia pensar, também, na realização de encontros de escritores no género dos que anualmente se efectuam em Genebra. Haveria um tema de discussão e as comunicações seriam publicadas em livro. Criar-se-iam também dois prémios literários diferentes. O festival teria essencialmente uma função de propaganda do livro. Parte do produto das vendas (sem desconto) reverteria a favor dos referidos prémios literários e artísticos.

— Que passos já deu para a efectivação dessa iniciativa?

— Já falei no assunto à direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes, cujo edifício, reune as indispensáveis condições para o efeito.

A ideia agradou à direcção, que está disposta a dar-lhe o seu apoio. O festival dever-se-ia realizar em época diferente daquela em que se efectua a Feira do Livro: nos meses de Outubro ou Novembro. O seu período de duração seria de três ou quatro dias.

Além da iniciativa do Festival do Livro, susceptível de alterar profundamente a vida do nosso meio editorial, pelo seu estilo e pelo alcance que possui, o editor dinâmico que é Francisco Lyon de Castro tem uma outra ideia, não menos arrojada: uma Feira Internacional do Livro, em Lisboa.

— Há muitos anos que defendo em reuniões no estrangeiro — declarou — a realização em Portugal de uma Feira Internacional do Livro, concebida em moldes idênticos aos da Feira de Frankfort e que permitisse a apresentação das principais produções das línguas mais divulgadas em Portugal: o francês, o inglês, o espanhol, o italiano e, naturalmente, o português. Para este certame seria ideal o recinto da Feira das Industrias. O presidente da União Internacional dos Editores, Storer Lunt, com o qual já troquei impressões acerca deste assunto, apoia inteiramente a ideia e considera que Lisboa reune condições excepcionais para o efeito. Estou convencido de que tal iniciativa, a realizar fora do período da Feira do Livro e do Festival do Livro, teria os melhores reflexos na produção editorial portuguesa.

Comédia de um homem só

(Continuação da página central)

insónia. De modo que teve de fazer uma autocrítica. Que faz o nosso homem belicoso? Ripostа-me com tal autocrítica — que eu, aliás, já conhecia — sem reparar que se ela existiu (posteriormente como é de ver, ao meu escrito) foi só porque a sua afirmação *não podia ser interpretada senão como foi por mim*. E eis porque Pierre Daix o condena no texto e lhe dá a absolvição na nota. Mas que nos diz Foucault na sua palinódia? Pois diz-nos que os conhecimentos de que fala os encara «fora de todo o critério que se refira ao seu valor universal» — sendo esse valor que justamente deveria interessar; e que procura determinar o seu fundamento, o campo «epistemológico» — que é exactamente o metafísico Sistema sem explicação. Quanto á autocrítica de Foucault a propósito de Marx, o que nos diz é que Marx não escapa ao seu tempo nas análises económicas; mas que pode supor-se (supor-se...) que Marx introduziu na consciência histórica e política dos homens um corte radical, estendendo-se essa radicalidade á teoria marxista da sociedade. Ora nas análises económicas é que para Althusser ele constitui a «ciência»; e o domínio político — entre outros — é que é o domínio da «ideologia». O que é uma pena. Eis porque Foucault acentua vivamente o que o separa de Althusser. Entre um e outro, com efeito, há «uma diferença evidente: ele emprega a expressão *corte epistemológico* (sublinho) a propósito de Marx (e Foucault afirma) inversamente que Marx não representa um corte epistemológico». É pequena a diferença? Mas é quase tudo... Assim pois, tudo isto é muito problemático. Foucault promete-nos um livro de resposta a todas as objecções.

O melhor será pois aguardar, para depois nos entendermos. A justificação de Foucault é intrigante. Se ele pesquisou num domínio que pretendia mais rigoroso e neutral que *a própria Filosofia*, era de *Ciência* que de facto se ocupava. E então caímos nisto: ou tal ciência é puramente epocal, sem progresso, determinada pelo inconsciente e metafísico Sistema — e nesse caso o livro dele está certo e a Ciência tem o rigor de uma qualquer ideologia (que é, aliás, também «inconsciente» segundo Althusser); ou a Ciência progride, é de facto rigorosa, não está sujeita aos acidentes epocais — e nesse caso ela é exacta e o livro de Foucault tem o interesse de um livro de anedotas. Esperemos portanto que ele se justifique e não nos antecipemos. A menos que E. P. Coelho já saiba o que ele vai dizer. E que no-lo comunique.

VERGÍLIO FERREIRA

A seguir:
III — AS QUESTÕES (b) seguidas de um
IV EPÍLOGO

«Hollons»

(Continuação da página central)

mos regressar após estas digressões pelos domínios oferecidos à nossa atenção pelo acaso das livres evocações, tendo sempre em atenção as reservas do bom médico Teichmeyer quanto à extensão dos domínios da tortura (ex.: obesos).

HOLONOLOGIA

A *Árvore da Ciência*, após o grave acidente que nos deu origem, não parou de crescer e de ramificar-se. O tempo em que os sábios eram em número de 7 na Grécia (e poucos mais haveria no resto do Mundo), já lá vai. O seu número hoje é ilimitado, ou pelo menos indeterminado.

Não nos parece, nestas condições, impossível, que o aliciante conceito de Holon, além de desencadear o desenvolvimento da psicanálise vocabular, venha ainda a constituir um ramo distinto de conhecimento a que chamaremos provisòriamente Holonologia.

A nossa esperança na Holonologia consiste neste facto: admitimos — ainda que nos fosse impossível fundamentar esta hipótese em termos científicos — que a Holonologia virá a permitir, mediante a auscultação de sintomas, prever a ocorrência de massacres e suplícios, como hoje se prevêem na medicina, em casos de etiologia conhecida, certas diarreias, tromboses, caquexias, etc. Admitimos também que como *unidades correntes* viremos a encontrar nas nossas reacções de repulsa ou encantamento perante as doenças do *organismo* mais geral ao qual pertencemos como *partes simultâneas e concomitantemente autónomas (self-assertive) e dependentes (integrative)*, uma verdadeira identidade; identidade que se exprime hoje, no plano do nosso comportamento, por uma incapacidade de escolha deliberada entre as situações de carrasco e de vítima.

JÚLIO MOREIRA

O que nos é...

(Continuação da página 9)

que escaninhos secretos) o *Elói* de João Gaspar Simões — um *Elói* que fosse romance *sem* cabeça (e não *numa* cabeça, como pretendeu ser) —, ora antecipa a *Invenção dos Dias* de José Gomes Ferreira — uma *Invenção dos Dias* que não sei ainda o que será, mas que não poderá ser nunca a *anulação significante* que esta é —, ora nos põe em incessante confronto com *o que nos é:* na política, na literatura, na música, na arte, no amor. Tudo isso (e lá já a esquecerme o *Voo sem Pássaro dentro* de Adolfo Casais Monteiro) reamalgamado por uma ironia subtilíssima que qualifica o inefável e faz do pó dos caminhos um *in memoriam* em que fundo e forma se *têm* com indizível harmonia. «Quinteto *ex-aequo*» — *chamaria* eu, paradoxalmente, á música que lhe ouvi.

Lendo-o, algo me perpassou também na memória de Alda-Aida de Vergílio Ferreira. Mas uma Alda-Aida emancipada, que usa o telefone como máscara de comédia, — para com ele tecer o fio inexorável dum destino: «Nunca deixo de pensar: era-me impossível viver com outro homem, impossível, impossível... Infantil, não é? Porque seria possível...». A escola do *fingir é conhecer-se*, que a todos nos marcou, faz da vida íntima uma porta aberta a que se simula bater para enfim dizermos: não está ninguém em casa. É Maria dos Remédios — a Alda-Aida dum passado-presente — quem (supostamente) mais arrisca e ousa, aventurando-se a destruir o que aventurosamente criou. E quem mais pertinentemente comenta: «é espantoso que seja muito mais cómodo ser infeliz do que feliz».

Essa atenção ao que há de positividade futurante na mulher de hoje é uma das forças mais poderosas da obra de Abelaira. E é ela que faz do próprio bolor um amanhã. Entre a vida encarada como drama e a que o «mundo esvasiado pelo hábito» artificializa, a Itália recomparece como símbolo, agora circunscrito a Pisa — a da Torre inclinada mas estável e a do Pisanello do fresco de Verona, cuja ausência de lógica pictural «é uma acumulação inorganizada de coisas, o quarto mal arrumado de quem tinha muito que dizer mas era incapaz de o dizer com princípio, meio e fim. E o que daí resultou! Dessa incapacidade nasceu a poesia do todo!». As verdades fulminantes têm sempre porta-voz feminino (real ou suposto), como na pág. 165. Mas é isto, também, uma «auto-ironia corrosiva» que imobiliza o filme (como Antonioni) num grande-plano abstracto, para melhor dizer, q u a n d o o pingue-pongue se «ouve»: *eppure si muove*». «Às vezes olho para o mundo — diz uma das mulheres á outra (ou é suposta a dizê-lo) — como se o mundo permanecese imóvel, não te sucede o mesmo? Sei que não... Sei que na minha adolescência escrevia com caneta de tinta permanente e não com esferográfica, lembro-me até do dia em que pela primeira vez vi uma esferográfica.»

A ubiquidade pela qual o ente busca o ser, subsumindo-se como sujeito, e tende ao «adultério», até com a própria mulher (como á pág. 130), não é equiparável a nenhum *nós*, pois *nós* seria também sujeito e (ainda não o é, ou é-o tão evasivo e elástico que em *flatus vocis* se torna. Todavia, isso é um entre-parêntesis consentido, apenas: «Aquilo em que acreditamos está em crise de aburguesamento, não é? Argumento precioso para não fazermos nada... Nós a esfregarmos as mãos com a crise, porque ela nos dispensa de fazer seja o que for, nos obriga a aguardar... Viva a crise!». O verdadeiro real não está nas palavras que intentam substituir os olhos, o nariz, os ouvidos, os sentidos — e apenas os significam. Não se chega á ubiquidade ou ao niroana só porque se pode mimar que «os nossos diálogos gozam da propriedade comutativa, são intermutáveis, se onde está *eu* (puder) estar indiferentemente *ele*». E isso porque a verdade é a matéria. verdade tão indestronável que até um paradoxo a revela: «As palavras, as trocas de palavras, são menos pecadoras — (ah, a noção de pecado!) — do que os gestos, os afagos? Não acredites... Não são inocentes, e se há crime nos gestos também o há nas palavras: elas são o substituto dos gestos». Eis assim que todo esse mimo é evasivo dum dilema básico: «Em que espécie de outro homem deveria eu transformar-me para que os anos seguintes não fossem a simples continuação dos anos anteriores?». Mas é, do mesmo passo, amplificador dele, não como *blow-up* abstracção e inerte: como estructura que perturba... e remexe! «Que farias tu de ti, desse homem novo? Para que serviria ele?» — pergunta Maria dos Remédios. E eis que um novo personagem aparece, *no meu exemplar*, — o que corrigiu a ultima frase, pela mão de Abelaira, tornando-a assim: «Para que *te* serviria ele?». Eis aí o pequeno «eu» que algo pode: emendar uma errata, por exemplo; ou escrever um grande romance, como este é. Romance que me perturbou profundamente, como é próprio da grande arte, e que só a reflexão englobante logrou aplacar. Para fazer o que faz a *Guernica*, ou seja mostrar que «até de um bombardeamento horrível se pode extrair beleza» que, ao fim e ao cabo, «não inquieta ninguém»?

FAÇO a biópsia e, entretanto, penso (finalmente me lembro): é o maior romance dos ultimos tempos. Porque pensaria eu em tal coisa (com biópsia ou não) se a arte fosse inutil? Queiram-no ou não, esta página «115» é minha.

MÁRIO SACRAMENTO

Sociologia

Um jovem e reputado sociólogo italiano, Umberto Melotti, acaba de publicar *Sociologia da Fome* (ed. Casa Editrice La Culturale, Milão) que se segue a *Fome e Sottosviluppo*, o «best seller» que chamou a atenção dos especialistas para este investigador.

Na *Sociologia della Fame* (título original do volume) Melotti, depois de analisar as formas específicas da carência, traça um largo e objectivo panorama do Terceiro Mundo equacionando o problema no conjunto das estruturas socio-económicas.

«O tratamento desigual que actualmente se pratica na distribuição internacional das receitas é uma ameaça à paz», escreve o sociólogo. «Não é por acaso que todas as áreas de mais pesada tensão internacional se dispõem ao longo daquele imenso arco que divide em três continentes os países da abundância dos países da fome. Uma situação que atribui a dois terços da população da Terra apenas 15 por cento da receita mundial e que reserva a uma quarta parte da humanidade 75 por cento das receitas globais é, evidentemente. uma situação que põe em perigo a paz e que as belas palavras das assembleias internacionais não podem resolver.»

Publicados recentemente:

Elites in America

por *Seymor Lipset* e *Aldo Solari*

Dois sociólogos, um norte-americano e um uruguaio, desenvolvem uma documentada análise das elites em certas áreas das Américas. Os movimentos camponesinos, as «upper classes» religiosas e o industrialismo de vanguarda são pontos em foco destacados na obra.

— ed. Oxford University Press

Reflections on Latin-American Development

por *Roberto Oliveira Campos*
prefácio de *Benjamin Higgins*

O pan-americanismo e a «Aliança para o Progresso» estudado por um dos especialistas de maior audiência no governo do presidente Castelo Branco.

— ed. Austin & London.

Chebika

por *Jean Duvignaud*

As singularidades do terceiro mundo observadas num ensaio experimental realizado na Tunísia.

— ed. Gallimard

Les Fonctions Sociales du Sacré

por *Marcel Mauss*
prefácio de *Victor Karady*

O 1.º volume das obras completas de um mestre da sociologia francesa.

— Editions de Minuit

Boom Town in Angola

por *Bloom Murray Teigh*

Nova Lisboa em dez anos duplicou a sua população e, de entroncamento ferroviário, transformou-se num importante centro industrial africano.

— ed. The Geographical Magazine

Proust em Cinemascope

Uma superprodução literária como *A La Recherche du Temps Perdu* sugere fácilmente as tentações comerciais de uma extralonga metragem para larguíssimos serões intelectuais. A verdade porém é que tudo leva a crer que desta feita se trate de um empreendimento sério, já que da cinematização da obra de M a r c e l Proust se encarregou Nicole Stéphane.

Nicole Stéphane, reactualizadora dos grandes da literatura, foi — é bom não esquecer — a produtora de *Mourir á Madrid*, esse extraordinário documentário que hoje tem o seu lugar obrigatório nas filmatecas internacionais. Precisamente agora, ela está a terminar uma versão cinematográfica de *Phèdre*, de Racine, e não é demais transcrever (*Figaro*, 12 de Maio) uma sua opinião a este respeito p a r a que dela se avalie o escrupulo e o rigor das concepções que a orientam:

— Eu (e o realizador Pierre Jordan) respeitamos a obra de Racine com a maior fidelidade. Os resultados conseguidos são, creio bem, alguma coisa de novo no cinema. Isso talvez venha a marcar uma mudança, uma transição entre as concepções tradicionais do cinema e uma óptica do futuro.

O ministro André Malraux que teve ocasião de ver as primeiras sequências de *Phèdre* entusiasmou-se a tal ponto com o trabalho da equipa de Nicole Stéphane que lhe concedeu espontaneamente um subsídio equivalente a trezentos contos.

Proust tem portanto a sua oportunidade de recuperar o tempo perdido por uma vasta massa de publico que, finalmente, o irá admirar através de bom cinema.

Uma estreia significativa

— «MONTEDOR» foi o seu primeiro livro?

— Escreveu ou pensa escrever outro género além do romance?

— Está ao corrente da moderna literatura portuguesa?

— Tem a l g u m projecto a curto prazo?

Amsterdam, 26 de Março 68.

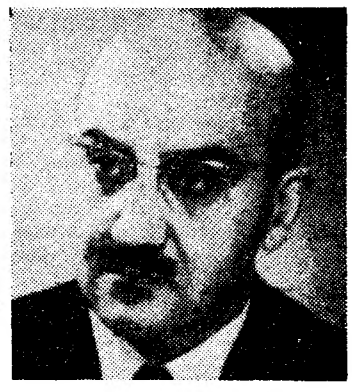
Resposta:

— «Montedor» foi o meu primeiro livro publicado. Antes dele três outros romances, que não foram mais do que exercícios, e que destruí, pois não tinham qualquer interesse.

— Contos. Alguns deles publicados num jornal transmontano, «A Torre», de Moncorvo. Tenho uma predilecção pelas histórias condensadas, talvez por preguiça, e creio que um dia tentarei fazer um volume com os contos que tenho escrito e que nunca publiquei.

— Estar ao corrente significa no meu caso, aqui de longe, conhecer as obras e não conhecer os autores pessoalmente. Tem as suas vantagens, na medida em que o juízo crítico não leva em conta simpatias ou antipatias Li algures a afirmação de que «melhor saúde literária que a nossa só a da Espanha». É a opinião de quem se satisfaz com pouco. A nossa literatura caracteriza-se, sobretudo, p e l o regionalismo, a falta de impacte, a mesma morna dos escritores perante os problemas prementes. Ao ler a maior parte deles tem-se a impressão que o mais importante nas suas obras é a acrobacia do estilo. Resulta daí que os «grandes» escritores portugueses contemporâneos só são «grandes» em Portugal.

— Termino neste momento um romance e uma peça de teatro, mas trabalho muito lentamente. As duzentas páginas de «Montedor» custaram-me nove anos. E gostaria de levar a cabo um livro já esboçado sobre a Holanda. Ramalho O r t i g ã o, conscientemente, só mostrou um lado da medalha, o que lhe interessava mostrar, e devido ao seu tremendo entusiasmo e talento deixou-nos com um capital de ideias feitas sobre os Países Baixos de que dificilmente nos libertamos. Por isso creio que tem algum interesse actualizar os nossos conhecimentos sobre um país que não é só queijo, flores e canais.



Rentes de Carvalho: *um nome a registar*

MORTE DE UM PRESIDENTE

por

WILLIAM MANCHESTER

A crónica do assassínio de John F. Kennedy e dos dias que o precederam e seguiram, numa poderosa narrativa elaborada sobre a mais impressionante documentação já reunida acerca de um crime político

COLECÇÃO DOCUMENTOS DE TODOS OS TEMPOS

VOLUME DE 696 PÁGINAS: 140$00

LIVRARIA BERTRAND

O Salão de Maio

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes estão em distribuição até ao dia 15 os boletins de inscrição para a Exposição de Maio.

É essa exposição, segundo o plano há tempos estabelecido, aberta a todos os artistas de quaisquer tendências estéticas de arte moderna.

Mário Sacramento:

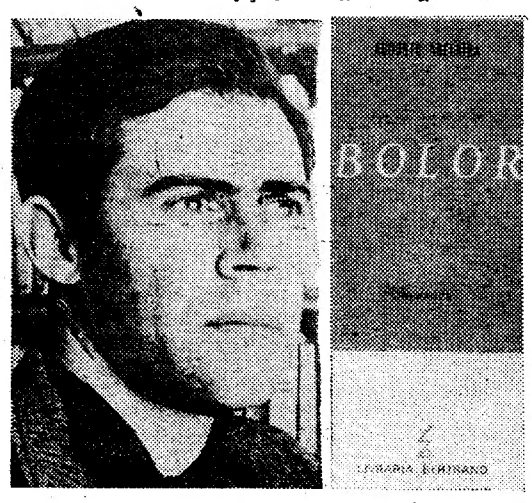
O que nos é...

FAÇO a biópsia e, entretanto, penso: é o maior romance deste trimestre, quem sabe se do ano. Meto os fragmentos no Bouin amarelo-raiva, faço seguir o frasquinho para o I. A. P. e digo ao paciente: *É benigno, não se amofine. A análise é de rotina, durma descansado.*

Agora, que percorro as anotações da margem do livro, um empregado de bata cinzenta desembalou já, deecrto, a encomenda, no laboratório. De bata branca, um outro recuperou os fragmentos, fixou-os, cortou-os em fatias de fome, tingiu-os sobre lâminas e entregou-os ao microscopista. Este foca-os com os preceitos requeridos: tem diante do olho ou dos olhos, consoante seja ambiope ou não, uma estrutura que os corantes desnaturam. É pelas nuances que estes introduziram nos tecidos que *lê*, todavia, os sinais que hão-de permitir-lhe chegar a uma conclusão.

A várias léguas dele, eu estou fazendo algo de semelhante, mas com o romance. Só que estou inquieto, e ele não está. Para ele, o microscópio é uma lanterna mágica sem imprevistos, no caso. E as lâminas nem sequer têm nome: apenas as iniciais (dum vivo? dum morto?) que allenaram d e l a s qualquer sentimento humano. Mas este romance não foi só construido, não tem uma estrutura apenas, que os meus olhos tingem com este ou com outro matiz. Não me leva, apenas, a uma indagação de sinais que me requerem uma óptica. Este romance assusta-me de verdade, não reclama de mim uma reflexão tão só, comc *Os Desertores*. E eis que compreendo melhor o prefácio destes: o *blow-up* das estruturas, estéticamente considerado, não é ontologia (histologia, sociologia, cosmologia), é ontopeia — se é que há etimologia para isto. E isso reconduz o romance ao epos inicial, se bem que em termos (provisóriamente absurdos) de narrativa suspensa.

Um simples diário. Mas um simples diário complexo. Quem o escreveu? Como o escreveu? Há nele frazes a azul, a preto, a roxo. E cinco *dramatis personal* que umas ás outras se atribuem o desdobramento, a transposição imaginária do que cabe a cada uma delas — excepção feita (ou a fazer?)



«O melhor romance do trimestre...»

da que morreu. A página 115 é fulcro arbitrário de uma medida de espaço-tempo cuja relatividade não a irrealiza. Foi a partir de ela que o «diário» começou a ser escrito, ora para trás ora para diante?

Ou foi a ela a referência dum tecido conjuntivo, digamos, que ora é fio de colar que as pérolas vão esconder, ora farpa de agulha de *tricot* que só pela ausência subsiste no que teceu? Só a estrutura conta. Só a estrutura diz. Mas diz ou é dita? Não — só — porque a linguagem é que fala em nós: *que* somos nós? Digo *que* e não *quem*. Porque o *quem* é não sabermos (nem podermos) distinguir qual é o verosímil «autor» deste «diário»: se o *«outro» é quem nos olha*, o «eu» que nos fita do espelho quem é? e se é pelo *outro* que acedo aos confins de mim mesmo, quem está comigo quando, sózinho, me apreendo «eu»? Sim, há um *que* no *quem*. Ou um *que* sem *quem*, afinal, se todo o *quem* por *que*.

É isto uma lanterna mágica que o cinema anacronizou, como pretende Sartre? Mas que terá a ver o radar com o microscopio electronico? Será porque fixo e tinjo as estruturas, para as apreender, que nego a cinética em que são?

RECEBO o relatório do I. A. P. Coitado do homem, tem um adeno-carcinoma,a como já suspeitava. Para o anátomo-patologista, aquilo foi apenas uma fatia de fome vista em tecnicor por uma objectiva de ambiope ou não. Mas para mim é uma sucessão de atitudes a tomar, de actos a realizar. É operável? Onde, como e quando? Devo dizer-lhe a verdade, para o decidir? Devo esconder-lha, para o poupar? Terá recursos para pagar a *quem* o opere? Se os não tem, *que* destino vou dar-lhe? E *que* decidirá ou fará *quem* o opere? *Que* dizem as estatisticas sobre casos como este? *Que* habilitações, *que* experiência terá o cirurgião nesta matéria? *Que* escola segue? *Que* critério adoptou? *Que* imprevistos terá de enfrentar? *Que* pinça irá acaso agarrar, intempestivamente? *Que* firmeza terão as suas mãos, nesse dia? Terá perdido a noite? Doer-lhe-á um dente? Estará mal humorado com a mulher ou com os filhos? Com *que* então? Ou sem *que*, mas apático, hipotenso, triste? Com *que* sem *que*, portanto?

Eis-me perante outra estrutura. Mas que me cumpre dinamizar, fazendo a contagem de 115 para zero e premindo o botão que põe as almas em órbita. Ora de 115 para 195? Porque não? Não podia o doente ter-me vindo procurar um mês mais tarde? Não será o caso, afinal inoperável? Não me irá dizer o *outro:* antes quero morrer com todos do que sem alguns? Não se intrometerá a família: deixe-o acabar na paz do S e n h o r!? Não irá antes ao herbanário «curar-se» com um chá? Não lhe poderá dar, até, para se pendurar numa figueira? Quem calca o botão, em tais hipóteses? Quem escreve a ficha por mim?

Mas... sou eu, em qualquer caso, quem a escreve? Não foi o tal homem das iniciais quem me contou o que sente? As perguntas que lhe fiz não mas ensinaram a fazer? A mão que o palpou não andou numa escola? O instrumento com que lhe fiz a biópsia não foi fabricado, a mil e quinhentos quilómetros daqui, por um metalurgico que falava outra lingua? Os olhos e as mãos que fizeram a colheita não imitaram, apenas, os olhos e as mãos de *outros que* os ensinaram? E onde estava «eu», ao fazer aquilo, se até pensei: é o maior (disse maior ou melhor?) romance deste trimestre, quem sabe se do ano? E não se passou o mesmo com todos os intermediários que os fragmentos percorreram? *Quem* pôs a engrenagem em movimento, afinal: o homem da bata cinzenta, o da bata branca, o ambiope-ou-não? Ou *que:* a dor, o emagrecimento, o alarme?

O certo é que eu pensei, — recordando agora melhor: é o mais pequeno e o maior romance deste trimestre, talvez do ano. Ou não pensei, queria eu dizer: Tenho estado a inventar que o pensei, pois hoje é domingo, li o livro ontem á noite e não fiz, entretanto, nenhuma biópsia. Mas como havia eu de me reportar á lanterna mágica, ao cinema, ao microscópio electrónico, ao papão estruturalista e á perturbação que esta leitura me causou se não brincasse ao romancista *que* também (não) sou? Onde acaba o romance e começa o ensaio, neste livro? Que é *Bolor?* Estrutura inerte ou vida? Diz-me a Enciclopédia: «Nome genérico da vegetação criptogamica, especialmente os fungos *Mucor mucedo* e *Penicilum glaucum*, que se desenvolvem á superficie de matérias organicas em decomposição ou de corpos humidos». Metafóricamente: arrepiados corvos botanicos que não dão flor, isto é, não cantam. Ou, segundo a poesia de Carlos Oliveira, inscrita no pórtico: quartos desertos... — quartos desertados. Quartos em que só há «eus» fantasmáticos, sonambulos, que num tecido conjuntivo sustém: o do bolor agrafando os ocos, as brechas do cadáver. A frustração tácita escreve com *pena* colectiva. E ora nos traz á memória (não sei por

(Continua na página 7)

PORTUGÁLIA EDITORA

NOVIDADES E REEDIÇÕES

DO ULTIMATUM AO 31 DE JANEIRO (Esboço de História Política)

BASÍLIO TELES

Com a publicação deste notável ensaio de um dos grandes pensadores políticos da Republica enceta-se a publicação da série de «Obras de Basílio Teles». Da «Introdução», da autoria de Augusto da Costa Dias, extraímos: **«Do Ultimatum ao 31 de Janeiro»** é um dos grandes e poucos autênticos ensaios do pensamento político português» A título de curiosidade, lembra-se que da obra se fez em 1905 uma primeira — e até agora única! — edição.

OBRAS DE BASÍLIO TELES — 384 pp., 65$00

O ROUBO DAS SABINAS

ALMEIDA GARRETT

«Manuscrito garrettiano inédito» — diz muito do alto interesse bibliográfico desta edição, que oferece a **transcrição facsimilada** do original existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: um poema iluminista-libertino que o autor escreveu na juventude. Edição crítica enriquecida por um brilhante e exaustivo estudo de Augusto da Costa Dias: «O Jovem Garrett, esboço de ensaio sobre um vulto ignorado da filosofia portuguesa das Luzes».

OBRAS LITERÁRIAS DE ALMEIDA GARRETT — 288 pp., 65$00

POESIAS — II

JAIME CORTESÃO

A poesia de Jaime Cortesão é um dos não menos preciosos tesouros na vasta obra do genial historiador e grande Português. Este segundo tomo das **Poesias** vem somar-se aos anteriores volumes de um dos mais importantes empreendimentos editoriais registados entre nós: a publicação das «Obras Completas de Jaime Cortesão».

OBRAS COMPLETAS DE JAIME CORTESÃO — 284 pp., 60$00

CANTOS CATIVOS

ARQUIMEDES DA SILVA SANTOS

Cantos Cativos é o belo e significativo título que o seu autor, da geração do «Novo Cancioneiro», deu a estes poemas coligidos entre 1938 e 1958 Vinte anos de poesia, sombria na amargura do «canto cativo» esfuziante na crença da «canção de esperança»: vinte anos de «voz velada», «canto emudecido», «esperança presa» «mágoa tranquila», «ausência efémera» — itinerário simbólico de uma presença viva na nossa arte poética.

Colecção POETAS DE HOJE — 210 pp., 45$00

ÚRSULA MIROUET

BALZAC

Célebre entre os mais célebres romances de «A Comédia Humana», **Úrsula Mirouet** bastaria para fazer a glória de qualquer romancista. Com 9 títulos publicados, a edição portuguesa de «A Comédia Humana» consolida a sua afirmação de um grande cometimento editorial no nosso meio Tradução de João Pedro de Andrade, á altura da grandeza de **Úrsula Mirouet.**

A COMÉDIA HUMANA — 382 pp., 50$00

ANÁLISE DE BALANÇOS

DR. CARLOS DE MELLO

4.ª edição de um livro que, pelos fundamentos didácticos e clareza de exposição aliados a um constante aprofundamento da técnica contabilística do «Balanço», se impõe como uma obra indispensável a técnicos de contas, chefes de contabilidade, dirigentes de empresas, empregados de escritório, estudiosos.

Colecção ECONOMIA & FINANÇAS — 320 pp., 95$00

BIBLIOTECA JURÍDICA «ATLÂNTIDA»

NOVAS EDIÇÕES:

— Código da Contribuição Industrial

2.ª Edição

Anotada e Actualizada

por

João José Garcia de Freitas

e

Joaquim Soares Teles

Directores de Finanças

— O REGIME JURÍDICO DO IMPOSTO DE MAIS-VALIAS

por

ANTÓNIO MANUEL CARDOSO MOTA

Director de Finanças

Pedidos à ATLÂNTIDA EDITORA

COIMBRA